



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS –
DFCH COLEGIADO DO CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL –
CCCA

DENIS MARTINS ROCHA

CORRENTEZA

(Memorial Analítico-Descritivo; modalidade: Roteiro de Longa-Metragem)

Vitória da Conquista – BA

Novembro de 2022

DENIS MARTINS ROCHA

CORRENTEZA

(Memorial Analítico-Descritivo; modalidade: Roteiro de Longa-Metragem)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Silva Amorim.

VITÓRIA DA CONQUISTA –

BA 2022

DENIS MARTINS ROCHA

CORRENTEZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Silva Amorim.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Adriana Silva Amorim

Profa. Me. Patrícia Moreira Santos

B.el Raul Ribeiro Miranda dos Santos

Vitória da Conquista, 11 de novembro de 2022

AGRADECIMENTOS

Eis que aqui estou, terminando a graduação de nível superior em Cinema e Audiovisual.

Desse modo, quero agradecer aos meus familiares que contribuíram na minha jornada. Em especial a minha avó Maria e as minhas tias Antonia e Lucineide, sendo as minhas mãe-avó-madrinha e mães tias. Assim como a minha tia Meire, que sempre me acolhe com as suas delícias culinárias. Quero agradecer aos amigos e amigas que ao longo dos anos esteve ao meu lado, sendo colo e afeto. Em especial, a minha amiga-irmã Marittza Danielle que sempre me inspirou, acolheu e me incentivou. Agradeço também aos amigos e amigas que ganhei pelas ruas que o Cinema e o Audiovisual tem me levado, me mostrando a potência do afeto e da coletividade “que a gente é tanta gente, onde quer que a gente vá”.

Meus sinceros e profundos abraços aos meus mestres e mestras da graduação, que me atravessaram com seus conhecimentos, trocas, oportunidades e acolhimento. Sinônimos de admiração, talento e inspiração. Carinho enorme por cada um de vocês.

Um agradecimento especial para a professora Adriana Amorim e para o parceiro de profissão, Raul Ribeiro.

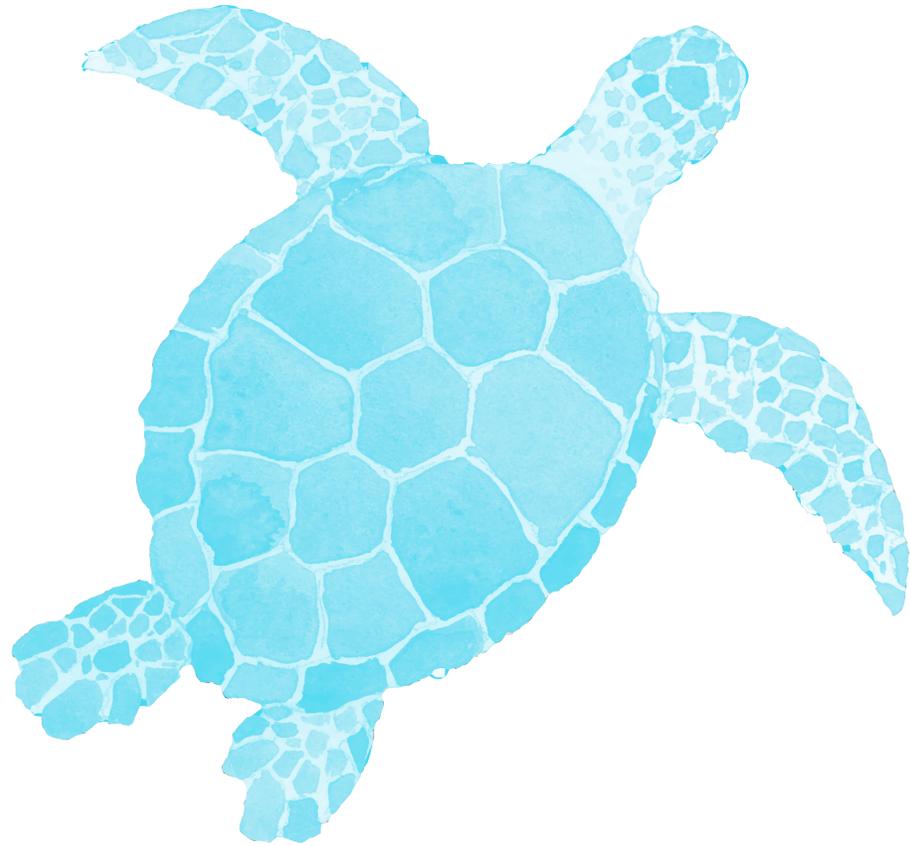
Muito obrigado ao pessoal da AOP, principalmente a Gleidiane por ter ouvido meus desabaços de alegria e desespero ao longo da escrita deste trabalho de conclusão de curso.

Agradeço também a Giovani, por ter surgido em meu caminho no segundo tempo dessa partida chamada TCC, sendo acalanto e fazendo lindos voos dentro do meu coração.

Quero agradecer aos meus professores e professoras que na minha caminhada em tempo de escola, me estimularam e me incentivaram para que eu pudesse um dia, ocupar um espaço numa universidade. Sinto um peso sobre as costas, quando paro e penso que de uma família de 16 tios e tias, 21 primos e primas, sou apenas o segundo da linhagem da minha avó paterna, família no qual me criei, a ter a oportunidade de poder conquistar um diploma de nível superior em um contexto familiar marcado pelo desfavorecimento social e pelo não acesso a educação básica escolar.

Nesse sentido, quero agradecer as políticas afirmativas, públicas e estudantis que me fizeram chegar até aqui. Quero agradecer ao Programa de Assistência Estudantil da UESB e ao programa Mais Futuro, pois sem esse suporte, teria desistido do curso no segundo semestre.

Avisa aí Vó, tem cotista formando! E que cota, não é esmola.



"Correnteza"

*Eu sou das água
Eu vim das água
Vou pras água, oh mar
Boçu me leva, oh mar
Boçu me leva, oh mar!*

Pisei nas Pedras/Sou das Águas – Ponto Br

RESUMO

O presente memorial analítico-descritivo refere-se ao Trabalho de Conclusão de Curso —Correnteza, um roteiro de longa-metragem de drama ambientado na Bahia. O estudo do Cinema Independente Brasileiro das três últimas décadas, as narrativas afro-brasileiras nas telas, e a representação de personagens negros em obras filmicas de longa-metragem, embasou a realização deste trabalho – um roteiro que pretende construir uma narrativa do gênero de drama explorando o cenário da cultura baiana de Salvador, tendo como protagonismo em sua maioria, personagens negros e negras. O projeto justifica-se na importância de contribuir na busca por outras narrativas e representações de personagens negros no cinema nacional, a fim de promover um rompimento dos estereótipos carregados de preconceitos raciais. O memorial relata o percurso de escrita do roteiro, contemplando as referências, as escolhas narrativas e o processo criativo.

Palavras-chave: Drama; Cinema Independente Brasileiro; Processo Criativo; Roteiro; Negritude.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1	Trecho do roteiro do filme “Durval Discos” (2002).	p. 16
Figura 2	Cartaz do Filme “Central do Brasil” (1998)	p. 19
Figura 3	Quantidade de Filmes Brasileiros Lançados.	p. 21
Figura 4	Perfil dos Roteiristas Brasileiros entre 2002 e 2014	p. 25
Figura 5	Violeta e Margarida, interpretadas pelas atrizes Aline Brune e Valdinéia Soriano, Filme Café com Canela (2017)	p. 28
Figura 6	Juliana, interpretada pela Grace Passô, Filme Temporada (2018)	p. 29
Figura 7	Deco (Lázaro Ramos), Karinna (Alice Braga) e Naldinho (Wagner Moura) no filme “Cidade Baixa” (2005)	p. 35
Figura 8	Cosmograma Bakongo.	p. 29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 REFLEXÕES SOBRE ROTEIRO, CINEMA BRASILEIRO E NARRATIVAS	13
1.1 A modalidade Roteiro	13
1.2 O Cinema Independente Brasileiro das Três Últimas Décadas	18
1.3 Narrativas Afro-Brasileira em Tela	21
2 O NASCIMENTO DE UMA IDEIA	26
2.1 Influências e Inspirações para Outra Narrativa	26
2.2 Uma Narrativa Baiana e Melodramática	29
2.3 Uma Referência Conceitual: Kalunga	30
3 CRIAÇÃO, ESTRUTURA E AS FERRAMENTA NO ROTEIRO	34
3.1 Processos de Criação: Da Logline ao Roteiro	34
3.2 Os Três Atos	38
3.3 As Ferramentas do Roteiro	39
3.4 Primeiro Tratamento	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE I – PROCESSO CRIATIVO INICIAL	48
APÊNDICE II – CRONOGRAMA DE ENTREGA	51
APÊNDICE III – LOGLINE, STORYLINE, SINOPSE	52
APÊNDICE IV – ESCALETA	55

INTRODUÇÃO

É muito significativo estar encerrando esse ciclo da graduação em Cinema e Audiovisual, defendendo um projeto de escrita de roteiro.

A paixão por querer escrever histórias foi um dos motores que me fizeram decidir cursar Cinema e Audiovisual. Vindo de uma casa onde a televisão aberta era a rainha do lar, foi de frente a ela que passei parte da minha infância com os olhos vidrados e conhecendo o mundo. TV Globinho, Bom dia e Companhia, Programa da Xuxa, Sítio do Pica Pau Amarelo, Vídeo Show. Novela das três, novela das seis, novela das sete, novela das nove. Era em frente a ela que a minha avó e as minhas tias se reuniam para descansar e para contar os “casos”.

Fascinado com a arte de se emocionar e criar histórias, me lembro aos oito para nove anos deitado no chão da cozinha da minha avó Maria, tentando escrever uma "história" que nada mais era do que uma reprodução de uma das histórias que tinha ouvido a professora na escola contar. Não bastasse a televisão e os livros ilustrados infantis que levava emprestado da escola para casa, a paixão por histórias crescia em meio às atividades teatrais que os professores e professoras passavam como uma das atividades avaliativa do final do ano... Já era a partir da quinta série, atual sexto ano, passávamos meses envolvidos com essas histórias na cabeça: Cinderela, Alice no País das Maravilhas, A Bruxinha que Era Boa, Romeu e Julieta.

Aos catorze anos comecei a rabiscar algumas histórias, que eram mais uma mistura das novelas com as séries que eu via e que me emocionavam. Em meio a esses rabiscos maus escritos, ainda puxava os amigos e amigas e o meu irmão mais novo para conhecer as palavras e as ideias que vagavam pela minha cabeça. Ainda na adolescência peguei um caderno de desenho técnico que meu pai havia comprado para mim e transformei em um caderno de escrever histórias. Na mesma época, as plataformas Wattpad e Widbook começaram a crescer e fazer sucesso entre as pessoas apaixonadas por literatura, publicando contos e livros de forma digital. Assim, aos dezesseis anos, ao entrar no meu primeiro trabalho, uma das coisas que fiz foi comprar o meu primeiro computador, que era um notebook, com objetivo de escrever e ler.

Hoje sendo um jovem adulto continuo a rabiscar algumas histórias, assim como, continuo como um grande apaixonado em conhecer histórias através de filmes, peças de teatro, séries, livros, gente.

No exercício de escrever, tenho me interessado principalmente e em sua maioria, nos últimos anos, pela escrita de roteiros audiovisuais. Desse modo, só passei a começar a conhecer as técnicas e as ferramentas do roteiro, ao longo da minha formação em Cinema e Audiovisual. De forma semelhante, só passei a começar a refletir acerca da função das histórias, nesse mesmo período.

A arte de contar histórias atravessa a humanidade desde dos tempos primórdios. Os seres humanos na época da caverna, já contavam e registravam os acontecimentos presentes no dia a dia, através do que chamamos hoje de arte rupestre. Ao longo do tempo, a arte de contar histórias ganhou diferentes ferramentas e meios, para além da oralidade. Uma mesma história hoje pode ser contada através da oralidade, do livro ou texto, encenação teatral, filme. Isso, sem entrar nas outras expressões artísticas, no qual é possível encontrar também narrativas. Assim, a arte de contar e ouvir histórias é algo fundamental da vida humana.

Algumas pessoas que debruçam a pensar e refletir a respeito da arte de contar histórias, apontam que esta é uma atividade necessária para a existência ou até mesmo, uma maneira de suportar a vida. É através das histórias que podemos conhecer mais sobre nós, tanto de forma individual como coletiva, uma vez que ajudados pela memória e pela imaginação, somos capazes de se emocionar, reconhecer sensações, encontrar questões próprias ou do coletivo, experimentar outras experiências. Desse modo, muito das narrativas contadas em diferentes lugares do mundo, tem seu fundamento nas narrativas de tradição oral: cantigas, poemas, mitologia, lendas, fábulas, entre outras.

Ainda buscando compreender os sentidos da arte de contar e ouvir histórias, principalmente acerca das histórias de ficção, algumas pessoas que pesquisam acerca da importância da ficção, chegam a dizer que a fantasia e a capacidade de ver e rir de absurdos, melhoram a qualidade de vida de uma pessoa. Se remetermos ao período da Grécia Antiga, iremos encontrar para alguns casos bastante específicos, recomendações terapêuticas para que fossem assistir às longas encenações gregas, com o objetivo de realizar o processo de purgação dos sentimentos através da catarse (ARISTÓTELES, 2008).

Nesse sentido, o papel que a ficção desempenha em nossa vida ultrapassa as questões de dimensão psicológica, reverberando também, em outras instâncias da sociedade. Muitas obras ficcionais ao longo dos séculos, serviram de influências para a criação de novos pensamentos,

princípios, comportamentos, costumes, tecnologias entre tantas outras coisas. É através da ficção que criamos outras realidades e mundos possíveis.

Antônio Cândido, afirma no livro *O Direito à Literatura*:

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. Alterando um conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. (...) Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. (CÂNDIDO, 2004, pág. 175)

Apesar do autor citar apenas a literatura, podemos pensar a partir desse trecho outras expressões artísticas no qual a arte de contar histórias de ficção se encontra também presente: teatro, cinema, televisão.

Podemos compreender desse modo, a importância e o sentido que existe por trás do ato de criar histórias, tramas e personagens, no mundo cinematográfico da ficção. Apaixonado por essa área de criação de histórias, decidi realizar como trabalho de conclusão, um roteiro de longa-metragem intitulado de *Correnteza*. Durante esses quase quatro meses de elaboração e escrita do projeto, pude ter a oportunidade de experimentar o processo criativo de uma ficção cinematográfica, no qual estarei relatando nas próximas páginas deste memorial analítico-descritivo.

No primeiro capítulo, busco trazer inicialmente uma reflexão sobre a modalidade roteiro, abordando a relação histórica geral e debruçando sobre o paradigma da estrutura clássica, incluindo a dinâmica narrativa de 8 sequências. Procurando também conceituar a definição geral de roteiro, ao mesmo tempo, apontar os princípios básicos que constituem a escrita de um roteiro. Em seguida, busco estabelecer um pensamento sobre as narrativas do Cinema Independente Brasileiro, fazendo um breve panorama a partir do Cinema da Retomada, destacando a estética desses filmes e as representações contidas nessas obras. Já no terceiro tópico, me interessa fazer um recorte sobre as narrativas afro-brasileiras do cinema nacional, tendo como foco, as novas narrativas negras contemporâneas da produção independente e o seu marco a partir de 2017.

No segundo capítulo, procuro relatar com mais detalhes acerca do meu processo criativo do roteiro de longa-metragem *Correnteza*. Busco descrever as minhas principais inspirações

influências e referências que serviram de impulsos criativos para a escrita deste trabalho. Além disso, tento descrever como o desejo de construir o roteiro de *Correnteza* surgiu em mim, relatando todas as etapas e processos, até chegar finalmente na escrita do roteiro.

No terceiro e último capítulo, tento estabelecer uma dinâmica entre alguns conceitos apresentados no primeiro capítulo em relação ao roteiro de longa-metragem *Correnteza*. Dessa forma, procuro identificar o gênero e o subgênero da narrativa, reconhecendo outras obras audiovisuais produzidas no mesmo contexto regional. Ainda no terceiro capítulo, busco mostrar o paradigma dos três atos presente no roteiro e grifar algumas das ferramentas de roteiro utilizadas. Enquanto no último tópico, faço uma reflexão sobre a escrita do primeiro tratamento de um roteiro.

1. REFLEXÕES SOBRE ROTEIRO, CINEMA BRASILEIRO E NARRATIVAS

1.1 A modalidade Roteiro

Poderia iniciar esse capítulo, já trazendo uma definição inicial do que é roteiro. Assim como respondendo a função e o objetivo dessa ferramenta nas produções audiovisuais. Contudo, ao invés disso, decido inicialmente buscar as primeiras bases conceituais onde o roteiro se encontra essencialmente embrenhado da sua origem, quando se trata do mundo ocidental. Desse modo, falar de roteiro no ocidente sem antes recorrer às suas bases filosóficas, é ignorar toda uma história longa e de séculos, de dramaturgia.

Escrito no século IV a.c. em a Poética, Aristóteles faz uma análise acerca da tragédia grega. Embora também cite a comédia, essa não se encontra presente no livro devido às perdas que a obra teve ao longo dos milênios.

O conceito de tragédia é constituído no livro, sendo a imitação de uma ação.

O mais importante é a maneira como se dispõem as ações, uma vez que a tragédia não é imitação de pessoas e sim de ações, da vida, da felicidade, da desventura; mas felicidade e desventura estão presentes na ação, e a finalidade da vida é uma ação, não uma qualidade. Os homens possuem diferentes qualidades, de acordo com o caráter, mas são felizes ou infelizes de acordo com as ações que praticam. Assim, segue-se que as personagens, na tragédia, não agem para imitar os caracteres, mas adquirem os caracteres para realizar as ações. Desse modo, as ações e narrativas constituem a finalidade da tragédia. (ARISTÓTELES, 2008, pág. 44)¹

É na Poética que iremos ter as primeiras reflexões e escritos a respeito sobre a escrita criativa. Nessa obra, se encontram as ideias de *katharsis*, enredo, unidade, ação, totalidade, verossimilhança, necessidade, peripécia, reconhecimento, personagens, início, meio e fim. Apesar desses conceitos terem sido criados para pensar a narrativa do teatro grego em tal época, a estrutura clássica, também conhecida como arquitrama, se encontra impregnada desses princípios até os dias de hoje. Atravessando o tempo e os séculos, a estrutura clássica se encontra presente em inúmeras peças teatrais, livros literários e roteiros cinematográficos.

Entretanto, é importante salientar que esta estrutura não se constitui como apenas a única em nenhuma dessas linguagens artísticas. No caso do cinema e do roteiro em específico, existem tantas outras estruturas e modos de narrar um filme, que fogem desses moldes convencionais.

¹ Ainda que seja usado o termo “homem”, é importante compreendermos o contexto machista da sociedade grega nessa época no qual o autor se encontra inserido. Ao invés de lermos a palavra “homem” podemos fazer uma leitura trocando por “ser humano”, por se constituir um termo que engloba toda a pluralidade humana.

Por uma questão de escolha neste trabalho, me concentro a debruçar na estrutura clássica.

Segundo Syd Field, o roteiro pode ser definido como uma “história contada em imagens, diálogo e descrição, dentro do contexto de uma estrutura dramática”. Desse modo, o roteiro é também a ferramenta que comunica em detalhes a narrativa do filme para toda a equipe, desde aos atores e atrizes, até aos investidores ou financiadores, antes mesmo de ser gravado. Além disso, é na etapa de desenvolvimento de roteiro que a história que se pretende levar para as telas, consegue ao máximo ser trabalhada, retirando excessos, revisando, melhorando as fragilidades narrativas, modificando e aumentando as potencialidades de personagens e tramas. Através do roteiro, é possível também fazer um planejamento executivo completo, chegando numa estimativa geral de orçamento necessário para a realização do projeto.

Com o surgimento do cinema sonoro entre 1920 e 1930, os filmes passaram a ter a necessidade de terem roteiro. Na indústria hollywoodiana, os primeiros roteiristas vieram dos palcos de teatro, literatura e do jornalismo. Nesse contexto, o roteiro passou a se tornar uma ferramenta indispensável nesse modelo de produção, uma vez que possibilitava decupar a história, sistematizar a continuidade narrativa, indicar como e o que deveria ser filmado.

Na contemporaneidade brasileira, o roteiro tem cada vez mais passado a conquistar espaço no setor audiovisual. Sendo notório o uso dessa ferramenta na produção de peças publicitárias, em programas de entretenimento, curtas-metragens, vídeos de youtube, documentários, séries, novelas, filmes, etc. Mesmo compreendendo que existem especificações técnicas e processos diferentes de roteirização em cada segmento desse, a essência do que se constitui um roteiro audiovisual se encontra presente em ambas. Além disso, pesquisas acadêmicas, especializações, cursos livres, têm crescido e concentrado a atenção sobre o estudo e a formação em roteiro no Brasil.

Compreendendo a importância da etapa de desenvolvimento de um filme que integra primordialmente a escrita do roteiro, muitos editais públicos brasileiros, vem contando com linhas específicas para a fase de desenvolvimento. Juntamente, ações laboratoriais formativas para projetos de roteiro, tem se consolidado em todo o país, se tornando principalmente, um agente fundamental no cinema brasileiro independente.

Tendo em vista esse breve panorama geral e histórico que o roteiro se encontra inserido no cinema, podemos pensar como um roteiro de ficção, clássico, é constituído.

De acordo com o livro Manual do Roteiro de Syd Field, o paradigma do roteiro é com-

posto de três Atos. O Ato 1 é o fragmento no qual se encontra a apresentação da história, universo ficcional, personagens, a premissa, a situação dramática, a relação entre os personagens. Nessa perspectiva, é no primeiro ato que se encontra o incidente incitante que provoca no protagonista a necessidade de querer alguma coisa, sendo assim em linhas gerais, a jornada desse “querer” que iremos acompanhar no próximo ato.

No Ato 2 o protagonista irá enfrentar conflitos e obstáculos, para tentar conquistar aquilo que tanto deseja. É o momento em que aquilo que o personagem deseja e o que o personagem necessita, é colocado à toda prova. Syd Field afirma: "Todo drama é conflito. Sem conflito não há personagem; sem personagem não há ação; sem ação, não há história; e sem história não há roteiro”.

Enquanto no Ato 3, se constitui o fragmento da resolução da história. Nessa parte, o protagonista alcança ou não o seu objetivo, no qual acompanhamos também o desdobramento que a jornada gerou para o personagem.

Sobre esse paradigma, Syd Field aponta:

O paradigma é uma forma, não uma fórmula. Forma é o que contém algo; é estrutura, é configuração. A forma de uma capa ou jaqueta, por exemplo, compõe-se de duas mangas, a frente e as costas. E dentro dessa forma de duas mangas, frente e costas, pode-se ter qualquer variação de estilo, material e cor, mas a forma permanece intacta. Uma fórmula, entretanto, é totalmente diferente. Numa fórmula, certos elementos são montados de maneira a saírem exatamente iguais sempre. Se coloca essa capa numa linha de montagem, cada capa será sempre exatamente a mesma, com a mesma estampa, mesmo material, mesma cor, mesmo corte. Ela não mudará, exceto pelo tamanho. O paradigma é uma forma e não uma fórmula; é o que mantém a história coesa. A espinha dorsal, o esqueleto e a história é que determinam a estrutura; a estrutura não determina a história. (FIELD, 2001, pág. 17)

A partir desse parâmetro, podemos visualizar a divisão do roteiro em atos numa dimensão macro. Até chegar a menor partícula, temos a estrutura; ponto de virada; sequência; cena e finalmente, o *beat*. Dessa forma, a estrutura constitui uma série de acontecimentos na história dos personagens, organizada de modo estratégico para provocar emoções e estabelecer um ponto de vista. Por outro lado, o ponto de virada cria mudanças na história e conduz a vida dos personagens em outra direção. Já a sequência, é um conjunto de cenas que culmina em um acontecimento dramático. Enquanto a cena se constitui como a unidade dramática do roteiro, em um mesmo tempo e situado numa mesma localização, onde uma parte do drama ocorre. *Beat* é a menor partícula presente numa cena, constituindo o ponto que faz a narrativa dramática avançar.

Nesse sentido, é importante destacar como a cena de roteiro cinematográfico geralmente é composta tendo cabeçalho, descrição e diálogo. Antes de abrir uma cena, é indispensável o cabeçalho contendo informações, sinalizando se a ação dramática presente acontece numa área externa ou interna; a locação; se é diurno ou noturno. Já a descrição, são pequenos textos simples que descreve as ações e movimentações essenciais dos personagens, dentro da unidade dramática, a cena. Enquanto o diálogo, é onde se concentra as falas dos personagens.

```

INTERNA / DURVAL DISCOS / DIA

ENTRAM OUTROS CRÉDITOS SOBRE ESTA CENA. A MÚSICA CONTINUA.

DURVAL ESTÁ PARADO NA SUA LOJA DE DISCOS, ESPERANDO
CLIENTE. ELE FUMA UM CIGARRO. A LOJA É PEQUENA E
EMPOEIRADA. PARECE QUE NUNCA ENTRA SOL. POSTERS
PROMOCIONAIS ROTOS ENFEITAM A PAREDE. DURVAL FICA PARADO.
ENTRA UMA SKATISTA. DURVAL ABAIXA A MÚSICA E SE RECOMPÕE.

                CLIENTE 1
                Boa tarde.

                DURVAL
                Boa tarde.

                CLIENTE 1
                Tem aquela do... X?

DURVAL LEVANTA E PEGA O DISCO EM LP. ENTREGA AO CLIENTE.

                CLIENTE 1
                Disco? Não. Eu quero o CD.

```

Figura 1: Trecho de cena do roteiro do filme Durval Discos. Fonte: Site Roteiro de Cinema

Na escrita do roteiro, a estrutura narrativa é um mecanismo que auxilia na organização dos acontecimentos e na construção emocional da história. É o esqueleto que sustenta internamente os “braços” e as “pernas” da narrativa, tornando única e alcançando uma dimensão universal. Partindo desse princípio, ela tem a capacidade de conectar o filme com os diferentes modos da experiência humana, possuindo assim, diversas estruturas narrativas. Neste trabalho, me concentro na estrutura de 8 sequências, também conhecida como *Sequence Approach*.

A estrutura de 8 sequências surge baseada nas dinâmicas de projeções filmicas que remete a época do cinema mudo no início do século XX. Nesse período, as projeções eram exibidas sequencialmente na tela a partir de um conjunto de rolos de películas, tendo cada uma em média

de 10 a 15 minutos, constituindo um único filme. Desse modo, o mecanismo da estrutura de 8 sequências divide o roteiro em oito sequências dentro do paradigma dos três atos, sendo cada sequência uma espécie de microfilme contendo ao final um ponto de virada. No Ato 1, tem as sequências 1 e 2. Enquanto no Ato 2 tem as sequências 3, 4, 5, 6. Já no Ato 3 tem as sequências 7 e 8 (JAQUELINE M. SOUZA, 2020).

Na sequência 1 o universo ficcional e os personagens são apresentados no mundo comum onde habitam, estabelecendo as leis e as regras. Ao final dessa sequência, temos o primeiro ponto de virada conhecido também, como o incidente incitante. Na sequência 2, o universo e os personagens são aprofundados revelando mais aspectos desse mundo ficcional e as relações entre o protagonista com os outros personagens, apontando as condições que levam o protagonista a embarcar na trama principal. Dentro do segundo ato, a sequência 3 é onde se concentra as primeiras tentativas de solucionar o problema, através de caminhos mais fáceis. Entretanto, na busca dessa resolução de forma mais simples, o protagonista encontra ao fim dessa sequência que não será tão fácil resolver o problema, ou mesmo, jogando o protagonista em outro. Na sequência 4, os obstáculos começam a se tornarem ainda maiores, fazendo o protagonista tomar medidas mais extremas. Tentando colocar o plano em ação, o problema se complica ainda mais, gerando frustrações e dificuldades. Ao final dessa sequência, temos o *MidPoint*, tornando a história mais complexa. Enquanto a sequência 5, é caracterizada pelo momento de respiro na vida do protagonista, momento de reorganização das estratégias. É geralmente nessa sequência que o protagonista e seu interesse amoroso se aproximam de uma forma mais íntima. Na sequência 6, o protagonista alcança o ponto mais alto dos obstáculos tentando colocar um novo plano em ação. Após quase ser destruído, o protagonista tem uma revelação no final da sequência. Na sequência 7, é onde acontece uma falsa resolução que nos leva acreditar em um possível final. Depois de ser direcionado para o real final, temos a sequência 8.

Assim, o roteiro cinematográfico é uma ferramenta complexa composta por diferentes elementos com o objetivo de contar uma história através de descrição de imagens, diálogo e ação.

1.2 O Cinema Brasileiro das Três Últimas Décadas

Após uma longa interrupção da produção de filmes no Brasil, os anos 2000 é marcado pelo crescente início das atividades cinematográficas no país. Diante do fechamento da Embrafilme e do desmonte do cinema durante o governo de Fernando Collor de Mello, o cinema brasileiro viveu um período de escassez. É na década de 90 que as leis de incentivo fiscal à cultura, começaram a ser construídas mudando os horizontes do cinema nacional.

O cinema brasileiro volta a produzir e exibir seus filmes, conquistando públicos e circuitos de exibição. Nesse contexto, muitos dos primeiros filmes produzidos nessa conjuntura, em sua maioria, tinham ligações com a Embrafilme e não possuíam um gênero em específico. Nessas primeiras produções fílmicas, se tornou latente um estilo tendencioso do cinema brasileiro, caracterizado pela mistura e diversidade de gêneros, mostrando uma variedade indefinida de temáticas e estéticas, sem compromissos de continuidade com os movimentos cinematográficos brasileiros, anteriores. É nesse período que são produzidos e lançados os filmes: *A Terceira Margem do Rio* (Nelson Pereira dos Santos, 1994), *Alma Corsária* (Carlos Reichenbach, 1994), *Capitalismo Selvagem* (André Klotzel, 1994), *Veja esta Canção* (Cacá Diegues, 1994), *Carlota Joaquina* (Carla Camurati, 1995), *Tieta* (Cacá Diegues, 1996), *Terra Estrangeira* (Walter Salles e Daniela Thomas, 1995), *Guerra de Canudos* (Sérgio Resende, 1997) *Central do Brasil* (Walter Salles, 1998) e *A hora Mágica* (Guilherme de Almeida Prado, 1998).

Sidney Ferreira, afirma:

Os filmes da “retomada”, mesmo quando têm como cenário de seus roteiros ambientes socialmente degradados, especialmente o sertão ou a favela, desenvolvem uma narrativa melodramática. O enfoque recai sobre dramas individuais, os aspectos sociais mais amplos são obliterados ou colocados em plano secundário. Em outras palavras, as mazelas e contradições da sociedade brasileira servem apenas de moldura, não são discutidas. No entanto, abordar as chagas sociais do país agrega às produções recentes do cinema nacional uma espécie de chancela de qualidade intelectual e artística - em alguns casos a miséria e a violência se transformam em simples entretenimento. (FERREIRA, 2005, pág. 132)

Uma das obras fílmicas mais representativas desse contexto de retorno das produções, é o filme *Central do Brasil* dirigido por Walter Salles, lançado em 1998. Numa mistura de melodrama, e *road movie*, a narrativa percorre uma profunda viagem do litoral para o interior do Brasil, revelando as contradições sociais e econômicas do país. Na trama, Dora é uma aposentada

no qual trabalha escrevendo cartas para pessoas que não sabem ler e nem escrever, na Central do Brasil no Rio de Janeiro. Enquanto Josué é um garoto que sonha em conhecer o pai que mora no nordeste e por isso, ele e a mãe, pedem a Dora para escrever uma carta para o pai, Jesus. Após perder a mãe de forma trágica, Josué fica vagando sozinho pela estação. Depois de uma série de acontecimentos, Dora decide seguir para o interior do país com o garoto Josué, em busca do pai.

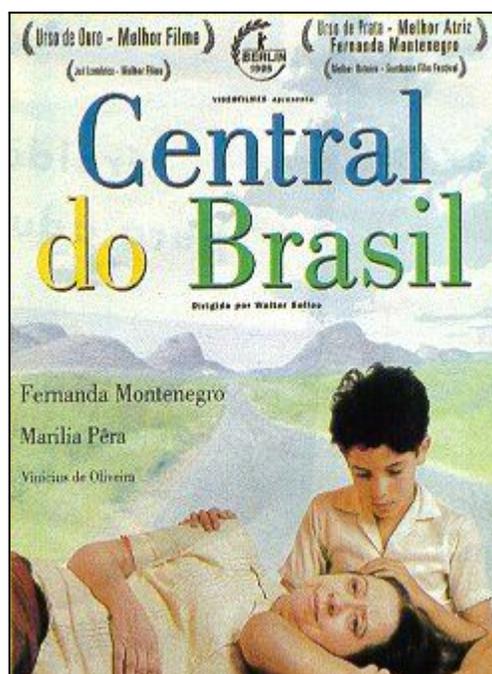


Figura 2: Cartaz do filme Central do Brasil. Fonte: Site AdoroCinema

Nesse cenário de retorno às produções cinematográficas, o filme Central do Brasil se tornou um clássico do cinema brasileiro independente da época, tornando-se simbólico para o momento de inauguração da nova estética. Mesmo tendo raízes no Cinema Novo e nas influências naturalistas, o modo de tratar as questões sociais do país passaram a ganhar outros estilos e expressões.

Muitos dos filmes da retomada, passaram a ocupar espaços internacionais. Em períodos muitos próximos, três filmes conseguiram a indicação para concorrer ao Oscar, na categoria de melhor filme estrangeiro. Com a entrada das obras em outros países, predominou-se filmes de

drama, conflitos cotidianos, questões melodramáticas e sociais. Diante do alcance do cinema independente brasileiro, aumentou os investimentos em publicidade para que as produções pudessem conquistar ainda mais públicos e conseqüentemente, gerando também mais receita, para os envolvidos. É o caso dos filmes *Carandiru* (Héctor Barbenco, 2003), *Lisbela e Prisioneiro* (Guel Arraes, 2003), *Cidade de Deus* (Kátia Lund, Fernando Meirelles 2002), *O Caminho das Nuvens* (Vicente Amorim, 2003) e *Cazuza* (Sandra Werneck, Walter Carvalho, 2004).

Enquanto de um lado o cinema nacional necessitava sobreviver em um mercado com poucos investimentos privados, de outro, produções pela Globo Filmes sendo sucesso de grandes bilheterias. Tendo as janelas de comunicação para divulgação das obras, a Globo filmes consolidou uma estratégia de marketing na distribuição das suas próprias produções, alcançando um enorme público. Nesse sentido, pensar o Cinema Brasileiro a partir dos anos 2000, é falar também acerca da quantidade expressiva das produções da Globo Filmes.

Após o III Congresso Brasileiro de Cinema, a Agência Nacional do Cinema (ANCINE) foi criada em 2001 com o objetivo de regulamentar a atividade, fiscalizar as leis, fomentar a produção e promover a indústria cinematográfica nacional. Junto com a Lei do Audiovisual nº 8.685/93, os avanços no cinema brasileiro são evidentes ao comparar o contexto anterior e o cenário posterior à criação desses mecanismos. Durante os anos 60 a 90, foram produzidos cerca de 390 filmes, enquanto entre 1993 até 2016, foram exibidos comercialmente 3.518 filmes nacionais

Em uma época no qual o país podia contar com um governo federal comprometido com a cultura e com as políticas públicas e que compreendia de uma maneira sensível a importância do Cinema e do Audiovisual para a sociedade, até 2016, as produções brasileiras vinham numa constante crescente. Através da Ancine e do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) houve chamadas públicas direcionadas para a produção, exibição, distribuição e para desenvolvimento de obras.

É nesse período que o roteiro cinematográfico ganha ainda mais, no Brasil, iniciativas expressivas voltadas para essa área em específico, através de editais e chamadas de desenvolvimento, chegando a contar de forma pontual com editais para núcleos criativos de desenvolvimento de roteiro.

Durante quase três décadas, o cinema brasileiro produziu grandes filmes de destaque.

Além da obra mencionada, *Central do Brasil* (Walter Salles, 1998) outras produções foram indicadas para concorrer a premiações em outros festivais de cinema pelo mundo, sendo o caso do *Auto da Compadecida* (Guel Arraes, 2002), *Cidade de Deus* (Kátia Lund, Fernando Meirelles 2002), *Carandiru* (Héctor Barbenco, 2003), *Tropa de Elite* (José Padilha, 2007), *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho* (Daniel Ribeiro, 2014), *Que Horas Ela Volta?* (Anna Muylaert, 2015), *Bacurau* (Kleber Mendonça, 2019). Dentro dessas setes obras, duas se encontram eleitos pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) entre os 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos.

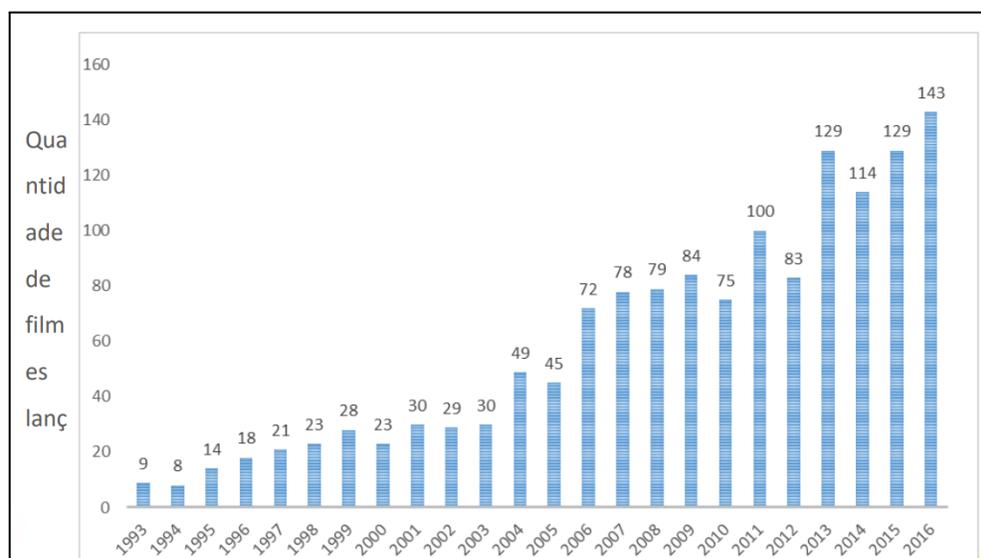


Figura 3: Quantidade de filmes brasileiros lançados. Fonte: Revista Anagrama (2017)

1.3 Narrativas Afro-brasileiras nas Telas

Tendo o Brasil uma pluralidade imensa de povos, é inevitável não fazer um recorte das narrativas afro-brasileiras no cinema nacional. Compreendendo a complexidade histórica e social do Brasil, podemos sentir que o país está longe de viver uma democracia racial. Dentro do audiovisual, é perceptível a crescente discussão nos últimos anos a respeito do racismo estrutural que se embrenhou e ainda se embrenha, em muitas representações de pessoas negras na tela, assim como se encontra presente, na configuração daquelas que detêm o capital e as ferramentas

de produção, historicamente.

Ao estabelecermos uma linha do tempo do cinema brasileiro do século XX, iremos encontrar grandes talentos negros que marcaram as telas. Entre esses ícones, se encontra o ator Grande Otelo que emprestou seu corpo e voz para vários personagens da época. De outro lado, temos a majestosa Ruth de Souza driblando os obstáculos no teatro e na televisão brasileira para conquistar o seu espaço, chegando a ser a primeira brasileira indicada a um prêmio internacional de cinema. Contudo, apesar de seus enormes talentos, muitos dos personagens dados para Grande Otelo e Ruth de Souza nessa época, se encontravam em obras que afirmavam fortemente, os estereótipos e preconceitos raciais, que vagavam pela subjetividade brasileira. Desde retratando de formas infantilizadas; personagens sem caráter e preguiçosos; eugeniização; pessoas brancas salvadoras; pessoas negras como objeto sexual, *blackface*.

Nesse contexto, no Brasil vai ser no Cinema Novo as primeiras tentativas de pensar e quebrar com tais representações. Em 1970, Zózimo Bulbul, tanto como ator como diretor, busca resgatar a valorização da cultura negra brasileira. Ele dirige o curta “Alma no Olho” (1974) trazendo uma reflexão sobre a chegada dos africanos escravizados no Brasil. Catorze anos depois, Zózimo Bulbul vai produzir o curta documentário “Abolição” (1988) propondo um pensar crítico do 13 de maio de 1888. Em 2007, ele que fundou o Centro Afro Carioca de Cinema no Rio de Janeiro, com o objetivo de valorizar a produção cinematográfica brasileira, africana e caribenha como um ato social de transmissão de sabedoria, formação técnica e artística, profissionalização e inclusão no mercado de trabalho.

Carvalho e Domingues, apontam:

Com efeito, a problemática racial não foi negligenciada pelo contexto de revisão críticas, inflexões e demarcações de fronteiras instituídas pelo Cinema Novo. Os cineastas e críticos ligados ao movimento rejeitavam a maneira como as chanchadas encenavam as relações raciais no Brasil: os artistas brancos ocupavam o primeiro plano e o ator negro (como Grande Otelo, Colé, Blecaute) assumia um papel secundário e não raras vezes estereotipado. Os cinemanovistas também abominavam a forma como as produções da Vera Cruz enforcavam as relações raciais, já que os negros amiúde ficavam ausentes das películas ou somente atuavam em pontos subalternos. (CARVALHO e DOMINGUES, 2017)

Apesar de ter iniciado um caminho de reflexões e de experimentações para romper com os estereótipos dos corpos negros nas narrativas durante o Cinema Novo, anos depois, na retomada

do cinema brasileiro, tais problemáticas ainda permaneceram bastante presentes nas produções filmicas. Em alguns casos, continuou a manutenção desses estereótipos nas narrativas, não somente no cinema brasileiro dos anos 2000, mas também e principalmente, nas telenovelas. Baseado em ideias racistas, o audiovisual desse período ainda insiste em criar e manter personagens segundo a perspectiva de que pessoas negras, são quase sempre restritas a lugares de favelados, sexualizados, empregada doméstica, malandro, corrupto, ladrão, agressivo e violento.

Assim, personagens negros e negras são enquadradas em posição de estereótipos, repletos de concepções preconceituosas e de submissão.

Desse modo, essas formas de representação e tendo como plano de fundo a violência, conseguem ultrapassar as fronteiras do país chegando até se tornar um gênero bastante atrativo para os estrangeiros, revelando assim, um certo imaginário da época.

Sidney Ferreira aponta:

De uma forma geral, os espectadores europeus e norte-americanos esperam que os filmes brasileiros exibam a violência que marca o dia-dia das grandes cidades brasileiras. Os críticos europeus estão condicionados a ver as produções brasileiras como cinema social, radical e violento e, quando isso não acontece, os filmes não recebem atenção. Nessa mesma perspectiva, a curadora Diana Sanchez sustenta que a violência pela violência contida em produções como Cidade de Deus surpreendeu o público internacional que deseja assistir produções brasileiras que sigam essa linha. Essa percepção alcançou os Estados Unidos e o filme brasileiro recebeu quatro indicações para o Oscar, fato inédito. Assim, filmes que fogem desse modelo, como por exemplo, O Homem que Copiava, que retrata a vida de pessoas comuns, não são bem vindos. (FERREIRA, 2005, pág. 134)

Por outro lado, a ausência de pessoas negras no setor audiovisual brasileiro, evidencia a visão de determinados grupos predominantemente que vem construindo as narrativas no audiovisual. Uma pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (GEMA) vinculado a Universidade Estadual do Rio de Janeiro, fizeram um mapeamento dos filmes mais vistos entre 2002 a 2014 buscando constatar a diversidade de gênero e raça. A pesquisa mostrou que em relação a cor de pele dos personagens, a porcentagem se divide: (65%) branca, (18%) preta, (14%) parda, (2%) não identificada e (1%) indígena ou amarela. Além disso, por detrás das câmeras os números apontam uma desigualdade que alcança lugares absurdamente discrepantes nesse período que a pesquisa foi realizada: (80%) tem como realizadores brancos, (14%) mulheres brancas, (2%) homens negros e (0%) mulheres negras. Mais tarde, em 2016, a ANCINE realizou um estudo pela superintendência de Análise de Mercado, sobre Diversidade de Gênero e Raça, nos lançamentos de 2016, confirmando as pesquisas apontadas pelo GEMA.

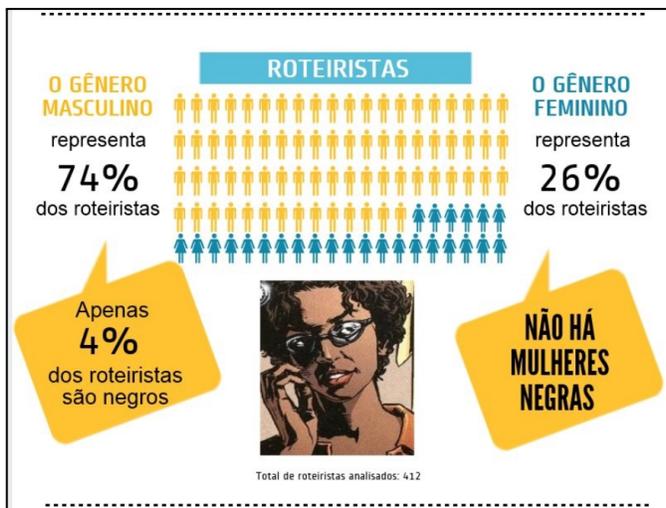


Figura 4: Perfil dos Roteiristas Brasileiros entre 2002 e 2014. Fonte: Site do GEMA

Ao passar dos anos, muitas discussões, pensamentos, políticas afirmativas e públicas, passaram a fazer parte da sociedade brasileira, contribuindo também para os rumos das narrativas afro-brasileiras nas telas, assim como para a presença de pessoas negras na frente e por trás das câmeras. Na última década, o cinema brasileiro vem se tornando cada vez mais consciente desta problemática histórica, que se arrasta pela sociedade e também no cinema nacional. Em 2017 no Festival de Cinema de Brasília, se tornou um marco dessa nova fase do cinema do país. A exibição e o debate acerca do longa-metragem *Vazante* (Daniela Thomas, 2017), que aborda as relações sociais e familiares na primeira metade do período escravocrata do século XIX, foi o ponto alto para pensar acerca das representações de pessoas negras no cinema brasileiro. Profissionais do audiovisual com ascendência negra presente no grande festival, se posicionaram trazendo uma leitura da história, do mundo social e do cinema brasileiro, mostrando a enorme dificuldade em reconhecer o protagonismo dos negros e negras em nossa sociedade e afirmando, o direito de fazer e de expressar suas próprias narrativas audiovisuais.

Ainda no mesmo ano e no Festival de Cinema de Brasília, o longa-metragem *Café com Canela* (Ary Rosa e Glenda Nicácio, 2017) recebeu o prêmio do Júri popular de melhor filme, melhor atriz e melhor roteiro pelo Júri Oficial. Além disso, várias outras produções de diretores e diretoras negras foram premiadas no Festival de Brasília e em outros festivais que aconteceram no mesmo ano. Muitos desses festivais, evidenciaram uma quantidade crescente de jovens realizadores pelo Brasil, produzindo os próprios filmes de forma independente e em muitos casos,

sem ter apoio de editais. Diante dessa situação, passou a reconhecer a realidade do audiovisual no país, reconhecendo assim também, alguns artistas e talentos de pessoas negras no audiovisual brasileiro.

Sobre essa explosão, o cineasta Joel Zito Araújo complementa incluindo mais um fator para esse novo contexto:

Mas de onde vieram as bases desta explosão de realizadores negros, se consideramos que até recentemente éramos poucos e possíveis de contar somente os dedos de duas mãos? Uma outra micro-revolução na sociedade brasileira tem colaborado para a emergência de atores sociais negros no cinema, na televisão, no teatro e nas redes sociais. O berço está, seguramente, nos milhares de novos profissionais que tiveram acesso às universidades brasileiras com a aprovação de cotas para estudantes negros e negras. Nos seus dez primeiros anos, o percentual de negros quase dobrou nas universidades brasileiras. “Em 2005, um ano após a implementação de ações afirmativas, como as cotas, apenas 5,5% dos jovens pretos e pardos na classificação do IBGE [...] frequentavam uma faculdade. Em 2015, 12,8% dos negros entre 18 e 24 anos chegaram no nível superior . (2018, ARAÚJO).

Desse modo, é nessa última década que vai começar a surgir no cinema brasileiro de forma ainda mais expressiva, filmes com narrativas afro-brasileira e com protagonismo de pessoas negras na tela, fugindo cada vez mais dos estereótipos e dos preconceitos raciais. Mesmo enfrentando ainda muitas barreiras e tendo muitos lugares para conquistar dentro do audiovisual, já é possível ver algumas obras produzidas e protagonizadas por pessoas negras, revelando assim, roteiros com personagens e narrativas mais complexas.

Entre esses filmes, podemos citar os longas-metragens de ficção tais como: Café com Canela (Ary Rosa e Glenda Nicácio, 2017), Temporada (André Novais, 2018) Um Dia Com Jerusa (Viviane Ferreira, 2020), Medida Provisória (Lázaro Ramos, 2022), Marte Um (Gabriel Martins, 2022), entre outras obras cinematográfica

2. O NASCIMENTO DE UMA IDEIA

2.1 Influências e Inspirações Para Outra Narrativa

Ao longo desses quase cinco anos vinculado ao curso de Cinema e Audiovisual, entre as inúmeras experiências vividas, uma das coisas que me marcou foi a oportunidade de poder redescobrir o cinema independente brasileiro. Conhecer o cinema nacional a partir de uma outra perspectiva, despertou em mim uma profunda paixão e admiração pelo cinema do Brasil. Em específico, as produções audiovisuais dessas três últimas décadas.

Me fascinam e me emocionam as obras dirigidas pelo cineasta Karim Ainouz: *O Céu de Suely* (2006), *Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te amo* (Marcelo Gomes, 2009), *Praia do Futuro* (2014), *A Vida Invisível* (2019). Os filmes roteirizados e dirigidos pela cineasta Anna Muylaert: *Durval Discos* (2002), *Que Horas Ela Volta* (2015), *Mãe Só Há Uma* (2016). Os filmes do Gabriel Mascaro: *Boi Neon* (2015), *Divino Amor* (2019). Também encantado pelo filme, *Amarelo Manga* (2002), dirigido por Cláudio Assis e pelo filme *Cidade Baixa* (2005) do cineasta baiano Sérgio Machado. Me reviram as obras do Kleber Mendonça: *Aquarius* (2016), *Bacurau* (2019). Um grande admirador dos filmes produzidos pela Glenda Nicácio e pelo Ary Rosa: *Café Com Canela* (2017), *Ilha* (2018), *Voltei* (2021). Profundamente tocado pelo trabalho da produtora Filmes de Plástico: *Ela Volta Na Quinta* (André Novais, 2014), *Temporada* (André Novais, 2018), *No Coração do Mundo* (Gabriel Martins e Maurílio Martins, 2019), *A Felicidade das Coisas* (Thais Fujinaga, 2021). Me encantam os filmes da Plano3 Filmes: *Filho de Boi* (Haroldo Borges e Ernesto Molinero, 2019).

Estes são alguns dos filmes de ficção do cinema nacional, que me tocam e revelam para mim, a potência que existe no cinema brasileiro nestes últimos anos.

Neste sentido, como mencionado no tópico anterior, é nesses últimos anos que vai começar a surgir no Cinema Brasileiro de modo mais expressivo, narrativas afro-brasileiras diversificadas, e realizadas principalmente, por pessoas negras.

É importante salientar que essas mudanças vêm ocorrendo principalmente, devido às lutas nas políticas de ações afirmativas que tem se tornado bastante presentes, na área do audiovisual. Ao mesmo tempo, a discussão por representatividade na frente e por trás das câmeras, tem crescido nas diferentes instâncias de produção audiovisual, integrando desde atividades de

formações até editais públicos com reservas de cotas para pessoas negras.

Em meio a esse cenário tímido, é que nós teremos algumas obras filmicas que trazem narrativas afro-brasileira, com personagens negros vivenciando outras experiências humanas, conflitos, dilemas, desejos, diferente das situações e lugares que predominam em esses corpos vinham sendo retratados com frequência. O cinema inicia a ter filmes no qual personagens negros vivenciam dramas familiares, perdas de entes queridos, recomeços emocionais, paixões, amizade, reencontros, afeto. Iniciando assim uma nova fase, no qual os personagens negros não se encontram mais restrito apenas a vivências de crimes e violências.

No ano de 2017, é lançado o filme *Café com Canela* (Ary Rosa e Glenda Nicácio) trazendo um drama poético e sensível, com o protagonismo de pessoas negras. Ambientado em Cachoeira e em São Félix, no recôncavo baiano, o filme conta a história de Margarida (Valdineia Soriano), uma professora aposentada que depois de perder o seu único filho, entra em um profundo luto, fechando-se para tudo. Diante dessa grande perda, Margarida se afasta dos amigos e se separa do companheiro. Do outro lado, Violeta (Aline Brunne) é uma jovem vendedora de coxinhas, casada e mãe de dois filhos. Oferecendo salgado de casa em casa, um dia, Violeta resolve bater na porta da casa de Margarida e mesmo não sendo bem recebida por ela, Violeta reconhece que Margarida foi sua ex-professora. Entre muitas visitas, café, canela, rosas, Violeta traça o objetivo de tentar devolver para Margarida, um certo contentamento e sentido para a vida.



Figura 5: Violeta e Margarida interpretadas por Aline Brunne e Valdineia Soriano, Filme *Café com Canela*. (2017) Fonte: Site Escotilha

Em *Temporada* (André Novais, 2018) narra a história de Juliana (Grace Passô) que está se mudando da cidade de Itaúna, no interior do estado, para a periferia de Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte, para trabalhar no combate à endemias na região. Através do seu trabalho, Juliana entra na casa de diferentes pessoas, conhecendo os moradores de Contagem e construindo novas relações que modificam sua vida. Em meio a isso, ela enfrenta dificuldades no relacionamento com seu companheiro que também, a princípio, está prestes a se mudar para a cidade. Sozinha em Contagem, Juliana recomeça a sua vida ao lado dos novos amigos.



Figura 6: Juliana interpretada pela Grace Passô, Filme *Temporada* (2018). Fonte: Site Folha de São Paulo

Já em 2020 é lançado o filme *Um Dia Com Jerusa* (Viviane Ferreira, 2020), ambientado em São Paulo, o filme conta a história de Silva (Déborah Marçal), uma jovem que trabalha como pesquisadora de uma marca de sabão em pó, ao mesmo tempo que aguarda o resultado de um concurso. Nessa jornada, Silva precisa lidar com os dilemas em ter que assumir o seu namoro homoafetivo para a avó. Paralelo a isso, Jerusa (Léa Garcia) uma senhora de 77 anos, vive no bairro da Bixiga, testemunhando o cotidiano. Em meio a rotina de trabalho, batendo de porta em porta, Silva conhece Jerusa. Desse encontro entre as duas mulheres, Silva viaja na ancestralidade, tomando as rédeas da história que não irá se repetir com ela.

Tendo como referência narrativa essas três obras citadas, o projeto de roteiro de longa-metragem apresentado neste trabalho, *Correnteza*, é inspirado nas narrativas afro-brasileiras de afeto do cinema independente contemporâneo.

2.2 Uma Narrativa Baiana e Melodramática

Diante do contexto já apresentado nos capítulos anteriores, existem alguns desejos e afetos que me movem para construir o roteiro de *Correnteza*. Além dos motivos já mencionados, existe uma busca interna também por uma narrativa que tenha uma certa dimensão regional.

Sendo uma pessoa negra de pele clara e não retinta (pardo), nasci, fui criado e cresci vivendo na Bahia. Até um certo momento da minha vida, nunca havia parado para perceber, refletir e pensar, acerca da riqueza cultural do lugar onde habito. Entretanto, nos últimos anos passei a observar com mais atenção os modos tipicamente das pessoas baianas. Os modos de se expressarem verbalmente, a diversidade de tipos, as festividades e hábitos, os costumes locais, as maneiras de se relacionarem, as expressões artísticas. Além disso, as histórias e casos das pessoas à minha volta.

Nesse sentido, essa percepção começou a ser afluída em mim após ter sido tocado por filmes nacionais que sua em sua construção visual, estética ou narrativa, tem alguma dimensão regional do lugar onde a história do filme está sendo contada. Ênfase principalmente o trabalho contemporâneo do cinema brasileiro independente, as obras produzidas pela produtora de Minas Gerais, Filmes de Plástico e a produtora do recôncavo baiano, Rosza Filmes. Em ambas, existe uma série de produções filmicas que transbordam as vivências regionais das pessoas realizadoras de cada região. Filmes que flertam e transitam por alguns gêneros do cinema.

Parte dos filmes produzidos pelo André Novais, Gabriel Martins e Maurílio Martins é possível conhecermos um pouco da região de Contagem, em meio a narrativas com tramas e personagens cativantes, no qual vivem dilemas que ultrapassam as fronteiras. De maneira semelhante, a série de filmes realizados pelo Ary Rosa e a Glenda Nicácio que vem revelando através do recôncavo, uma pluralidade de dramas ambientados na região que fogem de personagens caricatos e estereotipados.

Desse modo, influenciado por esse cinema independente brasileiro que busca construir

outras narrativas afro-brasileiras, comecei a pensar em como a história poderia ser ambientada entre o interior e a capital da Bahia.

Passando a pensar também como este cenário poderia conectar a história, ao mesmo tempo que o drama pudesse ir para além de uma história local. Tendo a compreensão que a narrativa proposta perpassa pelo gênero do melodrama, passei a buscar tentar encontrar um tom melodramático, que viesse se equilibrar com a premissa do roteiro. Tendo como parâmetro os filmes baianos, *Café com Canela* (Ary Rosa e Glenda Nicácio, 2017) e *Cidade Baixa* (Sérgio Machado, 2005).



Figura 8: Deco (Lázaro Ramos), Karinna (Alice Braga) e Naldinho (Wager Moura) no filme *Cidade Baixa*.

Fonte: Site Rede Globo

2.3 Uma Referência Conceitual: Kalunga

Em meio ao meu processo de busca de uma ideia governante ou de uma ideia norteadora para a narrativa que vinha desenvolvendo, como mencionado no tópico anterior, passei por um processo de reflexões e pesquisas. Nesse processo de buscas, um dia estava a ouvir uma canção

que me trazia uma sensação boa, ao mesmo tempo que um momento e outro, ela evocava a palavra: Calunga.

Curioso e instigado com essa palavra, comecei a pesquisar na internet o sentido e o contexto que a palavra se encontrava inserida. Para a minha surpresa, pude descobrir um conceito que convergia muito com os afetos e desejos que me atravessavam para querer escrever o roteiro Correnteza.

A palavra “Calunga” ou “Kalunga” vem dos povos e das culturas banto, com cerca de 500 línguas faladas na África, fundamentadas em fortes parentescos com o quicongo, umbundo, e quimbundo todas vindas para o Brasil. É do quimbundo que a palavra “Kalunga” e “Calunga” de forma ainda profunda, o vocabulário se origina. Em território brasileiro ficou conhecida a escrita com “c” enquanto na África era escrita e conhecida com letra “k”. No Brasil a palavra “Calunga” passou a ser usada com um teor pejorativo pelos colonizadores, atribuindo a sentidos inferiores e insignificantes, aos povos negros.

Contudo, a origem primária da palavra para os primeiros africanos trazidos de forma violenta para o Brasil, tinha outro sentido, principalmente para os povos do Congo e de Angola. Kalunga era uma palavra ligada a suas crenças religiosas e ao mundo dos ancestrais, pois eram deles que vinham a força. Para esses povos, o mundo era representado por um círculo dividido ao meio, tendo em cada lado uma grande montanha. Na montanha da parte de cima, representava o mundo dos vivos, enquanto na montanha da parte de baixo, representava o mundo dos mortos, o mundo dos ancestrais. As duas montanhas eram divididas por um mar ou um rio, no qual esses povos chamavam de Kalunga. Para esses povos, Kalunga era o nome de passagem por onde os seres humanos podiam entrar em contato com a força dos seus antepassados. Nesse sentido, para os kimbundos Calunga-grande quer dizer mar ou oceano, enquanto Calunga-pequena quer dizer cemitério ou morte.

É importante lembrar que a noção de morte e cemitério para os povos africanos têm uma percepção diferente quando comparada aos sentimentos e sensações que essas palavras provocam no mundo ocidental. Para os povos já citados, Kalunga era o que tornava uma pessoa especial, pois ela havia incorporado em sua vida a força dos seus antepassados e dos seus ancestrais.

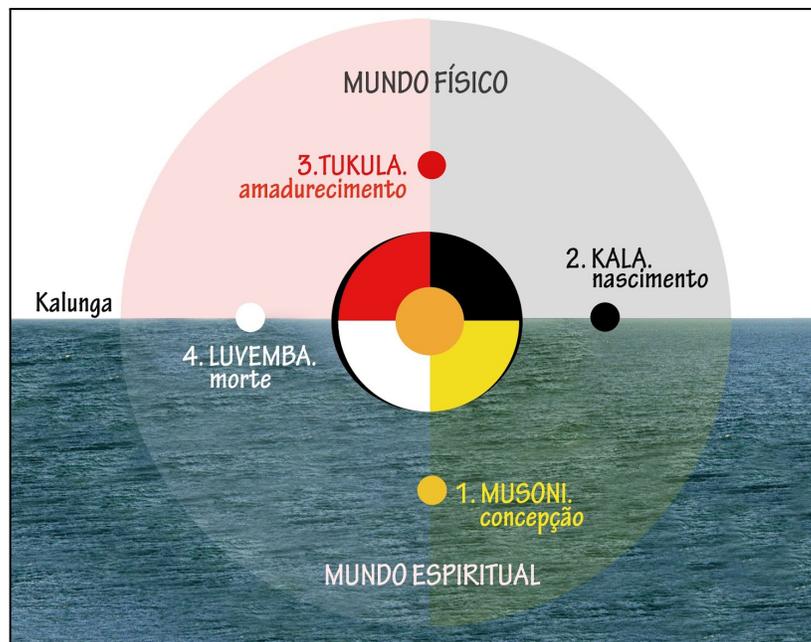


Figura 8: Cosmograma Bakongo. Fonte: Blog Terreiro de Griôs

Nesse contexto, o conceito de Kalunga a princípio foi bastante de encontro com a narrativa no qual inicialmente, estava começando a construir. Em síntese, Correnteza é um roteiro de longa-metragem de ficção que conta a história de um jovem que sempre viveu em um

Contudo, alguns reajustes precisaram ser feitos nesse cronograma, diante da dinâmica da minha realidade. Uma vez tendo os meus compromissos e obrigações durante o dia, só conseguia sentar para escrever no horário da noite quando finalmente chegava em casa. Além disso, era nos finais de semana que conseguia me dedicar de forma quase exclusiva na escrita do roteiro e deste memorial.

Na etapa de escrita do roteiro, decidi fazer a escaleta de cada bloco, antes de sair escrevendo cena atrás de cena. Com *post it* e um lápis na mão, em cada cartão escrevia uma síntese de uma cena, numa tentativa de ordenar as sequências narrativas. Além disso, a etapa de povoado no interior da Bahia, ao lado da mãe, mas que em um determinado momento após a morte da mãe, ele decide ir para capital baiana, cidade banhada pelo mar, em busca da avó materna que nunca conheceu e muito pouco ouvir falar. À medida que o protagonista procura por essa avó materna (ancestral) em Salvador, mais ele ganha asas para a liberdade e para o sonho adormecido que as circunstâncias da vida, o fez deixar esquecido para trás.

Além disso, no roteiro, o protagonista ao chegar na cidade de Salvador ele passa a morar

ao lado do mar da Baía de Todos os Santos. Indo de encontro assim, com a ideia central de Kalunga que pode ser atribuída ao mar, nomeando dessa forma, esse lugar que na visão dos povos bantos, é o lugar de passagem onde os seres humanos podiam entrar em contato com as forças dos seus ancestrais. Nesse sentido, a jornada do protagonista é também buscar a força dessa avó materna que lutou contra tudo e contra todos, para ser quem ela realmente acreditava ser e pelos seus sonhos.

3.0 CRIAÇÃO, ESTRUTURA E FERRAMENTAS NO ROTEIRO

3.1 Processos de Criação: Da logline ao Roteiro

Nesse contexto apresentado anteriormente, vinha surgindo em mim um forte desejo de construir um roteiro cinematográfico de longa metragem de ficção, que tivesse em suas entranhas narrativas, as relações geracionais. Trazendo uma avó, uma mãe, um neto, que fossem atravessados por algo que os unisse depois de anos de afastamento. Essa era a premissa que rondava a minha cabeça desde do início de 2022, ao mesmo tempo que havia um desejo em mim, que essa história tivesse como um de seus cenários a praia, em específico, o mar. Não só como um elemento paisagístico e visual, mas que pudesse carregar a essência dramática do filme que gostaria de desenvolver e roteirizar. Dentro dessa premissa, havia também o desejo de buscar um tempero regional nas sutilezas da narrativa.

Atravessado por tais desejos e afetos, dei início a uma busca por situações dramáticas no qual os personagens (avó, mãe e filho) pudessem estar inseridos. Com uma premissa em mão, é possível desenvolver diferentes roteiros tendo o mesmo ponto de premissa narrativa. Desse modo, comecei rabiscando frases soltas, em outras palavras, era os primeiros rabiscos em busca de uma logline, constituindo assim um motor narrativo que chamasse a minha atenção. Neste período, fiquei uma média de mais ou menos um mês escrevendo diferentes loglines com um lápis e um papel de ofício que me acompanhavam na mochila. Tive a experiência de poder pensar diferentes filmes, experimentando diversos objetivos, conflitos e obstáculos. Em um processo meio que de "alquimia" para encontrar os elementos dramáticos que gerasse um grande motor narrativo.

Tendo algumas loglines, começava assim a pensar e refletir sobre aquelas que mais chamavam a minha atenção e que convergiam com a história que eu desejava contar. Além disso, me questionava se tal sentença ou outra, era narrativa para um longa metragem ou para outro formato audiovisual. Comecei assim a rabiscar algumas estruturas, usando o paradigma de referência do Syd Field. Pensando de onde o personagem partiria no primeiro ato, os eventos do segundo ato, até chegar ao final do filme, no último ato.

Nessas primeiras tentativas de chegar numa estrutura dramática, era onde conseguia perceber o que funcionava e aquilo que não estava funcionando. Às vezes não fazia sentido o final, ou esbarrava numa inverossimilhança na trama que não funcionava, entre outros percalços

criativos. Passei semanas refletindo sobre alguns eventos dramáticos e circunstâncias, e às vezes não conseguia progredir na experimentação. Em meio a esses momentos, pode perceber que uma das coisas que contribuía para tal situação criativa, se constituía na falta de um sentido ou uma ideia núcleo, que norteasse toda a narrativa. No meu caso, ter os três personagens pré definidos (avó, mãe e neto) e uma premissa narrativa, não eram suficientes para a construção de uma história.

Comecei então a tentar meditar e investigar a ideia governante e o desejo que me moviam para escrever o roteiro de Correnteza.

Sobre o conceito de ideia governante, Robert MckKee diz:

A Ideia Governante de uma estória completa deve ser exprimível em uma única sentença. Depois que a Premissa é imaginada pela primeira vez e o trabalho evolui, explore absolutamente tudo o que vier à sua mente. Porém, o filme deve definitivamente ser moldado em apenas uma ideia. Isso não quer dizer que a estória pode ser reduzida a uma rubrica. Muito mais é captado pela rede da estória além do que é expresso em palavras - sutilezas, subtextos, conceitos, duplos significados, riquezas de todos os tipos. Uma estória transforma-se em um tipo de filosofia viva, que o público capta por inteiro, em um instante, sem um pensamento consciente - uma percepção casada com a sua experiência de vida. (MCKEE, 2006, pág. 118)

Passei a pesquisar outras expressões artísticas, músicas, textos, buscas rápidas no google. Numa tentativa de que de algum modo, pudesse encontrar estímulos e atmosferas que despertassem em mim sentimentos e emoções, que traduzisse a ideia governante da história que gostaria de construir em um roteiro. Em meio a reflexões e pesquisas, sai rabiscando frases e mais frases soltas, chegando em um determinado momento, na necessidade de fazer escolhas. Tendo mais ou menos um norte de por onde a história em sua ideia governante poderia percorrer, voltei ao processo de experimentação de uma possível estrutura dramática.

Com uma logline, storyline, ideia governante e um esboço inicial de uma estrutura narrativa, decidi escrever uma sinopse longa com o objetivo de explorar um pouco mais o mundo ficcional que já vinha sendo esboçado. Além disso, a escrita de uma sinopse possibilitou ter uma visão mais geral dos elementos e da história que se tinha até o momento.

Dentro desse caminho narrativo inicial que havia escolhido, comecei a descrever o perfil dos principais personagens. Nesse processo, buscava entender a princípio a função de cada personagem na narrativa, ao mesmo tempo, buscava entender acerca dos arquétipos que possivelmente cada um desses personagens poderiam “flertar” na jornada do protagonista.

Desse modo, escrevi o perfil de personagens buscando contemplar as diferentes dimensões: vida pessoal, profissional, amorosa, social, familiar. Se atentando assim, principalmente, para as camadas indispensáveis para o contexto dramático da narrativa.

É importante ressaltar que o processo de escrita de perfil de personagens é uma etapa criativa bastante enriquecedora para a construção de um roteiro de ficção. Pelo menos para o meu caso e na minha experiência, esta afirmativa se constitui válida. Poder descrever cada personagem traçando características, dilemas e contextos, nos possibilita criar profundidade, humanidade e complexidade. Mesmo que algumas coisas construídas na descrição textual do perfil, não entre diretamente no roteiro final construído, essa experiência possibilita termos mais noção das características, personalidades e jeitos das personagens, podendo ajudar em soluções e rumos criativos.

Diante desses novos materiais produzidos, passei a escrever um argumento de mais ou menos nove folhas, imaginando a história em prosa do início ao fim.

Doc Comparato define argumento, como:

A sinopse é a primeira forma textual de um roteiro. É preciso que especifique de maneira clara e concreta os acontecimentos da história. Uma boa sinopse é o guia perfeito para se obter o roteiro. Por vezes, uma sinopse escrita por um autor pode ser roteirizada por outro. É mais uma razão para serem claras e explícitas todas as indicações que definem os principais elementos da história e das personagens. Uma boa forma de saber se a sinopse está corretamente escrita é ver se responde a perguntas do tipo: O objetivo do protagonista fica claro? Qual é o clímax? Possui impacto? Quais são as principais ações do protagonista? O que pretendemos explicar com essa história? Vale a pena? O problema levantado será suscetível de gerar conflito? Qualquer pergunta feita no gênero do diabo pode ser boa para comprovar a solidez da sinopse ou descobrir seus pontos fracos. (COMPARATO, 2009, pág. 69)

Apesar desse trecho Doc Comparato fazer uso do termo “sinopse” o mesmo conceito descrito por ele equivale ao termo “argumento”. De tal modo, que logo abaixo na mesma página, logo em seguida ele descreve que em Portugal o Argumentista é confundido com roteirista, embora normalmente as duas funções sejam desempenhadas por uma mesma pessoa.

Nesse sentido, comecei a escrever o argumento tentando construir a história na estrutura de 8 sequências, tendo como referência narrativa. Nessa etapa, ideias que estavam na sinopse e na descrição dos perfis de personagens algumas entraram, outras não. Dessa forma, mostrava para mim como o processo criativo de construção de um roteiro é orgânico e vivo, pois a cada etapa

novos elementos e decisões são adotadas ou descartadas.

Após ter escrito o argumento numa imersão narrativa de mais ou menos uma semana, deixei todo o material de lado sem mexer e sem pensar em nada em relação à história, por alguns dias. Estava em um processo de “ressaca criativa” no qual precisava arejar o cérebro e respirar novos ares.

Retornei para o processo de escrita, estabelecendo para mim mesmo, um cronograma de entrega a partir de uma divisão do roteiro em quatro blocos, com o objetivo de finalizar um bloco a cada uma semana. No planejamento inicial, a intenção era que todo o mês de setembro fosse reservado exclusivamente para a escrita do roteiro. Nesse sentido, o primeiro bloco a ser finalizado na primeira semana constituiu-se a entrega do primeiro Ato do roteiro. Enquanto na segunda semana, concentrava-se a entrega do segundo bloco que se configurava sendo a metade do segundo Ato. Já na terceira semana, era a entrega do terceiro bloco, que se constituiu a outra metade do segundo Ato. Na última semana no cronograma, era a entrega do quarto bloco, sendo assim, o terceiro e último Ato do roteiro.

Contudo, alguns reajustes precisaram ser feitos nesse cronograma, diante da dinâmica da minha realidade. Uma vez tendo os meus compromissos e obrigações durante o dia, só conseguia sentar para escrever no horário da noite quando finalmente chegava em casa. Além disso, era nos finais de semana que conseguia me dedicar de forma quase exclusiva na escrita do roteiro e deste memorial.

Na etapa de escrita do roteiro, decidi fazer a escaleta de cada bloco, antes de sair escrevendo cena atrás de cena. Com *post it* e um lápis na mão, em cada cartão escrevia uma síntese de uma cena, numa tentativa de ordenar as sequências narrativas. Além disso, a etapa de escaletar o roteiro me possibilitou buscar identificar a função, o ponto alto, e o objetivo de cada cena na história que vinha sendo construída. Assim, muitas vezes acabava mudando coisas que estava no próprio argumento.

Durante a escrita da escaleta e do roteiro, o maior desafio se concentrou na estruturação interna das cenas da segunda parte do segundo ato. Pois é onde, na minha concepção, se encontra o coração pulsante de toda a história de um roteiro ficcional.

Nesse momento, acabei levando duas semanas entre reflexões, escaleta e escrita das cenas. Muitos questionamentos, dúvidas me tomou conta em relação a história. Logo em seguida, retornei com o processo de escrita, conseguindo finalizar o primeiro tratamento do roteiro não em setembro como planejado, mas na segunda semana de outubro.

3.2 Os Três Atos

Como já mencionado anteriormente, o projeto de roteiro do longa-metragem *Correnteza* foi construído dentro do paradigma de três atos.

Robert McKee define, em linhas gerais, o conceito de Ato.

Cenas se transformam de maneira menor, porém significativa; uma série de cenas constrói uma sequência, que se transforma em um grau moderado, portanto mais impactante; uma série de sequências constrói a próxima estrutura, o Ato, um movimento que transforma a carga de valores da condição de vida do personagem em um grau maior. A diferença entre uma cena básica, uma contendo o clímax da sequência e a outra contendo o clímax de um ato, é o grau de mudança ou, mais precisamente, o grau de impacto que essa mudança tem, para pior ou melhor, no personagem - na sua vida interior, nos relacionamentos pessoais, no destino do mundo, ou numa combinação de tudo isso. Um ATO é uma série de sequências que culminam em uma cena climática, causando uma grande reversão de valores, mais poderosa em seu impacto do que em qualquer cena ou sequência anterior. (MCKEE, 2006, pág. 52)

Desse modo, como já citado e explicado no primeiro capítulo, esse paradigma é na maioria das vezes simplificado e dividido em três Atos, podendo ser entendido também como a divisão em bloco: começo, meio e fim. No roteiro de *Correnteza*, tentei estabelecer essa divisão dos Atos, juntamente com a estrutura das 8 Sequências.

No primeiro ato, o personagem inicia no roteiro vivendo em um povoado no interior da Bahia onde trabalha colando solas de sapatos numa fábrica de calçados. Ao mesmo tempo, Cícero tenta lidar com o luto devido a morte da mãe. Entretanto, no final do primeiro ato o personagem decide ir para Salvador em busca da avó materna, mudando assim os seus valores, ao compararmos com os valores do protagonista no início deste bloco.

Já no segundo ato, o roteiro inicia com o protagonista na capital baiana em busca da avó materna. Fascinado pelas fitas que ele ouve da avó e que foram enviadas para sua mãe, Cícero embarca numa jornada de amadurecimento, obstáculos, mergulhando em si, revivendo sentimentos, sonhos e relações, que um dia deixou para trás. Contudo, ao final do ato o protagonista se desfaz das fitas, daquilo que era a sua grande fascinação e bússola no início do segundo ato.

No terceiro Ato, o protagonista começa de maneira entristecida diante das circunstâncias vividas. Após lidar novamente com a morte, ele descobre a memória, história e a imagem da avó materna, chegando ao final do terceiro ato, iniciando a trilhar um velho sonho do passado.

Nesse sentido, o primeiro Ato é constituído de duas sequências narrativas. Na sequência 1, Cícero leva a sua rotina no povoado, terminando com o ponto de virada do protagonista revelando o luto que sente pela morte da mãe, além de brigar com o irmão que tenta se desfazer das coisas da mãe. Ao longo da sequência 2, Cícero encontra as fitas cassetes de sua avó, tendo como ponto de virada, a ida dele para Salvador em busca da avó materna.

O segundo ato é composto pelas sequências 3, 4, 5 e 6. Na sequência 3, Cícero chega na capital baiana pela primeira vez, reencontrando antigas relações. Ao mesmo tempo, busca pela avó materna através dos rastros que tem em mãos. Entretanto, no final da sequência, o objetivo dele se mostra ainda mais complicado por não encontrar a avó onde a princípio ele acreditava que pudesse encontrar. Durante a sequência 4, Cícero passa a se estabelecer em Salvador revivendo sentimentos e sonhos antigos, ao passo que descobre no final da sequência mais sobre o passado da avó, colocando em dúvida, a sua busca. Já na sequência 5 Cícero se aproxima emocionalmente de Duda, vivendo outras experiências que o faz, aos poucos, começar a amadurecer. Na sequência 6, Cícero retorna a buscar pela avó e se aproxima do sonho antigo deixado na pré- adolescência, chegando no final da sequência, tendo que lidar novamente com a perda do colo.

Já o terceiro ato, tem a sequência 7 e 8. Na sequência 7, Cícero passa a lidar com a perda de uma forma diferente, descobrindo finalmente a história, memória e a imagem da avó. Na última sequência, Cícero começa a trilhar o sonho.

3.3 As Ferramentas do Roteiro

Compreendendo que os elementos e ferramentas para se contar uma narrativa dramática são recursos utilizados a muitos anos, inclusive em diferentes estruturas, podemos pensar acerca de algumas das principais ferramentas presentes no roteiro de *Correnteza*. (HOWARD E MABLEY, 1996)

Como já foi mencionado, quando se trata do objetivo do protagonista, é evidente que o desejo consciente, é a procura pela avó materna que ele nunca conheceu. Ao refletirmos a dinâmica entre aquilo que o personagem deseja e aquilo que o personagem realmente precisa, poderíamos apontar que o desejo inconsciente do personagem, na verdade, é uma busca por si mesmo. Esbarrando assim, em conflitos e obstáculos que vai aos poucos gerando transformação no protagonista.

De modo geral, o tema da narrativa de *Correnteza*, perpassa também pela jornada de amadurecimento. No início do roteiro, conhecemos o protagonista levando a vida meio solitária, monótona e agarrado profundamente na casa onde passou parte de sua vida morando com a mãe. Apegado ao espaço e com as memórias que ainda continuam vivas nos objetos, o protagonista deseja permanecer exatamente no mesmo lugar e sem desfazer de nada. Ao achar as fitas cassetes da avó, ele embarca numa jornada em busca de si mesmo, passando a viver coisas que um dia deixou para trás. Próximo ao fim da jornada, ele perde a única conquista que conseguiu depois de ter saído do povoado para Salvador. Entristecido, o protagonista até cogita voltar para o lugar de onde veio, contudo, esse espaço desmoronou. De forma metafórica, o personagem ao longo da jornada voou, cresceu, e se tornou um pouco maior, para caber ou voltar para o mesmo lugar. Ele precisa continuar a viver e conquistar outras experiências. Isto fica demarcado no roteiro, quando o protagonista lança a tartaruga marinha no mar.

A ferramenta de exposição se encontra presente ao longo do roteiro em diferentes momentos. Podemos destacar a cena que se encontra no final do primeiro ato, no qual Cícero e Peu, expõe o fato de que a mãe deles nunca falava da avó materna de ambos.

Além disso, uma outra grande ferramenta está no anúncio de futuro no primeiro ato da narrativa. Em uma das cenas enquanto Cícero dorme no sofá, a televisão se encontra ligada, em *voice over* no qual é anunciado em um jornal acerca do nascimento de várias tartarugas marinhas nas areias da praia, informando que em poucos dias, elas retornaram para o mar. Nesse sentido, prevendo de forma metafórica a jornada que o protagonista irá se lançar no desenvolvimento da história. Dessa forma, a depender do ponto de vista, a tartaruga marinha pode ser vista também como uma ferramenta de pista, pois vai aos poucos sendo plantada.

Entre tantas outras pistas e recompensas, uma delas é plantada, mas não demora muito para ser colhida. É a música clássica que o personagem ouve no primeiro ato. Com essa primeira pista, vamos descobrir no segundo ato, a relação do personagem com o balé.

Até mesmo as fitas cassetes que o protagonista ouve ao longo do roteiro, é repleto de ferramentas de exposição, pistas, anúncio de futuro, entre outros.

3.4 Primeiro Tratamento

É importante lembrar que o roteiro do longa-metragem *Correnteza*, escrito e apresentado por mim como trabalho de conclusão de curso, se encontra em seu primeiro tratamento.

Desse modo, o primeiro tratamento acaba constituindo uma primeira tentativa de escrever um roteiro do início ao fim. Sendo um primeiro esboço de um possível ordenamento das sequências de cenas, acontecimentos, eventos e pontos de virada. É o momento onde experimentamos pela primeira vez as ações dos personagens, os diálogos, o desenvolvimento micro de cada cena dramática e a estrutura narrativa escolhida. Através do primeiro tratamento, é onde experimentamos um primeiro tom narrativo e uma construção atmosférica da história.

Na maioria dos casos, terminar um primeiro tratamento de escrita de roteiro de longa-metragem, é uma das tarefas mais indicadas por pessoas profissionais que trabalham como roteiristas no mercado. Pois a partir dessa primeira escrita, é possível desenvolver a percepção daquilo que precisa ser retirado ou aquilo que precisa ser inserido. Nesse contexto, muitas vezes ou na maioria dos casos, dificilmente um roteiro se encontra finalizado logo no primeiro tratamento. Muitas vezes, vamos encontrar alguns pontos narrativos soltos, excessos ou falta de cenas, arco dos personagens a ser repensados, refinar diálogos, entre outras coisas. O tratamento é a revisão e a reescrita narrativa do roteiro. Um mesmo roteiro, pode passar por vários tratamentos.

Recentemente, encontrei uma postagem no instagram do cineasta baiano Aly Muritiba, que descreve exatamente essa dinâmica, na legenda da imagem publicada por ele sobre o seu novo filme que está em fase de gravação:

E vamo de história para contar. BARBA ENSOPADA DE SANGUE, Diária 1 de 30. Primeiro relato é sobre o roteiro. 8 anos de escrita. 12 tratamentos. Dois laboratórios internacionais: Torino Lab e Foro de coprucción de San Sebastian. Agora é encarnar a palavra em corpos.²

Dessa forma, o projeto de longa-metragem *Correnteza* é apenas um primeiro esboço de um processo criativo em início de desenvolvimento. É de tal modo, que ainda permeiam em mim muitos questionamentos e inseguranças, acerca dessa versão apresentada como trabalho de conclusão de curso. Me questiono se o final é realmente esse apresentado nesse primeiro

² https://www.instagram.com/p/CkbnV0fP_mj/

tratamento; se o protagonista de fato precisa ou não encontrar a avó; se o segundo ato está funcionando; se a história consegue nos envolver emocionalmente; se não está havendo ruídos “estranhos” na representação dos personagens; se está existindo inverossimilhança.. Entre tantos outros questionamentos e crises criativas que fazem parte dos momentos de trabalho de construção deste roteiro de longa-metragem.

Nesse sentido, também não sei se esse projeto de roteiro irá chegar um dia até às telas audiovisuais ou não. Mas caso isso seja possível, que seja com um tratamento de roteiro no qual eu me sinto seguro e tenha grande compreensão da história que estou narrando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse processo de Trabalho de Conclusão de Curso, passei por diferentes momentos. Houve situação onde me bateu um desânimo, quando dei por mim que estava formando em Cinema e Audiovisual em meio a um governo liberal que nunca teve o cinema e nem a cultura como uma de suas pautas. Houve momentos de alegria e prazer ao ver a ideia do roteiro aos poucos tomarem uma primeira forma. Teve momentos de desespero, ao achar que não daria tempo de finalizar o roteiro e o memorial neste semestre, uma vez que só conseguia ter disponibilidade para me dedicar a noite e nos finais de semana.

Em meio a isso, a criança que cresceu acompanhando a programação da televisão do início dos anos 2000, continua apaixonada por ver narrativas, ficções, telas e gente. Talvez, fascinado e encantado com o “despropósito” da escrita, como o Menino que Carregava Água na Peneira presente poesia de Manoel de Barros, hoje tento rabiscar uma história cinematográfica, como Trabalho de Conclusão de Curso. Nesse sentido, não por acaso a escolha dessa modalidade, mas porque em mim há muita vontade de trilhar e buscar os caminhos profissionais de Roteirista.

Entretanto, não sei quais caminhos irão se abrir a partir do encerramento desse ciclo, principalmente compreendendo os desafios e as barreiras que é se inserir na carreira de roteirista no Brasil. E principalmente, quando se é pobre e tem urgência para comer e pagar as contas. Orixás, abra meus caminhos para as oportunidades!

Através da escrita deste memorial analítico-descritivo, pude pensar a respeito de alguns assuntos que me interessam, conectados com o processo criativo relatado. Desse modo, foi possível revisitar obras e autores que sistematizam um pensamento acerca do trabalho de construção de roteiro, entendendo as suas bases e conceitos gerais. Foi possível também, revisitar um pouco da história do cinema independente brasileiro dessas três últimas décadas, percebendo a complexidade e a importâncias das políticas públicas no fazer audiovisual do país. Abordar sobre as narrativas afro-brasileiras contemporâneas, se constituiu importante para compreender as representações não mais toleráveis e principalmente para compreender a necessidade e a importância do mercado audiovisual se abrir para roteiristas negras e negros.

Ter a oportunidade de sistematizar um pensamento e refletir sobre o meu processo de criação durante a escrita do roteiro de longa-metragem Correnteza, me proporcionou a perceber que cada processo criativo de roteiro é bastante diferente, variando de projeto a projeto, mesmo

com o mesmo roteirista. Uma vez, as ideias podem brotar em nossas cabeças diante de circunstâncias diversas, exigindo etapas e processos diferentes para se chegar até o roteiro. Além disso, mostrou para mim a importância de buscarmos ter uma ideia norteadora, pulsante, que esteja embrenhada nas entranhas da história que desejamos contar.

Poder entender que a teoria e a prática estão sempre lado a lado me possibilitou pensar como essas duas dimensões se conectam e se encontram no roteiro de *Correnteza* a partir da estrutura de três atos e nesse caso em específico, com a estrutura de 8 sequências. Dentro desse contexto de longa-metragem de ficção, o desafio necessário de se chegar em um primeiro tratamento, sendo esse processo fundamental para experimentamos pela primeira vez todos os elementos dramáticos, mesmo que a narrativa venha posteriormente passar por revisão, tratamentos ou mudanças.

Assim, é importante ressaltar, mais uma vez, que o projeto de roteiro de longa-metragem *Correnteza* apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, se encontra no seu primeiro tratamento.

Dessa maneira, que a arte de contar, ouvir e sentir histórias, continue sendo vital para a nossa existência!

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Poética. Organizado nas Oficinas da Imprensa de Coimbra. **Fundação Calouste Gulbenkian**. Outubro de 2008.

ARAÚJO, Joel Zito. O tenso enegrecimento do cinema brasileiro nos últimos 30 anos. **Site OpenEdition Journals**. 2018. Disponível em <<https://journals.openedition.org/cinelatino/4185>> Acesso em: 30 out. 2022.

BITTENCOURT, Marina. Representatividade no Cinema: a falta de protagonismo negro nas telonas. **Site Jornalismo Junior**. Dez. 2020. Disponível em: <<http://jornalismojunior.com.br/representatividade-no-cinema-a-falta-de-protagonismo-negro-nas-telonas/>> Acesso em 28 Out. 2022.

BRUSCO, Beth. Protagonismo Negro no Cinema Brasileiro. **Site Primeiros Negros**. Disponível em: <<https://primeirosnegros.com/protagonismo-negro-no-cinema-brasileiro/>> Acesso em: 28 Out. 2022.

CARVALHO, N.; DOMINGUES, P. A representação do negro em dois manifestos do cinema brasileiro. **Site Scielo**. Abr. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/fBPTmf7fyct8SG4C9KHfQy/?lang=pt>> Acesso em: 28 Out. 2022.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. São Paulo, Rio de Janeiro. Duas Cidades/Ouro sobre Azul. 2004.

COMPARATO, D. **Da criação ao roteiro: teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

FIELD, S. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GOMES, Pâmella. Cinema Nacional: 10 filmes brasileiros mais premiados da história. **Site Contigo**. Ago. 2022. Disponível em: <<https://contigo.uol.com.br/noticias/cinema/cinema-nacional-10-filmes-brasileiros-mais-premiados-da-historia.phtml>> Acesso em 25 Out. 2022.

HAMBURGUER, Esther. Violência e Pobreza no Cinema Brasileiro Recente. Jul. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/kFBPHXfFqKwbXmk9Nfwndwx/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em 28 Out. 2022.

HOWARD, D.; MABLEY, E. **Teoria e prática do roteiro**. São Paulo: Editora Globo, 1996.

LEITE, Sidney Ferreira. **Cinema Brasileiro: das origens à retomada**. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo. 2005

MACEDO, Gabriel Nocchi. Algumas Notas Sobre Aristóteles e a Definição de Poesia. **Site Estado da Arte** Abr. 2017. Disponível em: <<https://estadodaarte.estadao.com.br/algumas-notas-sobre-a-aristoteles-e-a-definicao-de-poesia/>>. Acesso em: 15 out. 2022.

MAIÊ, M. Diário de um Canto de Kalunga: O mundo e os movimentos da Kalunga. **Blog Terreiro de Griôs**. Mai. 2017. Disponível em: <<http://terreirodegriots.blogspot.com/2017/05/corpo-e-os-movimentos-da-kalunga.html>> Acesso em: 30 out. 2022.

Mckee, Robert. **Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro**/Tradução de Chico Marés. - Curitiba: Arte e Letra, 2006.

OLIVEIRA, P.; PANACCI, R. Fomento ao Cinema Brasileiro: O Papel do Estado. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/141636>> Acesso em 23 Out. 2022

SABBADINI, Andrea. A procura do Pai, Observações sobre o filme Central do Brasil (Walter Salles, 1998). **Jornal de Psicanálise**. 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v50n92/v50n92a25.pdf>>. Acesso em 24 Out. 2022

SOUZA. Fernando Marés de. Um documento chamado Roteiro de Cinema. **Site Roteiro de Cinema**. Disponível em: <<http://www.roteirodecinema.com.br/manuais/documentochamadorroteiro.htm>>. Acesso em: 23 Out. 2022

SOUZA, Edileuza Penha de. Café com canela e a Edificação do Afeto no Cinema Negro Feminino. **Site Avanca Cinema**. 2022. Disponível em <<https://publication.avanca.org/index.php/avancacinema/article/view/400/785>> Acesso em: 28 Out. 2022.

VÍDEOS ENCONTRADOS ONLINE:

KEINDÉ, Wlance. Poética de Aristóteles Dicas Mais Antigas do Mundo. **Canal Ficçomos**. Out. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=obhaaQMC3dU>>. Acesso em: 15 Out. 2022.

FILMOGRAFIA:

CAFÉ com Canela (2017). Direção de Ary Rosa e Glenda Nicácio.

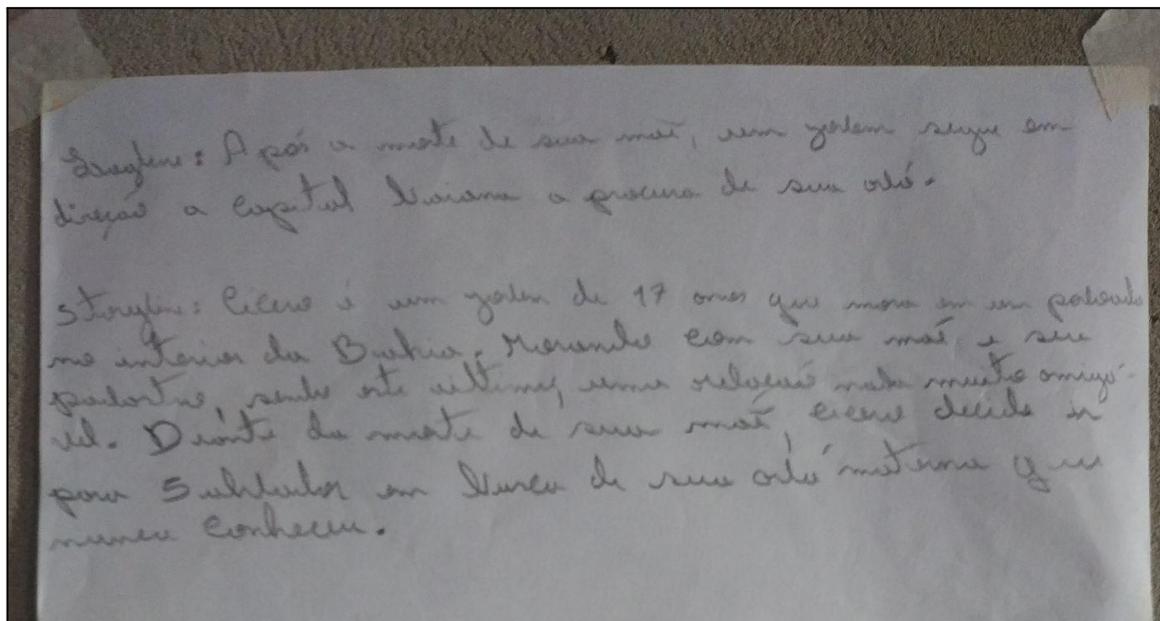
CENTRAL DO BRASIL (1998). Direção de Walter Salles.

CIDADE BAIXA (2005). Direção de Sérgio Machado

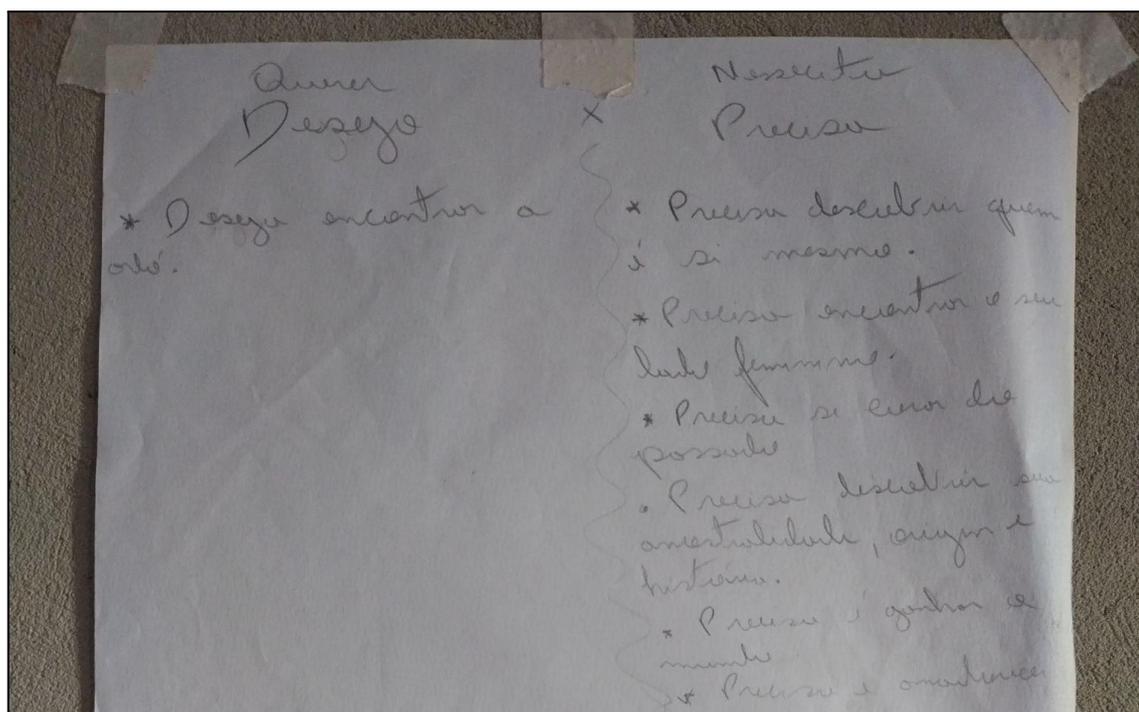
TEMPORADA (2018). Direção de André Novais

UM DIA com jerusa (2020). Direção de Viviane Ferreira.

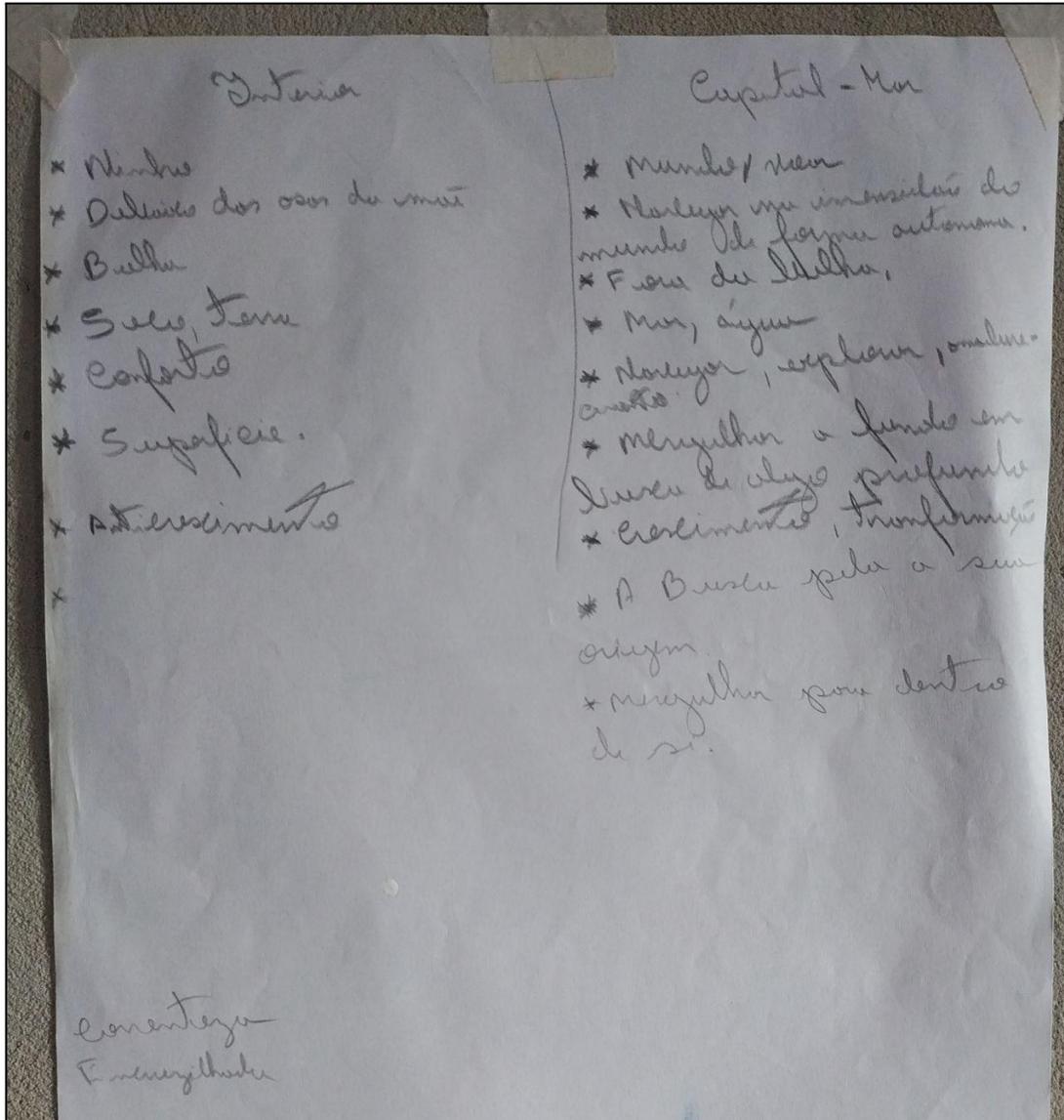
APÊNDICE I – PROCESSO CRIATIVO INICIAL



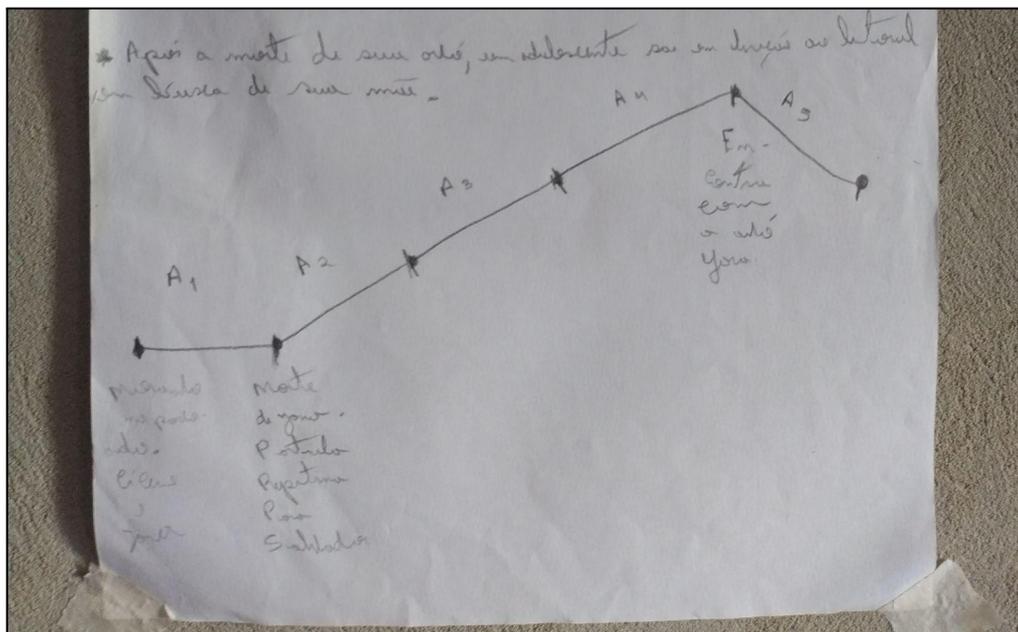
ANEXO 1 - Primeiros Esboços



ANEXO 2 - Primeiros Esboços



ANEXO 3 - Primeiros Esboços



ANEXO 4 - Primeiros Esboços

- + Por onde Dona Yara viveu?
- Dona Yara viveu para uma reunião em São João de Deus.
 - Dona Yara viveu e viveu para a Recife para pagar multas.
 - Dona Yara viveu a notícia da filha de fora e foi até ela no portão de Curitiba.
 - Dona Yara viveu para uma festa de aniversário.
 - Dona Yara viveu para fazer um show.
 - Dona Yara viveu para protestar em Brasília.
 - Dona Yara viveu para uma festa de aniversário.
 - Dona Yara viveu para uma festa de aniversário em Curitiba.

ANEXO 5 - Primeiros Esboços

APÊNDICE II – CRONOGRAMA DE ENTREGA

TCC - Roteiro

Setembro 2022

Domingo	Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira	Sábado
28	29	30	31	1	2	3
4	5	6	7	8	9 <i>Entrega 1º Boleto</i>	10
11	12	13	14	15	16 <i>Entrega 2º Boleto</i>	17
18	19	20	21	22	23 <i>Entrega 3º Boleto</i>	24
25	26	27	28	29	30 <i>Entrega 4º Boleto</i>	1

iCalendario.br.com

ANEXO 1 - Cronograma de Entrega de Roteiro

APÊNDICE III – Logline, Storyline e Sinopse

LOGLINE

Após a morte da mãe, um jovem do interior encontra uma caixa de fitas cassetes. Sem nunca ter conhecido a avó materna, ele viaja à capital baiana em busca dos vestígios dessa mulher e em busca de si.

STORYLINE

Depois da recente morte de sua mãe Jana, Cícero tenta retornar à rotina no povoado de Cabaceiras, ao mesmo tempo que lida com o luto. Ele encontra uma caixa de fitas cassetes, contendo gravações de sua avó, Maria Aparecida, enviadas para sua mãe. Decidido a encontrar a avó materna, Cícero sai em direção a Salvador em busca de uma avó que nunca conheceu. Ele embarca numa jornada em busca de si.

SINOPSE

Cícero é um jovem negro que mora em um pequeno povoado no interior da Bahia. Desde de criança é um bailarino bastante talentoso, mas que nos últimos anos teve que abandonar sua paixão pela dança para trabalhar numa fábrica de sapatos.

Após a morte da mãe Jana, Cícero se encontra retornando a rotina ao mesmo tempo, tendo que lidar com o luto. Morando na casa antiga e velha que era do seu avô, lugar onde viveu desde de pequeno com sua mãe, recebe a visita e os cuidados do seu irmão mais novo e da madrinha-tia. Por terem personalidades bastantes distintas, a relação de Cícero e Peu é marcada por momentos de embate e outros de acalanto. Cada um vem lidando e reagindo de uma forma diferente com o processo da perda. Peu passou a morar com a madrinha Lora, enquanto Cícero, continua morando na casa antiga. Peu e Lora tentam convencer Cícero de deixar a casa velha, para morar com eles.

Depois de uma chuva forte no povoado, uma goteira surge no forro da casa incomodando profundamente Cícero. Ele decide subir no forro de madeira com a intenção de consertar a goteira. Subindo pela primeira vez no forro da casa, Cícero encontra uma caixa de papelão contendo várias

fitas cassetes. Todas as fitas estão dentro de envelopes fechados, tendo o destinatário o nome de sua mãe Jana. Surpreso pela quantidade de fitas cassetes e instigado pelo conteúdo delas, Cícero reproduz algumas fitas cassetes. Ao começar a ouvir, ele descobre que são áudio-cartas de sua avó materna, Maria Aparecida, enviada para sua mãe a muito tempo atrás.

Envolvido com os relatos e com a voz da avó Maria Aparecida, Cícero mostra para Peu algumas gravações. Diferente de Cícero, Peu não se mostra tão entusiasmado. Com um certo sentimento de raiva pelos relatos despertarem em si uma forte lembrança e saudades de sua mãe, Peu pede para Cícero esquecer as fitas cassetes e deixá-las de lado. Cícero não dá muito ouvido para o irmão e, envolvido com as fitas cassetes, ele parte em direção a Salvador.

Pisando os pés na capital baiana pela primeira vez na vida, Cícero desembarca no terminal rodoviário de Salvador. Dentro de um táxi, ele se dirige em direção ao bairro da Gamboa. Ele encontra seu amigo Ary, empurrando um barco e uma rede com alguns peixes. Ary tem trinta anos, bom humor, morou no povoado de Cabeceira até os quinze antes de se mudar para Salvador. Ary é um grande amigo da adolescência de Cícero. Não tendo mais contato com Duda desde que ela saiu do povoado há cinco anos atrás, Ary leva Cícero até Duda. No presente, os dois têm uma relação meio fria e conflituosa devido ao fim do relacionamento no passado.

Decidido a passar um tempo em Salvador, Duda promete tentar achar algum emprego temporário para Cícero. Cícero volta a ouvir algumas fitas cassetes gravadas por Iara. No dia seguinte, ele decide ir até o endereço que se encontra como remetente, escrito em um dos envelopes das fitas cassetes. Cícero passa em frente a uma escola de balé e fica fascinado ao ver crianças e adolescentes dançando. Ao chegar no endereço, ele encontra uma igreja evangélica de bairro, ao invés de uma casa. Sendo direcionado para outra casa, Cícero encontra uma moça bem mais nova, evangélica e tendo o mesmo nome da sua avó. Cícero vai embora sem ter notícias, pistas ou informações de sua avó.

Cícero encontra uma tia-avó, irmã do seu avô em Salvador. Duda arranja um emprego numa loja de aquário para Cícero. Ele tenta conversar com Duda, mas ela ignora. Na casa de Ary, Cícero volta a ouvir as fitas cassetes e procurar pela avó materna. Andando pelas ruas de Salvador, Cícero não encontra nenhuma pista do paradeiro de Maria Aparecida. Paralelo a isso, ele encontra na estação do metrô um cartaz para seleção de bailarinos para uma companhia. Cícero procura Duda, mas ela joga a real para ele. Na loja onde trabalha, Cícero avista uma tartaruga marinha dentro de um aquário. Cícero vai até a casa da tia, descobrindo mais sobre o passado de Maria

Aparecida.

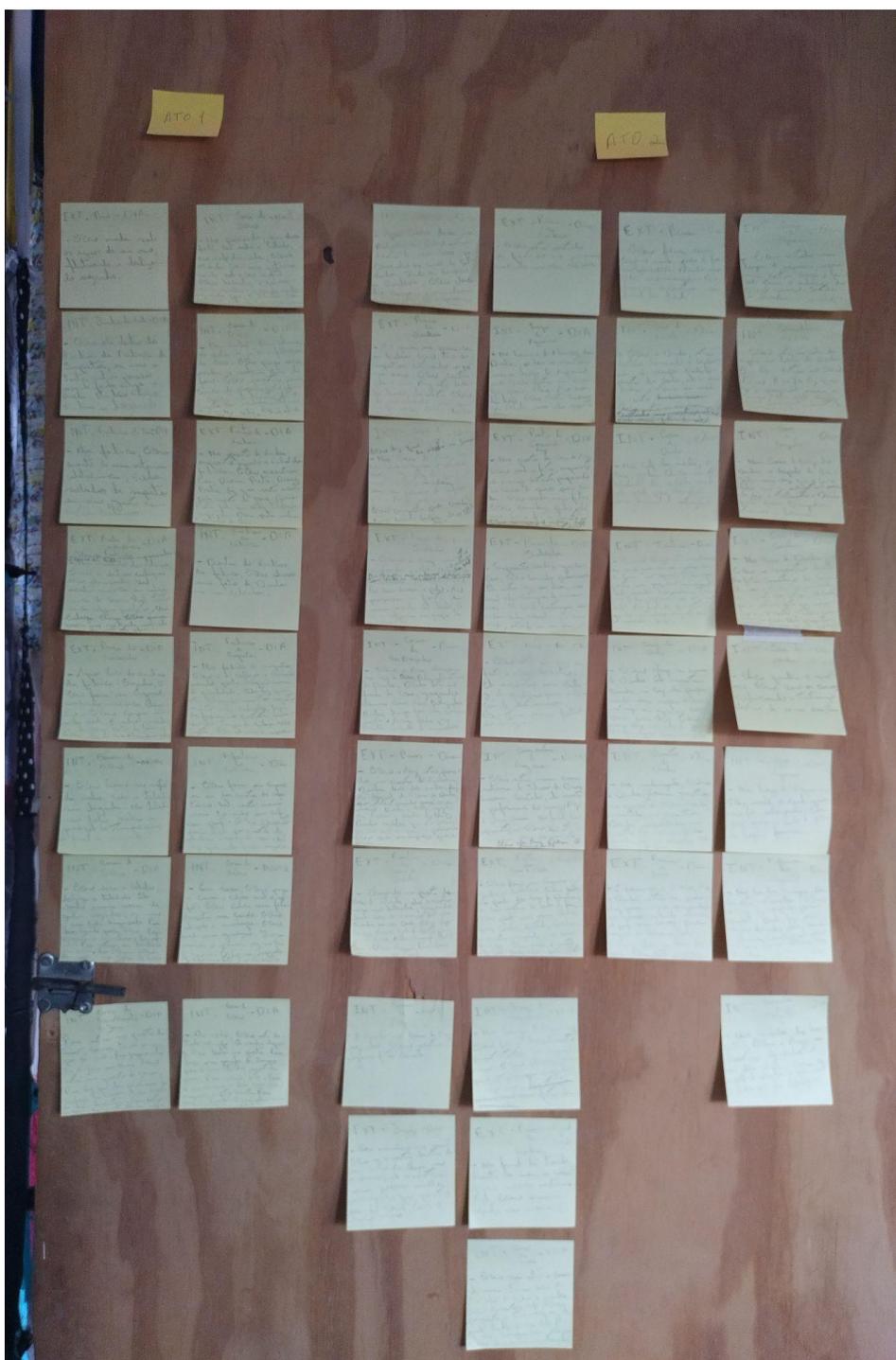
Duda manda mensagem para Cícero, com o objetivo de pedir desculpas pela forma fria e ríspida que ela tratou ele na noite anterior. Cícero e Duda dormem juntos, no café da manhã Cícero ajuda Chico na atividade da escola. Cícero participa da audição para bailarinos, revelando sua paixão interrompida com o balé. De volta na casa de Duda, Cícero entrega para Chico uma tartaruga marinha dentro de um aquário. Após chegar em casa cansada e abatida, enquanto tenta dormir, Duda revela para Cícero que ela precisa fazer uma cirurgia no coração, contudo se encontra com muito medo.

Diante das fitas cassetes da avó, Cícero passa a carregar consigo um envelope que tem o remetente da época que avó Maria Aparecida, estava no Rio de Janeiro. Em casa, Chico quebra acidentalmente o aquário no qual a tartaruga marinha se encontra. Cícero recebe o email que não foi selecionado para fazer parte da companhia de balé. No dia da cirurgia de Duda, ela pede para Cícero deixar Chico com a sua avó Dona Preta, caso ocorra alguma coisa com ela na cirurgia. Duda tem uma complicação cirúrgica e morre.

Abatido com a perda, Cícero joga as fitas cassetes no mar. Profundamente triste, após o enterro do corpo de Duda, Dona Preta entrega para ele um CD da avó, deixado por ela muitos anos atrás, quando ele nasceu e tentou visitá-lo no povoado. Cícero resolve ligar para Peu para saber notícias do irmão. Peu informa que a antiga casa que eles moravam no Povoado, desabou.

Junto com Chico, os dois lançam a tartaruga marinha no mar. Cícero se despede de Chico que segue junto com a bisavó, para o povoado de Cabeceiras. Em casa, Cícero recorta a imagem da avó na capa do CD e cola junto com uma antiga foto onde se encontra ele, o irmão e a mãe. Um dos avaliadores da audição, telefona para Chico dizendo que a história de Cícero com o balé lembra muito a história dele, oferecendo a Cícero, uma bolsa de estudo numa escola de balé no qual ele é um dos sócios. Cícero dança balé.

APÊNDICE IV – ESCALETA



ANEXO 1 - ESCALETA DO ATO 1 E ATO 2

CORRENTEZA
Longa-Metragem de Ficção

PRIMEIRO TRATAMENTO

Escrito por

Denis Martins

Brasil, 2022

1 EXT. RIO - DIA

Suaves ondas se movimentam pelas águas do rio.

Deitado sobre as águas de um rio calmo, CÍCERO (27), jovem homem negro, flutua sozinho deslizando os braços e pernas suavemente.

Cícero desliza sobre as águas, sob as forças da correnteza do rio, seu corpo se movimenta.

2 INT. ÔNIBUS DA FÁBRICA DE SAPATOS - DIA

Em meio a uma multidão de funcionários, Cícero se encontra sentado em um dos bancos, enquanto o ônibus se locomove por uma estrada de asfalto.

Todas as pessoas estão usando a mesma farda de cor cinza e um crachá pendurado no pescoço. São funcionários de diferentes idades e gênero. A maioria estão sentados nas cadeiras, outros, se encontram em pé no corredor do ônibus. Entre algumas pessoas, fones de ouvido, mochilas e bolsas.

Sentado no banco ao lado do corredor, Cícero permanece com um olhar fixo, vago e perdido, encarando a frente do ônibus.

3 EXT. PÁTIO DA FÁBRICA DE SAPATOS - DIA

Parando numa área aberta do pátio, o ônibus da fábrica abre as portas.

Cícero e os demais funcionários, descem do ônibus se espalhando pelo pátio em um grande grupo de pessoas, todas caminhando em direção ao portão de entrada da fábrica.

4 INT. SALA DE PRODUÇÃO DA FÁBRICA DE SAP. - DIA

Numa mesa grande, uma pilha de solados de borracha empilhados, um em cima do outro.

Ao lado, pincéis e latas de cola de sapato.

As mãos de Cícero pega um pincel, mergulha na cola e em seguida passa sobre um solado.

Rapidamente ele coloca o solado com cola na mesa, pegando um outro solado e repetindo os mesmos processos de forma acelerada.

Um solado atrás do outro, Cícero passa cola.

Ele e mais TRÊS FUNCIONÁRIO diante da mesa, desempenham a mesma atividade, em um mesmo ritmo.

Na sala de produção, outras pessoas trabalham diante de outras mesas, realizando a mesma atividade.

Em seguida, Cícero coloca alguns solados com cola em cima de outra mesa, ao lado. Ele se aproxima colando os solados numa série de sapatos recém costurado.

Outro COLEGA (32) se aproxima, realizando a mesma atividade.

A SUPERVISORA (45), mulher de meia idade, ENTRA.

SUPERVISORA

Bom dia!

FUNCIONÁRIOS

Bom dia.

A Supervisora caminha pela Sala de Produção.

SUPERVISORA

Tudo certo por aqui?

FUNCIONÁRIO LÍDER

Tudo sobre controle.

Cícero permanece calado concentrado na atividade.

A Supervisora se aproxima de uma mesa, repleta de unidades de sapatos com solados colados.

SUPERVISORA

Aquela mocinha, também não veio hoje?

FUNCIONÁRIO LÍDER

Até o momento não chefa.

SUPERVISORA

Silvo, manda mensagem pra ela mais tarde.

FUNCIONÁRIO LÍDER

Ok.

Diante da mesa, Cícero permanece colando os solados.

5 EXT. PÁTIO - ÁREA DE CONVIVÊNCIA DA FÁBRICA - DIA

Em um dos cantos, algumas pessoas estão sentadas comendo em vasilhas. Outras se encontram em pé tomando um café ou descascando uma laranja.

Próximo ao grupo de funcionários, Cícero come numa vasilha de modo calado, sentado no meio fio.

Uma caixinha de som retrô está em cima de um dos banco, tocando música do gênero arrocha.

VAL (40), funcionário da fábrica, se encontra sentado junto ao grupo de pessoas, com uma bolsa grande repleta de acessórios eletrônicos: fones de ouvido, carregador de celular, caixinhas de som, cabos e etc.

FUNCIONÁRIA 1

Essa é boa demais, viu.

FUNCIONÁRIA 2

Eu que não gosto dessas coisas, nunca nem tinha ouvido.

FUNCIONÁRIA 1

Oh Lu, pois eu amo. Só faltou um litrão aqui agora.

Funcionária 2 ri.

FUNCIONÁRIA 1 (CONT'D)

E cantar, dançar.. Bom demais.

FUNCIONÁRIA 2

Queta menina!

Val coloca um carregador de celular dentro de uma embalagem.

VAL

Leva moça, a caxinha de som também. Entrada bluetooth, pen drive, fita, rádio...

Funcionária 1 coloca mais café em seu copo.

FUNCIONÁRIO 1

Posso não Val, tá doido, tô apertada. Dessa vez vou só pegar o carregador mesmo na sua mão.

Val entrega o carregador para FUNCIONÁRIA 1.

VAL

Então, cê que sabe. Mas assim, tem outros modelos aqui também.

Funcionária 1 tira o celular do bolso da calça.

FUNCIONÁRIO 1

Numa próxima. Coloca aqui seu pix.

Val pega o celular da Funcionária 1, entregando em seguida, para ela novamente.

VAL

Bora, Cícero! Fone de ouvido, carregador, caixinha de som, cabo, película...

CÍCERO

Não, valeu!

VAL

E o forrozinho nesse final de semana, no Barzinho de Neuza?

Cícero balança a cabeça negando o convite, enquanto permanece calado comendo.

FUNCIONÁRIA 2

Amanhã e domingo, tá com uma cara é que vai cair um toró. Oh, como o céu tá nublado.

6 EXT. RUA DO POVOADO DE CABECEIRAS - FINAL DE TARDE

Com uma mochila nas costas, Cícero desce do ônibus da fábrica.

Parado no passeio, Cícero observa a praça central do Povoado de Cabeceiras.

Várias casas simples, uma igreja, alguns terrenos vazios, um mercadinho, tudo em frente as pequenas ruas que contornam a praça central.

O ônibus da fábrica se locomove descendo em uma das ruas.

Cícero caminha em direção a uma das mesas e bancos da praça. Ele senta em cima de uma das mesa, apoiando os pés em um dos bancos.

Cícero coloca um cigarro na boca e acende.

Ele pega o celular e coloca uma música clássica instrumental para tocar. Sozinho na praça Cícero fuma e ouve música clássica, observando o povoado na sua frente.

Uma MULHER (25), passa em frente a praça empurrando um carrinho de bebê.

Tragando o cigarro, Cícero observa por uns instantes a mulher empurrar o carrinho de bebê. Ele observa com um olhar perdido e vago para carrinho, até mulher se distanciar da praça.

Cícero fuma.

Um SENHOR (70) passa pela praça, empurrando um carrinho de milho verde.

SENHOR

Olha o milho e a pamonha.

Cícero observa o carrinho de milho verde.

CÍCERO

Prepara um milho pra mim.

O Senhor para o carrinho de milho verde próximo a Cícero.

O Senhor tira uma espiga de milho e colocando numa palha de milho.

SENHOR

Manteiga e sal, meu jovem?

CÍCERO

Pode colocar.

O Senhor passa manteiga no milho.

SENHOR

Você é neto de Juvino?

CÍCERO

Era meu avô.

SENHOR

Era gente fina demais, melhor pedreiro daqui do povoado.

O senhor entrega o milho verde para Cícero.

Cícero abre a mochila, tirando uma nota de cinco reais.

CÍCERO

Ele foi um grande pai pra mim.

SENHOR

Eu lembro de tu pequenininho com sua mãe.

Comendo o milho, Cícero abaixa a cabeça.

SENHOR (CONT'D)

Até mais, jovem.

CÍCERO

Até.

Cícero come o milho verde em silêncio.

7 INT. CASA DE CÍCERO - SALA - NOITE

Ambiente muito simples, um sofá envelhecido, uma estante antiga e uma televisão.

Cícero cochila no sofá com a televisão ligada.

TELEVISÃO (V.O.)

Filhotes de tartarugas marinhas são soltos em praias.

(MORE)

TELEVISÃO (V.O.) (CONT'D)

Animais da espécie tartaruga-pente foram entregues à natureza depois de nascerem em ninhos. Cerca de cento e quarenta e cinco filhotes, foram levados ao mar, após os ovos eclodirem na última terça-feira. Além destes animais, ovos eclodiram também em outros ninhos localizado nas costas baianas nos próximos dias. De acordo com os técnicos, as tartarugas são de três espécies diferentes, e que devem ser levados a natureza assim que for possível a soltura no mar.

8 INT. CASA DE CÍCERO - QUARTO DE CÍCERO - DIA

Ambiente bastante deteriorado.

Paredes cheias de rachaduras e repletas de manchas de mofo. Em um dos cantos, em cima da beliche, forro de madeira deteriorado e cheio de cupim.

No espaço, um guarda roupa antigo.

Em pé diante do guarda-roupa, usando uma calça, Cícero termina de secar os ombros com uma toalha.

Ele abre o guarda-roupa e pega a primeira camisa que encontra e veste.

Enquanto seca o cabelo, Cícero avista um pilha de desenhos dentro de uma sacola transparente. Ele observa por um instante.

Cícero fecha o guarda-roupa, saindo em direção a porta de saída do quarto.

Ao colocar a mão na maceneta da porta, ela desmonta caindo no chão.

Cícero pega as peças da maçaneta e monta na porta.

Cícero SAI.

9 INT. CASA DE CÍCERO - SALA - DIA

Cícero ENTRA na sala.

Ele desliga a televisão e caminha em direção a uma mesa antiga de jantar. Senta numa cadeira, proximo a cabeceira da mesa.

Com a carteira de cigarro sobre a mesa, ele tira um cigarro, coloca na boca e acende com o isqueiro.

Sentando sozinho na mesa vazia de jantar, Cícero traga o cigarro observando a casa deteriorada e bagunçada.

SOM de batidas na porta da casa.

Cícero levanta da mesa e caminha em direção a porta.

Ele abre a porta.

Do lado de fora, PEU (18) jovem rapaz, desliga a moto.

PEU

Só assim pra te encontrar, Cio.

Peu ENTRA na casa segurando uma sacola com uma vasilha.

Cícero fecha a porta.

Peu coloca a sacola em cima da mesa.

Cícero volta novamente a sentar na cadeira diante da mesa.

PEU (CONT'D)

Madrinha te esperou lá até nesse instante.

Cícero apaga o cigarro no canto da mesa.

CÍCERO

Tava muito afim de sair não.

Peu puxa uma cadeira, sentando diante da mesa.

PEU

Ela acabou imaginando que você não ia. Mandou trazer o estrogonofe ai pra tu.

Peu observa a deterioração e a bagunça da casa.

Peu tira do bolso uma pequena barra de chocolate, colocando na mesa.

PEU (CONT'D)

Sobremesa que tu gosta.

Cícero pega a barra de chocolate.

CÍCERO

Valeu, Peu.

Silêncio entre os dois.

Segurando a chave da moto, Peu risca a lateral da mesa.

PEU

Tu achou os meus desenhos?

CÍCERO
Tão lá no quarto.

PEU
Uma mina tá me chamando pra dividir um studio.

CÍCERO
Vai voltar tatuar?

PEU
Tô querendo mano. Esse negócio de ir pra conquista toda noite, ficar em cima da moto entregando pedido, tá foda.

Peu volta a observar a casa.

PEU (CONT'D)
Final de semana vamos descer pra Chapada, bora?

CÍCERO
Tô afim não, Peu.

PEU
Porra.. Você precisa sair um pouco cara. Olha só a situação dessas paredes, Cio... Não tá te fazendo bem... Você nem sai mais com a galera.

CÍCERO
Só não tô com vontade.

PEU
Vem morar na casa de madrinha, irmão.

CÍCERO
Gosto daqui Peu.

PEU
Mano, o quarto que a gente dormia tá uma merda. Dúvido se você dorme naquele lugar..

Cícero respira profundamente.

CÍCERO
Eu quero ficar aqui.

Peu levanta da cadeira.

Ele SAI em direção ao quarto de JANA.

10 INT. CASA DE CÍCERO - QUARTO DE JANA - DIA

Peu ENTRA no quarto de Jana.

No ambiente simples, uma cama de casal, um guarda-roupa, uma comôda com alguns portas-retratos.

Peu abre as portas do guarda-roupa.

Ele começa a tirar as peças de roupas de Jana penduradas no cabide, colocando as roupas em cima da cama.

Cícero ENTRA no quarto.

CÍCERO
O que você tá fazendo?

PEU
Mano, a gente precisa dá um jeito nessas coisas. Mais de um mês que mainha morreu e essas coisas mofando, aqui.

Peu continua tirando as roupas de dentro do guarda-roupa.

CÍCERO
Deixa esses trem ai.

PEU
Não faz sentindo essas roupas continuar aqui, cara.

CÍCERO
Peu, por favor vai embora.

Peu e Cícero se entreolham por um estante.

Com raiva Peu empurra as coisas em cima da cômoda. Um porta-retrato, livros, caixas de medicamentos, cadernos, caem no chão.

Peu SAI, cheio de raiva.

Cícero observa a cama, repleta de roupas.

SOM da moto saindo.

Entristecido Cícero caminha até a cômoda e pega o porta-retrato. No porta-retrato, uma fotografia antiga de Jana tendo Peu e Cícero em cada lado.

Segurando o porta-retrato, Cícero caminha até a cama. Sentando na beira da cama ele contempla a fotografia. Em seguida, com o porta-retrato em mão, Cícero deita sobre as roupas em posição fetal.

11 EXT. POVOADO DE CABECEIRA - RUA - NOITE

Do lado de fora da casa, uma chuva forte toma conta das ruas do povoado.

12 INT. CASA DE CÍCERO - SALA - NOITE

Cícero se encontra deitado, dormindo no sofá da sala.

SOM de chuva toma conta do espaço.

Na casa várias goteiras vindo do forro, assim como infiltrações nas paredes.

No sofá no qual Cícero dorme, ele acorda com uma goteira caindo em cima do sofá. Ele senta, observando as goteiras e as infiltrações no ambiente.

13 INT. CASA DE CÍCERO - SALA - DIA

Em pé, encostado numa parede, Cícero fuma um cigarro.

Já sem barulho de chuva e apenas algumas poucas goteiras, Cícero observa as vasilhas e panelas espalhadas pela casa.

14 INT. CASA DE CÍCERO - COZINHA - DIA

Ambiente simples com alguns mobiliários antigos e envelhecidos pelo uso e tempo.

Segurando uma escada de madeira, Cícero coloca ela apoiada no chão indo em direção ao forro da cozinha.

Cícero sobe a escada.

Ao chegar próximo do forro Cícero retira com as mãos, a tampa de acesso a parte superior do forro.

15 INT. CASA DE CÍCERO - PARTE SUPERIOR DO FORRO - DIA

Cícero ENTRA no forro, apoiando seus pés em uma das paredes.

A pouca luz que incide, entra pelos espaçamento das telhas.

Cícero liga a lanterna do celular.

No espaço, sob a cabeça de Cícero uma grande estrutura de madeira e telhas envelhecidas, compõe o telhado. Fiação elétrica, canos hidráulicos.

No forro, varias poças de água.

Algumas poucas gotas ainda caem do telhado.

Cícero joga a luz da lanterna em direção ao telhado. Ele avista, uma série de espaçamento entre as telhas. Em seguida, iluminando o espaço Cícero encontra uma caixa de papelão de tamanho médio, em um dos cantos.

Cícero fica com a lanterna paralisada sobre a caixa de papelão.

16 INT. CASA DE CÍCERO - COZINHA - DIA

Cícero desce a escada, segurando a caixa de papelão em um dos braços. Uma das partes da caixa, se encontra bastante molhada quase rasgando.

Ele caminha com a caixa e coloca ela em cima da mesa.

Cícero abre a caixa.

Ele encontra dentro, uma série de envelopes fechados. Muitos estão amarelados e outros molhados.

Cícero tira um envelope da caixa, segurando entre as mãos, ele abre.

Cícero encontra uma fita cassete.

Ele pega um outro envelope, abre, e encontra uma outra fita cassete.

Cícero pega um terceiro envelope, abre e encontra mais uma vez, outra fita cassete.

Ele vira um dos envelopes, encontrando um selo marcando:

"1985"

Logo abaixo, escrito a caneta, Cícero encontra as seguintes palavras:

"REMETENTE: MARIA APARECIDA SILVA SANTOS

BROTAS, NÚMERO 482, SALVADOR-BA

*

DESTINÁRIO: JANA DOS SANTOS OLIVEIRA

RUA D, 25, Povoado de Cabeceiras - BA"

Cícero segura as fitas cassetes na mão, observando de modo curioso, cada uma delas.

17 EXT. POVOADO DE CABECEIRA - PONTO DE ÔNIBUS - DIA

Usando a farda cinza da fábrica e o crachá pendurado no pescoço, Cícero se encontra debaixo da cobertura do ponto de ônibus.

Pensativo, Cícero segura um guarda-chuva fechado entre as mãos.

Em seguida, DONA PRETA (70) se aproxima do ponto de ônibus segurando um guarda-chuva fechado.

DONA PRETA
Bom dia, Cio!

Dona Preta senta no ponto de ônibus ao lado de Cícero.

CÍCERO
Opa. Benção Dona Preta.

DONA PRETA
Deus te abençõe, meu fi. Tu viu se a van que vai pra conquista, passou?

CÍCERO
Da hora que tô aqui, passou não.

DONA PRETA
É, deve custar não... E as coisas? Como andam?

CÍCERO
Tão ai.

DONA PRETA
É meu fi, perder mãe não é brincadeira não.

Cícero fica em silêncio, mexendo no guarda-chuva.

DONA PRETA (CONT'D)
Tu ainda tá morando naquela casa, que era do seu avô?

CÍCERO
É.

DONA PRETA
Ah, sim. Nunca mais te vi andando por aqui.

Cícero fica calado.

DONA PRETA (CONT'D)
Ontem Duda me ligou. A gente ficou uma boa hora batendo papo. Oh, Cio! Meu bisnetinho tá tão grande!

Dona Preta tira o celular da bolsa e mexe na tela.

DONA PRETA (CONT'D)

Já tá indo pra escola. Duda disse que até comer, tá começando a aprender pegar na colher sozinho. Olha só o tamanho dele!

Dona Preta mostra para Cícero, uma fotografia de Chico na tela do celular.

Na fotografia, Chico é uma criança de cinco anos usando uma farda de escola e mochilas nas costas.

CÍCERO

Tá grande.

DONA PRETA

Enorme! Tá faltando ela trazer ele aqui pra mim conhecer.

Cícero fica em silêncio por alguns estantes.

CÍCERO

Ela ainda tá morando por lá?

DONA PRETA

Tá, meu fi.

18 INT. ÔNIBUS DA FÁBRICA - DIA

Cícero se encontra sentado em um dos bancos.

No ônibus, vários funcionários e funcionárias. Alguns estão sentados, outros em pé no corredor.

Enquanto o ônibus se locomove, Cícero observa a janela ao seu lado.

19 INT. SALA DE PRODUÇÃO DA FÁBRICA DE SAP. - DIA

Os funcionários e funcionárias, estão em pé em um dos cantos da fábrica.

Cícero, se encontra em pé junto ao grupo.

A supervisora está a frente, segurando uma prancheta.

Ela prende algumas folhas na prancheta.

SUPERVISORA

Bom pessoal, chamei vocês aqui do setor, somente para passar um informe breve pra geral. Hoje de manhã já tive uma conversa com o líder de vocês, não foi Silvo?

(MORE)

SUPERVISORA (CONT'D)

E a gente achou melhor trazer essa questão pra todo mundo aqui, tá? Há quatro semanas, tem chegado no setor de qualidade, muitos sapatos mau colados. Viemos recebendo essa notificação, o que nos leva a passar ter, um pouco mais de atenção durante as nossas atividades. Evitar as conversinhas paralelas, a resenha, e manter mais a concentração no nosso trabalho. Precisamos bater as metas do dia, mas com calçados que saem daqui com uma boa qualidade. Pra isso, é necessário a coloboração de todo mundo aqui. Combinado?

Os funcionários e funcionárias balançam o rosto em sinal afirmativo.

SUPERVISORA (CONT'D)

Era só isso mesmo pessoal, podem voltar ao trabalho de vocês.

A Supervisora SAI.

Cícero e os colegas caminham em direção as mesas de trabalho.

Funcionário 3 se apróxima da mesa onde Cícero se encontra.

FUNCIONÁRIO 3

Na primeira oportunidade, eu saio dessa porra.

Cícero observa o colega a sua frente.

20 EXT. ÁREA DE CONVIVÊNCIA DA FÁBRICA - DIA

Encostado em um dos cantos, Cícero fuma um cigarro.

Alguns funcionários estão em grupos, outros espalhados.

Val caminha e senta em frente a uma mesa. Ele toma café e mexe no celular.

Cícero caminha em direção a Val.

CÍCERO

Ei, Val.

VAL

Fala ai, Cio.

CÍCERO

Tá vendendo por quanto aquela caxinha de som?

VAL
A retrozinha?

CÍCERO
É. Ela toca fita né?

VAL
Fita, USB, bluetooth.. Última geração.

21 INT. CASA DE CÍCERO - SALA - NOITE

Cícero se senta no chão, conectando o fio da caixinha de som numa tomada próxima.

Uma luz se acende na caixinha.

Cícero levanta, caminha até a mesa e pega a caixa de papelão cheia de envelopes com fitas. Ele leva até a caixinha de som.

Sentando novamente no chão, Cícero pega uns envelopes dentro da caixa. Alguns ele coloca em cima do sofá, um envelope, ele permanece na mão.

Cícero abre o envelope e tira uma fita cassete.

Em seguida, ele coloca a fita dentro da caixinha de som e aperta um botão.

SOM de ruído de rádio não sintonizado.

Cícero aperta outro botão.

A caixa de som fica em silêncio.

Cícero aperta um terceiro botão.

A fita cassete começa sendo reproduzida com um volume baixo e com leve ruído sonoro.

Cícero aumenta o volume.

MARIA APARECIDA (V.O.)
Minha pequena, Jana. Essa noite enquanto dormia, sonhei com você princesinha. No sonho, estávamos numa festa de aniversário que era bem parecida com aquela sua de três anos. Você tava no meu colo e chupava o dedo.. Minha nossa, lembrei como a gente brigava pra você parar com aquela mania... Espero que você tenha deixado... Era hora do parabéns e você não queria ir para frente do bolo princesinha. Todo mundo chamava seu nome, brincava..
(MORE)

MARIA APARECIDA (V.O.) (CONT'D)

Tentavam despertar sua atenção..
Mas nada. Até que não teve jeito, e
seu pai pegou você. Enquanto a
gente cantava, você chorava sem
querer apagar a vela. Acordei com
uma saudade imensa de tu minha
filha. Pulei cedo da cama e vim pra
cozinha preparar um cuscuz. Elza,
adora! Por aqui o dia parece que
vai ser quente. Aqueles dias bom
pra a gente tomar um banho de rio.
Mainha, te ama muito viu?

O SOM fica em silêncio.

Cícero fica paralisado por um tempo.

Em seguida, ele vira o envelope.

No verso, um selo com a data:

"1977"

Logo, abaixo as seguintes informações:

"REMETENTE: MARIA APARECIDA SILVA SANTOS

BROTAS, NÚMERO 482, SALVADOR-BA

*

DESTINÁRIO: JANA DOS SANTOS OLIVEIRA

RUA D, 25, Povoado de Cabeceiras - BA"

Cícero pega outro envelope, sendo este, boa parte do papel já
ruído pelo tempo.

Tira a fita cassete da caxinha de som e coloca uma outra fita
para reproduzir.

Ele aperta um botão.

Na caixinha de som começa a tocar uma melodia, acompanhada da
voz de MARIA APARECIDA, cantando:

"PRECISO ME ENCONTRAR - COMPOSIÇÃO DE CANDEIA".

22 INT. CASA DE CÍCERO - SALA - DIA

Várias fitas cassetes estão espelhadas pelo chão e no sofá.

No chão carteira de cigarro, isqueiro e umas pitucas de
cigarro.

Sentado no chão ainda usando a farda da fábrica, Cícero
cochila com a cabeça escorada no sofá.

SOM de batidas na porta.

Cícero levanta e abre a porta.

Do lado de fora, Peu está em pé, segurando um capacete.

PEU

Vim pegar os desenho.

Cícero termina de abrir a porta.

Peu ENTRA na casa.

Peu passa pela sala, observa a caixinha de som e as fitas, e segue em direção ao seu antigo quarto.

Cícero senta no sofá da sala em silêncio.

Peu sai do quarto, segurando um saco plástico cheio de papel.

CÍCERO

Peu, escuta isso aqui.

Cícero vai até a caixinha de som e aperta o botão.

MARIA APARECIDA (V.O.)

Minha mocinha, Jana. Conheci pela primeira vez o Farol da Barra. É um lugar tão bonito, lá do alto, a gente ver só mar no horizonte. Ontem, Elza me apresentou uma pessoa muito especial, um talentoso professor. Agora a tarde tive aula com ele e foi tão bom poder começar a relembrar as notas e os acordes... Acho que a última vez que peguei numa corda de violão, devia ter algo próximo a sua idade. Por aqui, mamãe continua sentindo sua falta princesa. Toda mocinha que passa por mim, quando eu ando na rua, as vezes acho que é você. Quando a gente se ver, vou te ensinar a tocar, viu? Mãe ama.

Peu fica paralisado, com os olhos marejados.

PEU

Onde você achou isso?

CÍCERO

Tava ai, em cima do forro.. É a nossa vó, Peu.

Peu se aproxima das fitas, pegando uma delas.

PEU

Mainha nunca mostrou isso..

CÍCERO

Ela mau falava de nossa vó.

Peu fica alguns instantes olhando para fita.

Em seguida, ele deixa a fita cassete e sai caminhando em direção a porta.

PEU

Deixa isso queto.

Peu SAÍ, indo em direção a moto.

Com um envelope na mão, Cícero caminha até a porta.

23 EXT. FRENTE DA CASA DE CÍCERO - DIA

Em pé, com a porta da casa aberta, Cícero observa Peu subir na moto e sair pilotando.

Cícero vira o verso do envelope, congelado os olhos nas palavras e números escritos.

24 INT. VAN (TRANSPORTE INTERMUNICIPAL)- ESTRADA - DIA

Cícero se encontra sentado em um dos bancos, em meio a várias pessoas de diferentes idades, que usam muitas roupas cotidianas coloridas.

A van se desloca numa estrada de terra e poeira.

25 EXT. RODOVIA BR 116 - DIA

A van se desloca numa rodovia asfaltada e de perímetro urbano, passando ao lado de uma placa com as seguintes palavras:

"BEM VINDO A VITÓRIA DA CONQUISTA"

26 EXT. RODOVIÁRIA DE VITÓRIA DA CONQUISTA - DIA

Cícero está em pé numa fila de Guichê, segurando algumas malas e bolsa.

Uma MULHER (50) a frente de Cícero, sai do Guichê.

Cícero se aproxima.

CÍCERO

Uma passagem pra Salvador.

27 INT. ÔNIBUS RODOVIÁRIO - ESTRADA - NOITE

Sentado em um banco ao lado da janela, Cícero observa as luzes dos postes no alto, enquanto o ônibus se movimenta por uma estrada.

28 EXT. TERMINAL RODOVIÁRIO DE SALVADOR - DIA

Em pé diante do ônibus, Cícero segura algumas bolsas e malas. Cícero observa as pessoas espalhadas pelo espaço.

29 INT. TAXI - DIA

Cícero se encontra sentado no banco de trás do carro. Enquanto o carro corre pelas avenidas de Salvador, Cícero observa a cidade através da janela.

30 EXT. AVENIDA PRINCIPAL - DIA

Cícero desce do carro na avenida principal da comunidade Solar do Unhão.

Ele pega a bolsa e as malas no porta mala.

Cícero avista o mar da praia da Gamboa.

31 EXT. PRAIA DA GAMBOA - DIA

Caminhando Cícero termina de descer uma escadaria, chegando nas pedras da praia.

Colocando os pés na praia, Cícero para alguns segundos observando o mar da Baía de Todos os Santos. Em meio a um céu azul, o sol incide sobre as águas. Na beira do mar vários barcos pequenos e canoas.

Ele solta as malas da mão, tirando também a bolsa das costas.

Cícero senta nas pedras, desfazendo os cadarços dos sapatos.

Ele tira os sapatos dos pés.

Com os braços apoiados nos joelhos, Cícero observa o mar.

Na beira do mar, ARY (30) homem negro de cabelo curto e descolorido, puxa uma canoa em direção a praia. Um dos pés de Ary se encontra com uma faixa de curativo, enrolado entorno do pé.

Sentado nas pedras, Cícero avista Ary distante. Cícero levanta, caminha alguns passos a frente com os olhos em Ary.

CÍCERO

Ary!

ARY

Oh, nego! É tu?

Ary solta a rede de peixes da mão, deixando sobre as pedras. Ary corre em direção a Cícero.

Ary e Cícero se abraçam.

ARY (CONT'D)

Meu Deus, Cio! Que saudade de tu amigo. Nem tô acreditando!

CÍCERO

Cuidado com o pé, Ary! Quanto tempo.

ARY

Tem é chã viu! A gente se viu.. Tem o que? Misericórdia! Quando eu sai de Cabeceira e vim pra cá... Ô, pra isso homem, doze ano. Só agora, tu resolve me aparecer aqui em Salvador.

CÍCERO

Antes tarde amigo, do que nunca.

ARY

Ué, Cio! Tava esperando tu mandar mensagem pra mim te buscar na rodoviária.

CÍCERO

Tu com o pé desse jeito?

ARY

Oxente, nego! Já tá de boa.

Os dois começam a caminhar em direção a bolsa e a mala de Cícero.

CÍCERO

Trabalho demais, Ary.

Ary para de caminhar.

ARY

Oh, meu pai! Os peixe!

Ary volta correndo em direção a canoa.

Cícero para de caminhar, observando Ary correndo.

CÍCERO

O pé, Ary!

Ary pega a rede de peixe e volta caminhando até Cícero.

Os dois caminham juntos pelas pedras da praia.

ARY

Tô tão feliz em te ver nego! Vê se não some!

32 INT. CASA DE ARY - COZINHA - DIA

Armário, fogão, geladeira, pia e mesa com cadeiras. Ambiente bastante simples composto por móveis e eletrodomésticos populares.

Ary está sentando em uma das cadeiras com a perna esticada, apoiando o pé machucado no colo de Cícero, cuja se encontra também sentando em uma cadeira em frente a Ary.

Ary costura a barra de uma roupa de tom azul.

Cícero massageia o pé machucado de Ary.

No fogão, três panelas estão cozinhando alimentos.

ARY

Você precisa conhecer a cidade, homem.

CÍCERO

Tu não sente saudade lá do povoado não?

Ary encolhe um pouco a perna.

ARY

Ai, perai.

CÍCERO

Doeu?

ARY

Onde tu apertou, nego.

CÍCERO

Acho que tu lesionou foi o músculo.

ARY

É, tô conseguindo andar de boa...
Ô, se fosse o osso tava difícil.
Então saudade eu sinto, mas assim..
Já construí uma vida aqui nego, que me faz bem sabe.

Ary permanece costurando de forma concentrada.

Silêncio por alguns instantes.

ARY (CONT'D)

Esses dias tava lembrando da nossa época lá no João Batista.. ô, Tempo bom viu.. A única preocupação era chegar no horário de Neuza.

CÍCERO

Neuza..

ARY

Misericórdia, nego. Até hoje lembro dela gritando "Postura Menino!"

Os dois riem.

CÍCERO

Tem notícia de Duda?

ARY

Ela mora no bairro aqui do lado. É bem pertinho. Vocês tem conversado?

Cícero fica em silêncio por alguns segundos.

CÍCERO

A comida tá cheirando Ary!

ARY

Oh, Cio. Vê se água do arroz secou ai.

Cícero levanta da cadeira e caminha até a pia, lavando as mãos.

Em seguida, ele caminha até o fogão.

Ele levanta a tampa de uma das panelas.

CÍCERO

Tá sem água.

ARY

Desliga ai.

Ary começa levantar da cadeira.

CÍCERO

Pode ficar ai, que aqui resolvo.

Cícero desliga o fogão.

Ele começa colocar as panelas em cima da mesa.

ARY

Os pratos estão nessa segunda porta.

Cícero abre o armário pegando pratos e talheres, colocando sob a mesa.

ARY (CONT'D)
Oh, homem valeu viu! Meu pé
ressuscitou das cinza.

CÍCERO
Faz isso todo dia, até melhorar.

Cícero senta a mesa, começando a servir a comida em seu prato.

Ary deixa a roupa que estava costurando ao lado, se servindo.

CÍCERO (CONT'D)
Sabe onde fica Brotas?

ARY
O Bairro Brotas?

CÍCERO
É.

ARY
Próximo do centro, nego. Porque?

CÍCERO
Tô procurando minha avó.

33 EXT. RUAS DE SALVADOR - DIA

Cícero e Ary estão em cima de uma moto bastante simples e popular, percorrendo uma grande avenida na Orla.

Usando capacete, Ary pilota a moto.

Cícero também usando capacete, segura na parte traseira da moto.

Os dois se deslocam pela avenida, passando por diferentes contornos.

34 EXT. RUA DO BAIRRO DE BROTAS - DIA

Ary para a moto em frente a uma esquina.

Cícero desce da moto, tirando o capacete.

Ary pega o celular do bolso, observando a tela.

ARY
Nego, na localização tá dizendo que
é aqui.

Cícero tira do bolso um envelope, observando o verso do papel.

ARY (CONT'D)
O número que tá ai é qual?

CÍCERO
482.

Observando as casas na rua, Cícero avista uma igreja ao lado, tendo na frente os números "482".

Ele para por um instante observando a igreja e seu letreiro:

"IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS ADORAI-VOS"

Em seguida, segurando o envelope na mão Cícero atravessa a rua, subindo no passeio da Igreja.

Um HOMEM (50) se encontra na parte da frente, varrendo o chão da igreja.

CÍCERO (CONT'D)
Bom dia!

HOMEM
Opa!

CÍCERO
Tô procurando uma mulher com o nome de Maria Aparecida.

HOMEM
Maria Aparecida?

CÍCERO
É, tá esse endereço.

HOMEM
Ô aqui, não mora ninguém não.

Cícero fica em silêncio observando a igreja.

CÍCERO
Tem alguém que frequenta, com esse nome?

O homem para de varrer o chão.

HOMEM
Olha só, tem a irmã Cida que participa do coral. Agora.. Não sei se o nome dela é esse aí.

CÍCERO
Onde encontro ela?

HOMEM

Irmã mora nessa rua de trás, em frente a uma sorveteriazinha. É nesse mesmo rumo. Uma casa branca de portão de grade.

CÍCERO

Certo! Obrigado moço.

O homem volta a varrer o chão.

Cícero caminha em direção a Ary.

CÍCERO (CONT'D)

Vamo nessa rua de trás.

Ary sobe em cima da moto.

Em seguida, Cícero também.

Ary liga a moto e SAI.

35 EXT. FRENTE DA CASA BRANCA DE GRADE - RUA - DIA

Em frente a casa, Cícero se encontra em pé batendo palmas.

Ary está do outro lado, com a moto parado em frente a sorveteria.

Cícero bate palmas.

Uma MULHER DA SORVETERIA (35) SAI de dentro da sorveteria.

MULHER DA SORVETERIA

Tem ninguém aí não, viu. A mulher que mora aí tá viajando. É pra entregar alguma coisa fi?

CÍCERO

Não.

MULHER DA SORVETERIA

Ah, sim. Eu ia dizer que pode deixar comigo, que eu recebo quando ela não tá.

CÍCERO

É Cida o nome dela?

MULHER DA SORVETERIA

Isso mesmo. Seria só com ela?

CÍCERO

É.

MULHER DA SORVETERIA

Deve chegar ainda essa semana.

CÍCERO

Beleza!

Ainda na calçada da casa, Cícero para por um instante pensativo.

ARY

Nego, bora tomar um sorvetinho..

Ary deixa o capacete na moto e ENTRA na sorveteria.

Ao lado da sorveteria, uma escola de balé de porte simples.

SOM baixo de música instrumental.

Cícero atravessa a rua, indo em direção a frente da escola de balé.

Parado no portão, Cícero observa crianças e pré adolescentes entre dez e doze anos, dançando balé sob a condução de uma professora.

Enquanto a música instrumental toca, Cícero observa as crianças dançarem.

Ary se aproxima de Cícero segurando dois potinho com sorvete.

ARY (CONT'D)

Oh, come ai homem.

Cícero pega o sorvete.

ARY (CONT'D)

Come rápido nego, vou te levar em um lugar.

Cícero come uma colher do sorvete.

36 EXT. CASA DE BENZINHO - JARDIM - DIA

Ambiente de classe média, bastante arejado e repleto de flores e plantas.

Diante de uma mesa, DUDA (32) se encontra sentada jogando dominó com SEU BENZINHO (80). Ele está sentando no outro lado da mesa numa cadeira de rodas.

Duda usa um colar com pingente de concha no pescoço.

DUDA

Tô com duas pedras na mão.

Benzinho levanta as duas mãos, segurando quatro peças de dominó.

BENZINHO

Jogo ruim viu, passo minha vez.

Duda pega uma das peças de dominó, colocando em uma das pontas do jogo.

BENZINHO (CONT'D)
Passo minha vez.

DUDA
De novo?

BENZINHO
Só veio bucha pra mim.

Duda coloca a última peça no jogo.

DUDA
Pelo visto alguém me deve mais uma cocada de côco.

Benzinho coloca as peças sobre a mesa.

BENZINHO
Desse jeito, não vou comer nunca.

DUDA
Quer ir outra?

BENZINHO
Por hoje, já deu.

Duda começa a guardar as peças de dómino dentro de uma caixa.

DUDA
Já tá na hora de seu banho.

Uma EMPREGADA DE BENZINHO (40) ENTRA.

EMPREGADA DE BENZINHO
Duda, seu primo tá aí na frente.

37 EXT. FRENTE DA CASA DE BENZINHO - DIA

Ary e Cícero estão sentados na calçada do passeio da casa.

Um portão grande de entrada da casa se abre automaticamente, Duda SAI atravessando o portão.

DUDA
Tu quer me matar do coração Ary?

ARY
Nega, não reclama que trouxe um açai pra tu.

Segurando um capacete na mão, Ary tira um pote de açai envolta de uma sacola plástica.

Cícero levanta da calçada.

ARY (CONT'D)
Olha, quem chegou hoje.

CÍCERO
Oi, Duda!

DUDA
Iai, Cio.

Segurando o pote de açaí congelado, os dois se cumprimentam apertando as mãos.

DUDA (CONT'D)
Veio passear em Salvador?

CÍCERO
É.

DUDA
Aqui é muito grande, cara.

Cícero e Duda se entreolham.

DUDA (CONT'D)
Não poso demorar..

ARY
Ué prima, tá na hora do final do expediente. Bora nega!

DUDA
Tenho que dá banho em Benzinho primeiro.

ARY
A gente te espera então mulher.

DUDA
Cês tão de moto, Ary.

ARY
Então faz assim nega, tu vai pegar Chico né? A gente vai ropendo e te espera lá em frente do Salão de Dona Pequena.

DUDA
Tá.

ARY
Não custa não.

Duda SAI caminhando em direção ao portão de entrada da casa.

39 EXT. AVENIDA PRINCIPAL - DIA - FINAL DE TARDE

A moto se encontra parada numa avenida.

Cícero se encontra em pé, escorado na moto.

No início da avenida, Duda surge caminhando ao lado de CHICO (5) segurando ele pela mão. Caminhando, ela carrega uma bolsa sobre um dos ombros.

Chico usa uma farda de escola e uma mochila nas costas.

Ary SAI do Salão de Dona Pequena.

ARY

Olha a hora, nega.

Duda e Chico se aproximam.

Chico segura uma estrela feita de papel.

DUDA

Ônibus lotado Ary.

ARY

Oi cheiroso! Cadê o abraço do primo?

Chico abraça Ary.

CHICO

A estrela que eu fiz.

ARY

Vixe que estrela bonita. Ela brilha?

CHICO

Vai brilhar..

Chico levanta o braço e balança para um lado e para outro.

ARY

Linda! Dá um "oi" pro amigo do primo e da mamãe.

CHICO

Oi.

Cícero acena para Chico.

CÍCERO

Qual é seu nome?

CHICO

Chico!

CÍCERO
Quantos anos tu tem?

Chico levanta uma das mãos, mostrando cinco dedos abertos.

Ary entrega uma chave para Cícero.

ARY
A casa é tua, viu Cio? Gente tã
indo, tenho ensaio.

Ary pega o capacete e coloca na cabeça.

ARY (CONT'D)
Depois a gente vê alguma coisa.
Beijo nega! Depois passa lá em casa
pra pegar uns peixes. Tchau
cheiroso!

CHICO
Tchau!

DUDA
Pode deixar, Ary.

Ary liga a moto e SAI.

CÍCERO
Você mora por aqui?

DUDA
Na rua de baixo.

Os três começam a caminhar em silêncio, entrando numa rua.

40 EXT. RUA DA CASA DE DUDA - DIA - FINAL DE TARDE

Duda caminha segurando a mão de Chico.

Cícero caminha ao lado dos dois.

CÍCERO
Encontrei com tua avó lá no povoado
esses dias, mostrou uma foto de
Chico.

DUDA
Saudades de voinha.

CÍCERO
Ela gosta muito dele.

DUDA
Sim.

CÍCERO
Não sabia que tu tinha tido ele.

DUDA

Tem um bom tempo que a gente não se fala.

CÍCERO

É. Já teve época de mandar mensagem pra tu.. Mas não me respondia.

DUDA

Perdi aquele número.

Os dois ficam em silêncio, enquanto continuam a caminhar.

CÍCERO

Como tem sido as coisas aqui?

DUDA

Tô pensando em voltar pro Povoado.

CÍCERO

Não tá gostando daqui?

DUDA

Não é isso...

Chico avista uma pipa voando.

CHICO

Olha mãe! Bora soltar pipa.

DUDA

Mainha tá cansda, Chico.

Os três caminham em silêncio.

Chegando próximo de casa, SANDRA (50) está com os pés descalço, brincando de partida de futebol com um grupo de crianças.

Chico começa correr em direção a Sandra e o grupo de crianças.

DUDA (CONT'D)

Espera, filho. Não corre não.

CHICO

Brincar mais Vó.

Chico corre em direção a Sandra.

Sandra pega Chico no colo.

SANDRA

Chegou o maior artilheiro do Bahia.

Sandra coloca Chico no chão.

Ela titubea para um lado.

Duda para em frente de casa, ao lado de Cícero.

A porta da casa de Duda se encontra aberta.

Duda e Cícero observa Sandra e Chico jogarem bola com outras crianças na viela.

Sandra corre atrás da bola.

Chico corre também.

CRIANÇA 1
Espera baixinho.

CRIANÇA 2
Perai, tá jogando em qual time?

CRIANÇA 3
Deixa terminar essa aqui primeiro.

Sandra pega Chico no colo e SAI com ele do meio das crianças.

CRIANÇA 1
Vai jogar mais não, Sandrão?

SANDRA
Na outra a gente vai.

Sandra caminha em direção a Duda, trazendo Chico no colo.

Sanda titubea por um lado.

SANDRA (CONT'D)
Nair me deu umas mantas. Trouxe ai,
tu escolhe as que tu quer.

DUDA
Tá. Esse é Cícero.

SANDRA
Oi.

DUDA
Minha mãe.

CÍCERO
Acho que lembro dela, lá no
povoado.

Sandra ri.

SANDRA
É mesmo? Não lembro de tu não.

DUDA
Se não bebesse tanto, talvez
lembrava.. Olha só pro seu estado
mãe.

SANDRA
Eu vou parar fia.

Uma poça de água escorre da porta da casa de Duda.

DUDA
E essa água saindo de casa?

SANDRA
Fui lavar os joelhos, fia.. A torneira do banheiro fechou não.

DUDA
Tu quebrou isso de novo, mãe? Olha, vai embora.

SANDRA
Mas fia, o negócio..

SANDRA (CONT'D)
Por favor, vai embora pra sua casa. Que saco!

Sandra vira as costas e SAI descendo a viela.

CÍCERO
A gente pode se ver mais tarde?

DUDA
Não.

CÍCERO
Tá bem. Até mais. Tchau, Chico!

CHICO
Tchau.

Duda e Chico ENTRAM dentro de casa.

41 INT. CASA DE ARY - QUARTO - NOITE

Ambiente com uma cômoda e uma cama de solteiro.

Em cima da cama, a caixa de som se encontra ao lado de algumas fitas cassetes.

Em pé na janela, Cícero coloca um cigarro na boca e acende.

Ele traga e joga a fumaça para fora.

Da janela, Cícero observa a chuva que cai lá fora.

Em seguida, Cícero caminha até as bolsas que trouxe na viagem, ele abre uma delas tirando o porta-retrato com a fotografia antiga dele, Jana e Peu.

Cícero segura o porta-retrato, deixando em seguida em cima da cômoda.

Ele senta na cama, onde a caixa de som se encontra ao lado de algumas fitas cassetes.

Cícero tira uma fita da caixa de som. Ele pega uma outra, tira o envelope e coloca dentro da caixa de som.

Ele aperta um botão.

MARIA APARECIDA (V.O.)

Minha princesa, espero que o seu natal tenha sido muito lindo (tosse). Peço desculpas por não ter conseguido te mandar um recado no último mês. Sua mãe pegou uma infecção e teve que ficar internada em um hospital por aqui. No início, sentia tantas dores minha filha, eu não conseguia ficar em pé direito, nem comer. A médica recomendou total repouso. Meu Deus, eu não via logo a hora de poder voltar para casa. Durante esses dias, Elza me ajudou tanto princesa... Estou me recuperando. No final desse mês, tu já vai fazer dezoito anos... Como o tempo passa rápido minha filha. Parece que foi ontem a sua primeira morada dentro de mim.. Quando quiser, escreva uma carta. Mande notícias suas daí minha pequena Jana. Sua mãe vai se recuperar, tá bem? Te amo, princesa.

Cícero fica paralisado tragando o cigarro de forma pensativa.

42 INT. METRÔ - DIA

Cícero se encontra sozinho, sentado em um dos bancos dentro do metrô.

O metrô se desloca.

43 EXT. FRENTE DA CASA BRANCA DE GRADE - RUA - DIA

Cícero em pé diante do portão de grade, bate palmas.

Um HOMEM DE MEIA IDADE (35) abre a porta de acesso a sala.

HOMEM DE MEIA IDADE

Pois não?

CÍCERO

Boa tarde! Cida, se encontra?

HOMEM DE MEIA IDADE
 Quem gostaria de falar com ela?

CÍCERO
 Diga que é Cícero.

Uma MENINA (10) aparece e fica na porta ao lado do Homem de Meia Idade.

HOMEM DE MEIA IDADE
 Vou chamar sua mãe.

O Homem de Meia idade SAI.

A Menina fica na porta em silêncio observando Cícero.

Cícero observa a Menina parada na porta.

O Homem retorna ficando ao lado da Menina.

CIDA (28), usando saia longa e cabelo preso, atravessa a porta da sala.

CIDA
 Boa tarde!

CÍCERO
 A senhora se chama Maria Aparecida?

CIDA
 Sou eu mesmo, porque?

CÍCERO
 Não. Acho que me enaganei. Desculpa
 ai!

Cícero SAI.

Cida fica parada ao lado do Homem de Meia Idade e da Menina.

44 EXT. PRAIA DA GAMBOA - DIA

Sentado sozinho em meio as pedras da praia, Cícero contempla o mar da Baía de Todos os Santos.

Segurando o celular na mão, ele ouve música instrumental.

Cícero observa o horizonte do mar.

45 EXT. FRENTE DA LOJA DE ÁQUARIO - RUA - DIA

Cícero se encontra em pé escorado na parede, com uma pasta debaixo do braço.

Pessoas e carros passam transitando pela rua.

Cícero observa a rua.

No mesmo passeio ANA (63) caminha puxando um carrinho de fazer compras na feira, cheio de panos de prato.

Ela segura alguns panos na mão.

ANA

Bora minha gente, três por dez.

Ana se aproxima de Cícero.

ANA (CONT'D)

Ué, Cio. É tu menino? Tá aqui em Salvador?

CÍCERO

Bença, tia.

ANA

Deus te abençõe. Tá passeando menino?

CÍCERO

Decidi passar um tempo aqui.

ANA

Tomei um susto menino... A última vez que te vi foi no velório do seu avô... Olha que já tem anos viu.. Tu tá um homão! Tá aqui desde de quando?

CÍCERO

Amanhã faz uma semana.

ANA

Ué, Cio. Vai lá em casa menino.. Conhecer a casa da tia, tomar um cafezinho..

CÍCERO

Pode deixar, vou lá sim.

ANA

Se quiser ir almoçar, também pode ir.. É só me ligar, que eu te passo o endereço. Tu tá ficando onde?

CÍCERO

Na casa de um amigo na Gamboa.

ANA

Ô, se quiser ir lá pra casa menino, as portas estão abertas.. Sabe que a gente não tem essas coisas né..

CÍCERO
Valeu demais, tia.

ANA
Teu irmão deve tá um rapazão..
Lembro de vocês tudo.. Fiquei
sabendo da morte da sua mãe esses
tempos aí, só não consegui ir lá
menino.

CÍCERO
É.

ANA
Mas é assim mesmo.. Deus sabe de
todas as coisas. Ele faz o que
quer. É Deus que toma conta dos
nossos caminhos e da gente.

Cícero fica em silêncio.

ANA (CONT'D)
Te espero lá em casa viu, Cio?

CÍCERO
Vou lá sim. O telefone é o mesmo?

ANA
É o mesminho. Precisando de
qualquer coisa pode ligar..

Ana tira um pano de prato e entrega para Cícero.

ANA (CONT'D)
Ô, pra tu levar pra casa do seu
amigo.

CÍCERO
Precisa não, tia.

ANA
Oxente, menino. É uma lembrancinha.

CÍCERO
Obrigado tia.

ANA
Vou rompendo menino, que o dia só
tá começando.

CÍCERO
Tchau.

ANA
Te espero lá!

Ana SAI caminhando no passeio, empurrando o carrinho.

ANA (CONT'D)

Bora minha flor, três por dez.

Cícero segura o pano de prato entre as mãos, observando a estampa e a frase no tecido:

"EU E A MINHA CASA SERVIMOS AO SENHOR".

Cícero coloca o pano de prato dobrado, dentro da pasta.

46 INT. LOJA DE ÁQUARIO - DIA

No ambiente diversos aquários, peixes e acessórios.

Cícero se encontra sentado numa cadeira, ao lado de Duda.

Os dois estão de frente a Luiza (50) que está sentada numa outra cadeira.

LUIZA

Como tinha falado com Duda. O serviço aqui é mais cuidar da organização geral da loja. Preciso de uma pessoa que venha ajudar nessa parte de atendimento ao cliente e principalmente na manutenção desses aquários. A gente tem todo um planejamento e um trabalho, que vai desde da chegada desses animais, passando pela alimentação, limpeza, procriação, controle de temperatura.. Até chegar na mão do cliente. Você tem alguma experiência na área?

CÍCERO

Nesse ramo, não.

LUIZA

Pois é.. Cícero, né?

CÍCERO

Isso!

LUIZA

Então, Cícero. Isso que me deixa meio assim.. É muita responsabilidade sabe? Qualquer descuido com o manejo desses animais.. É problemático. Talvez a pessoa que eu procuro para trabalhar aqui, ainda não seja você.

Duda arruma a bolsa no ombro.

DUDA

Eu compreendo Dona Luiza, a sua insegurança quanto o fato dele não ter experiência nessa área. Mas... Eu conheço Cícero desde dos meus dezoito anos, quando eu ainda morava lá no interior. Pude conviver uma parte da minha vida com ele no Povoado, antes de vir para cá.

Cícero e Duda se entreolham.

Duda desvia rapidamente o olhar.

DUDA (CONT'D)

Posso te garantir que ele é uma pessoa esforçada, dedicada e vai buscar dá o melhor de si, aqui na loja. Ele acabou decidindo passar um tempo aqui na capital.. E acho que você sabe como é né... Salvador é meio louco. Ele precisa de uma oportunidade de emprego para conseguir se manter por aqui. Foi por essa razão, que indiquei ele pra senhora.

Luiza observa Cícero por um estante.

LUIZA

E como tá seus horários, disponibilidade?

CÍCERO

Estou disponível, senhora.

Luiza fica em silêncio.

LUIZA

Eu confio muito na sua amiga, viu? Ela cuida do meu pai, como nenhuma outra cuidadora conseguiu dá os cuidados e atenção que ele precisa. Meu pai não é nada fácil. Eu e meus irmãos somos muito gratos por ter Duda nesses quatro anos conosco.

CÍCERO

Duda é uma boa pessoa.

LUIZA

Até o momento ainda não apareceu um outro candidato por aqui, ao mesmo tempo que a loja tá precisando. A gente pode ir fazendo um período de teste... Vou tentar te passar algumas coisas, tem uns materiais..

(MORE)

LUIZA (CONT'D)

E vamos vendo se funciona ou não,
para ambos. Pode ser?

CÍCERO

Pra mim tá ok.

DUDA

Muito obrigada Dona Luiza.

Luiza levanta da cadeira.

LUIZA

Te espero amanhã aqui às 9h, tá
bem?

CÍCERO

Combinado.

Luiza SAI.

Duda levanta da cadeira.

Cícero vai atrás de Duda.

CÍCERO (CONT'D)

Nem sei como te agradecer.

DUDA

Faça um bom proveito da
oportunidade. Gente como nós,
infelizmente, eles ainda não
permitem errar.

CÍCERO

Perai, já parou pra pensar, o
quanto isso nos desumaniza? A gente
não precisa buscar ser perfeito o
tempo todo. Pow! Errar é humano!

DUDA

Diga isso a eles!

Duda SAI caminhando em direção a porta de saída da loja.

CÍCERO

Ei, Duda! A Gente pode conversar?

DUDA

Tô no horário de almoço, Cio.
Preciso voltar para o trabalho.

CÍCERO

Porque não responde as minhas
mensagens?

DUDA

Porque não quero!

Duda segue caminhando.

Cícero segue atrás.

47 EXT. FRENTE DA LOJA DE ÁQUARIO - RUA - DIA

Duda conserta a bolsa no ombro e SAI caminhando pela rua.

Parado em frente a loja, Cícero observa Duda caminhando.

48 EXT. FRENTE DA CASA DE ARY - DIA

Cícero e Ary tiram peixes de dentro de baldes com água, colocando numa caixa de isopor com gelo.

Ary pega o pano de prato e seca as mãos.

ARY

Ô nego, achei foi uma gracinha.
Agora meu denço, quando ver isso
aqui, saí debaixo.

CÍCERO

É só um pano.

ARY

Ô homem, é porque tu não conhece a
peça. Ele tá implicando com a cor
da tinta da sala.. Quanto mais, um
pano de prato.

CÍCERO

Cor da sala?

ARY

Eu quero pintar as paredes de
amarelo, colocar umas almofadas
azul.. Uma coisa mais vibrante
nego.. Denço, quer pintar tudo de
cinza e enfiar uns sofás preto.. Vê
se pode uma coisa dessa?

CÍCERO

Entendi. Vai colocar apenas esses
aqui?

ARY

Tem oito aí dentro... É isso mesmo.
Foi o que Dona Raquel pediu.

Ary pega a tampa da caixa de isopor e fecha.

ARY (CONT'D)

Tô indo lá, homem.

Ary pega a caixa de isopor e coloca sobre as costas.

Ele SAI caminhando pela rua.

Cícero pega os baldes e joga as águas no canto da parede, juntando um balde no outro.

Ele seca a mão no pano e depois senta na porta de casa.

Cícero tira o celular do bolso.

No navegador de pesquisa da web, ele digita as palavras:

“MARIA APARECIDA SILVA SANTOS”

Na pesquisa ele não encontra nada que possa ajudá-lo.

49 INT. CASA DE ARY - QUARTO - DIA

Segurando a caixa de som na mão, Cícero coloca algumas pilhas/baterias, na parte de trás.

Ele pega uma fita cassete, coloca dentro da caixa de som e aperta um botão.

MARIA APARECIDA (V.O.)

Minha princesa, hoje acordei tão feliz. Só não estou ainda mais feliz, porque você não tá aqui comigo. Ontem foi dia de Carnaval e tava tudo tão colorido e iluminado. Tinha tanta gente alegre e pintada nas avenidas.

50 EXT. PELOURINHO - DIA

Cícero caminha descendo uma ladeira do pelourinho.

Ele segura a caixa de som em uma das mãos, enquanto usa fones de ouvidos.

MARIA APARECIDA (V.O.)

Era música pra todos os lados. As pessoas corriam atrás dos trio elétrico, pulavam e dançavam. É um espetáculo, minha filha. No final da tarde a gente entrou em um barzinho.. Como é o nome do lugar?

ELZA (V.O.)

Pelô.

MARIA APARECIDA (V.O.)

Isso. Quando a gente chegou tinha uns tocador. Eles terminou de cantar, mas o povo queria mais. Eles já estavam cansado..

(MORE)

MARIA APARECIDA (V.O.) (CONT'D)
 Foi aí que eu subi no palco e
 comecei a cantar.

Ele aperta um botão da caixa de som.

Cícero para em frente a um bar e ENTRA.

51 INT. BAR DO PELÔ - DIA

Algumas pessoas estão sentadas em cadeiras.

Cícero caminha até o balcão, em direção a DONA DO BAR DO PELÔ
 (50).

CÍCERO
 Boa tarde! A senhora conhece alguma
 cantora da década de oitenta, que
 tem o nome de Maria Aparecida?

DONA DO BAR DO PELÔ
 Oh, meu fi.. Passa tanta gente, por
 aqui. Eu lá vou lembrar quem é essa
 mulher?

52 EXT. RUAS DO BAIRRO RIO VERMELHO - DIA - FINAL DE TARDE

Cícero caminha pela rua, com os fones de ouvido e segurando a
 caixa de som.

MARIA APARECIDA (V.O.)
 Meu Deus, foi umas das melhores
 sensações que já pude sentir até
 hoje. Enquanto eu cantava, parecia
 que eu voava entre aquelas pessoas
 que vibravam alegres na minha
 frente. Não demorou muito e a gente
 foi pra outro bar, no Rio Vermelho,
 onde também cantei. As pessoas
 arrastaram as mesas e as cadeiras
 para um canto, e dançavam,
 dançavam. No final da noite, o dono
 pediu que eu voltasse hoje para
 tocar de novo, com direito a cachê.

Cícero ENTRA em um bar.

Cícero SAI do Bar.

MARIA APARECIDA (V.O.)
 Ele ainda me disse, que se eu
 quisesse eu poderia cantar ali todo
 final de semana. Eu tô tão feliz
 minha filha. Acho que agora
 finalmente as coisas estão
 começando a dar certo por aqui.
 (MORE)

MARIA APARECIDA (V.O.) (CONT'D)
 Acredito que irei conseguir outras
 oportuidades.

Cícero ENTRA em um segundo Bar.

53 INT. SEGUNDO BAR DO BAIRRO DO RIO VERMELHO - FINAL DE TARDE

Cícero caminha até o caixa.

Um RAPAZ DO CAIXA (40)

CÍCERO
 Boa tarde! Você conhece alguma
 cantora com o nome de Maria
 Aparecida?

RAPAZ DO CAIXA
 Tem uma garçõete aqui com esse
 nome... Não sei se ela canta. Oh,
 Maria!

MARIA (50) ENTRA travessando a porta.

RAPAZ DO CAIXA (CONT'D)
 A senhora canta?

MARIA
 É ruim viu. Não levo jeito pra
 essas coisas.

Cícero SAI do segundo bar.

54 EXT. RUAS DO BAIRRO RIO VERMELHO - NOITE

Cícero continua a caminhar pela rua.

MARIA APARECIDA (V.O.)
 Te digo tudo isso, porque quero que
 você conheça quem é sua mãe de
 verdade. Mesmo que as vezes até eu,
 tenho medo do que você pode a vir
 pensar de mim.. Quero que saiba que
 eu te amo muito viu princesa? Tenho
 fé que um dia Jana, você vai vim
 morar aqui comigo. E seremos ainda
 mais felizes! Ainda mais completas.
 Seremos radiantes como as noites de
 Carnaval que acabo de te dizer. Te
 amo.

Cícero caminha pela rua.

56 INT. ESTAÇÃO DO METRÔ - NOITE

Algumas poucas pessoas se encontram na estação.

Cícero se encontra sentado em umas das cadeiras.

Cícero avista um cartaz colado.

Ele se aproxima do cartaz, onde encontra as palavras estampadas:

“AUDIÇÃO DE SELEÇÃO DE BAILARINOS PARA COMPANHIA DE DANÇA”

Cícero fica alguns estantes encarando o cartaz.

Com o celular em mão, ele tira uma foto do cartaz.

57 INT. BAR DE SHOW DE DRAG QUEEN - NOITE

No ambiente várias cadeiras e mesas espalhadas pelos cantos. Em algumas, garrafas de cervejas e copos. Algumas pessoas estão sentadas, outras se encontram em pé.

Sob uma luz azul fraca, ela ilumina e preenche timidamente o ambiente.

Ao fundo, um pequeno palco tendo em suas laterais cortinas. No alto, alguns refletores suspensos que iluminam o palco vazio.

Cícero ENTRA.

Ele senta numa cadeira ao lado, diante de uma mesa vazia.

Cícero tira a mochila das costas.

No palco, os refletores mudam a tonalidade da luz.

As cortinas se abrem.

Ary surge no meio do palco, usando o vestido azul e montado de Drag Queen.

SOM de palmas e assobios.

Ary faz um performance dublando a música:

FEELING GOOD - sob a voz de NINA SIMONE.

Ao final da apresentação, todos aplaudem.

59 EXT. FRENTE DO BAR DE SHOW DE DRAG QUEEN - NOITE

Escorado em um poste, Cícero fuma um cigarro.

Carros e motos estão parados e espalhados em frente ao bar. Ao lado, algumas pessoas se encontram em grupo, interagindo uma com as outras.

Sozinho, Cícero fuma.

Ary surge puxando DENG0 (28) pela mão, rapaz de tranças rosas e cílios nos olhos.

ARY

Nego, até que enfim que tu veio
conhecer La Mama Be.

CÍCERO

Parabéns, La Mama Be.

Cícero abraça Ary.

ARY

Esse é Dengo, meu amorzinho
complicado, da minha vida.

CÍCERO

Seu nome é?

DENG0

Carlos Daniel, mas ninguém me chama
pelo nome.. Geralmente é Dan.

ARY

Já eu, chamo Dengo.

CÍCERO

Prazer, Dan.

ARY

É com esse bendito, que vou morar
junto daqui uns meses nego. Oh,
Cio! Tu bem que podia ser nosso
padrinho de casamento homem.

CÍCERO

Tô a sua disposição.

ARY

Pronto. Vou ali falar com o povo,
daqui a pouco a gente entra pra
tomar umas breja.

CÍCERO

Tô um pouco cansado.

ARY

Oxe, nego. Fica mais um pouco.

Cícero fica em silêncio.

ARY (CONT'D)
Enfim, tu que sabe. A chave tu sabe
onde fica.

Ary sai puxando Dengo pelo braço até um grupo de pessoas.

Cícero fuma o cigarro sozinho.

Ary e Dengo trocam carinhos, afeto e beijos, enquanto conversam com o grupo.

Observando Ary e Dengo, Cícero fuma.

60 EXT. RUA DA CASA DE DUDA - CASA DE DUDA - NOITE

Cícero caminha pela rua.

Ele bate na porta da casa de Duda.

Por um instante, Cícero não tem nenhuma resposta.

Em seguida, Duda abre a porta aos poucos.

DUDA
O que cê tá fazendo aqui, Cio?

CÍCERO
Queria te ver, conversar.

Ela observa Cícero por um tempo. Em seguida, Duda atravessa a porta, sentando na calçada da casa em silêncio.

Cícero tira a mochilha das costas e senta ao lado dela na calçada.

Os dois ficam em silêncio por um instante.

DUDA
Tá, o que cê quer?

CÍCERO
Agradecer lá por hoje.

DUDA
Beleza! Tu já me disse isso de manhã.

CÍCERO
Tu tem raiva de mim?

DUDA
Assim.. Raiva é uma coisa forte.
Não sei o que eu sinto.

CÍCERO

E porque tu nunca quiz falar comigo, desde que veio pra cá?

DUDA

Eu gosto de viver o presente, Cio.

CÍCERO

Mas tu ainda tem mágoas?

DUDA

Em oito anos, muita coisa se passa pela gente. Algumas vezes, já senti pena de você.

CÍCERO

Pena?

DUDA

É. Tu é talentoso bicho. Deixou de viver.. Conquistar outros lugares.. Hoje você tem quase trinta anos, quem é Cícero?

CÍCERO

Minha mãe morreu, Duda.

Duda levanta e SAI correndo em direção a porta.

Ela ENTRA dentro de casa e fecha a porta.

Cícero permanece sentado sozinho na calçada, entristecido.

61 INT. METRÔ - DIA

Cícero se encontra sentado em uma das cadeiras, enquanto o metrô se movimenta.

Ele segura a mochila na parte da frente, de onde sai o fone de ouvido.

MARIA APARECIDA (V.O.)

Querida filha, há duas semanas que eu e Elza viemos para o Rio de Janeiro passar um tempo. Em Salvador os show tiveram uma queda e um grande amigo nosso, nos convidou para experimentar tocar por aqui. No Rio as coisas também não andam muito fácil, a inflação vem aumentando de forma absurda.. Até agora, só consegui fazer uma apresentação. Não sei até quando irei ficar.. É tudo tão cheio. Se alguém me perguntar como andam as coisas por aqui, irei mentir que está uma maravilha.

(MORE)

MARIA APARECIDA (V.O.) (CONT'D)

Não gosto que me olham com o ar de fracassada.. Se mentir for preciso, eu minto. Sinto que as coisas vão melhorar nos próximos dias.. É só questão de tempo. Mande notícias suas minha filha! Te amo.

62 INT. LOJA DE AQUÁRIO - DIA

Cícero caminha pelos corredores da loja, segurando uma prancheta e uma caneta.

No corredor inúmeros aquários de tamanhos diversos, repletos de diferentes peixes.

Caminhando em meio ao corredor, Cícero passa entre os aquários fazendo anotações na prancheta. Ele observa os peixes.

Ao final do corredor, Cícero encontra um aquário com uma pequena tartaruga.

Cícero observa a tartaruga dentro do aquário.

63 EXT. PRAIA DA GAMBOA - DIA - FINAL DE TARDE

Cícero coloca a caixa de som entre as pedras da praia.

Ele conecta o celular na caixa de som.

SOM de música clássica instrumental começa a tocar.

Com os pés na praia, Cícero faz algumas poses e passos de balé. Tendo ao fundo o mar, céu e sol.

64 INT. CASA DE TIA ANA - SALA - DIA

Ambiente popular e simples.

Numa parede vários quadros com retratos dos mais diversos, contendo fotopintura, fotos em preto e branco, além de algumas fotografias contemporâneas.

Cícero se encontra parado em pé, diante da parede de retratos.

Cícero observa as fotografias.

Ana ENTRA.

ANA

Aí é tudo parente menino.

CÍCERO

Muita foto tia.

ANA

Todo mundo. Dos netos, afilhado, noras, meus pais... Tem uma de vocês aí também, de quando eu ia lá em Cabeceiras ver a famílias suas.

Ana se aproxima da parede.

ANA (CONT'D)

Aqui, ô.

Cícero toca na fotografia.

Na fotografia, Cícero tem onze anos e se encontra sentado em um sofá, ao lado de Jana que segura seu irmão Peu nos braços, do lado, seu avô Juvino.

Os quatros se encontram enquadrados na fotografia.

ANA (CONT'D)

Seu avô, tua mãe, você e teu irmão.
.. Tenho aí ô, tudo comingo.

Cícero obseva a fotografia por um estante.

ANA (CONT'D)

Oh, Cio acabei de passar o cafezinho.

65 INT. CASA DE TIA ANA - COZINHA - DIA

Cícero se encontra sentando diante de uma mesa grande com cadeiras envolta. Na mesa, xícaras de café e algumas vasilhas.

Ambiente simples e mobiliado.

Ana coloca uma garrafa de café na mesa, trazendo um pote de biscoitos avoador.

ANA

Bota ai pra tu menino. Olha, tem leite nessa vasilha.

Cícero serve o café para si, colocando um pouco de leite.

Ana senta na mesa, servindo o café para ela mesma.

ANA (CONT'D)

Tomara que Junin chega a tempo pra ele te ver.

CÍCERO

E seu Lourival?

ANA

Junin tá trabalhando com o pai,
menino.

CÍCERO

Ele é o mais velho?

ANA

Não, Cio.. O mais velho dos homens
é Fabão. E Leitícia, é a mais velha
das meninas.

CÍCERO

Ah, sim.

ANA

Mas tá tudo bem. Graças a Deus,
Junin agora tá indo pra igreja. Tão
ai.

Cícero come o biscoito avoador.

ANA (CONT'D)

Tá gostando da cidade?

CÍCERO

Por enquanto, sim.

ANA

É menino tem muita coisa.

Cícero fica em silêncio por um estante.

CÍCERO

Tia, a senhora lembra da minha avó?

ANA

Cê fala a mãe de sua mãe?

CÍCERO

É.

ANA

Lembro pouco, menino.

CÍCERO

Quem era ela?

ANA

Ela era uma mulher desnaturada, aí
sem prumo, desviada.. Não era flor
que se cheire não.

CÍCERO

Porque meu avô nunca falava dela?

ANA

Misericórdia menino, meu irmão Juvino tinha tanta raiva, que não suportava nem ouvir o nome dessa mulher.

CÍCERO

Mas, porque?

ANA

Ué, ela fez muito o seu avô sofrer quando ele descobriu a traição dela... Era mulher sem juízo... Casou com ele, vivia lá na igreja, teve tua mãe e antes mesmo dela completar seis anos, teu avô descobriu esse caso.. Foi uma confusão esse negócio menino, aí mesmo os dois se separou.

CÍCERO

Minha mãe, ficou com ele?

ANA

Foi. Teu avô ficou com a guarda...Não tinha condição não, a mulher era perdida.

CÍCERO

Tem notícia dela hoje?

ANA

Muito tempo que vi. A última vez, ouvi dizer que tava no Rio.

66 EXT. PRAÇA - DIA

Sentado sozinho em um dos bancos da praça, Cícero fuma um cigarro de modo pensativo.

Pessoas transitam passando de um lado para o outro.

Cícero observa em silêncio a praça, enquanto traga o cigarro.

Cícero tira o celular do bolso, encontrando uma mensagem de Duda.

"OI"

Cícero digita.

"OI"

67 EXT. PRAIA DA GAMBOA - FINAL DE TARDE

O sol se põe na praia. Duda se encontra sentada na ponta de uma passarela de concreto, de frente para o mar.

Cícero está sentado ao lado de Duda.

Os dois observam o mar em silêncio.

DUDA

Acabo falando demais pelos cotovelo.

CÍCERO

Tudo bem.. Esquenta cabeça com isso não.

Cícero e Duda permanecem contemplando o mar.

Duda repousa uma de suas mãos, sobre uma mão de Cícero que se encontra em cima da perna dele. Ela entrelaça os dedos na mão de Cícero.

Duda aperta a mão de Cícero contra a sua.

Cícero aperta a mão de Duda.

Ela descansa a cabeça em um dos ombros de Cícero.

68 INT. CASA DE DUDA - QUARTO DE DUDA - AMANHECER - DIA

Ambiente simples composto por cama e guarda-roupa.

Em uma dos cantos, uma janela aberta onde entra um vento, que sopra timidamente as cortinas na parede.

Cícero e Duda se encontram deitados de conchinha na cama, sem roupas e dormindo profundamente.

O sol adentra pela janela iluminando os dois.

Duda começa acordar, movimentando as mãos pelo rosto.

Cícero começa também acordar, ele beija rapidamente o pescoço de Duda.

Duda pega o celular numa mesa ao lado da cama.

Ela olha para a tela do celular.

Duda levanta da cama se enrolando em um lençol.

Ela caminha até uma mesa e abre uma bolsa. Duda tira de dentro uma cartela de comprimido e uma garrafa de água pela metade.

Ela pega um comprimido, coloca na boca e ingere um pouco de água.

Deitado na cama, Cícero observa ela tomar o medicamento.

69 INT. CASA DE DUDA - BANHEIRO - DIA

Chico se encontra sentado dentro de uma vasilha grande com água e sabão.

Agachada ao lado, Duda passa o sabão em Chico.

Com um boneco na mão, ele brinca na água.

DUDA
Pronto, bora?

CHICO
Não mãe. Deixa eu ficar mais um pouquinho aqui.

DUDA
A gente tem que ir Bê.

CHICO
Só um pouquinho.

Chico brinca com o boneco na água.

Duda escora na parede, observando Chico brincar dentro da vasilha.

70 INT. CASA DE DUDA - SALA - DIA

Duda está sentada na ponta do sofá, penteando o cabelo de Chico. Ele se encontra sentado em um banco de madeira usando farda da escola e segurando um celular na mão, enquanto joga.

Duda passa o pente gafo entre os fios de cabelo de Chico.

Cícero coloca uma frigideira com ovos na mesa.

CÍCERO
Café tá na mesa.

DUDA
Vai Chico, termina lá pra a gente ir pra escola.

CHICO
Perai.

DUDA
Se tu não for, mãe não deixa mais jogar.

Chico coloca o celular em cima do sofá.

Duda abaixa o rosto e beija o cabelo de Chico.

Chico levanta e caminha até mesa, sentando numa cadeira.

Sob a mesa pão, biscoito, frigideira com ovos e uma garrafa térmica de café. Ao lado, uma tarefa de escola com um lápis.

CÍCERO
Vai lá se ajeitar.

DUDA
Tamos tão atrasado.

CÍCERO
Eu ajudo ele terminar aqui.

Cícero senta numa cadeira, próxima a mesa.

Chico pega o lápis.

Cícero observa a tarefa escolar sob a mesa.

Duda SAI em direção ao quarto.

CÍCERO (CONT'D)
Falta cobrir essa palavra.

Segurando o lápis na mão, Chico faz a atividade.

CHICO
Assim?

CÍCERO
É.

CHICO
Acabou?

CÍCERO
Tem essa última ai embaixo.

Cícero observa a tarefa.

CÍCERO (CONT'D)
Desenhe seu animal de estimação.

CHICO
Como assim?

CÍCERO
Você tem algum cachorro, ou um gato, ou um papagaio?

CHICO
Não.

Cícero observa Chico por um estante.

71 INT. FOYER DO TEATRO - DIA

Diferentes jovens se encontram espalhados pelo espaço.

Alguns usam roupas justas no corpo, enquanto outras, usam o cabelo preso e sapatilhas nos pés.

Uns garotos estão no canto se alogando.

Um grupo de jovens mulheres caminham, atravessando o espaço.

Cícero está sentado em um dos cantos, segurando a mochila entre os braços, sendo o único a estar usando bermuda e tênis.

Acanhando, ele observa as outras pessoas.

72 INT. SALA DO TEATRO - DIA

Sob um piso de madeira, os pés de Chico se encontram juntos, parados, sem nenhum calçado em seus pés.

Cícero está em pé, no meio de uma sala grande usando bermuda e uma camisa não muito adequadas para dança.

Em uma das laterais da sala, três avaliadores se encontram sentados em cadeiras, segurando notebooks e tabletes no colo.

AVALIADOR 1 (40) homem negro, está parado segurando uma caneta nas mãos enquanto observa as roupas de Cícero.

AVALIADOR 1
Bom, quando quiser.

Parado, Cícero abaixa o rosto.

Ele vira o rosto para o lado, acenando com os olhos, para a SONOPLASTA (40).

A luz do ambiente diminuiu, deixando a luz concentrada apenas no meio da sala.

SOM de música instrumental.

Com os pés sob o piso de madeira, Cícero começa a movimentar os pés em meio a uma coreografia de balé.

Cícero dança movimentando todo o corpo em movimentos corporais que exploram braços, pernas e pés, numa dança de balé clássico.

Cícero dança entre planos baixo, mediano e superior.

Em meio a um movimento, Cícero não consegue executar um passo da forma correta. Ele desequilibra um pouco, mas continua a dançar.

Ao final da apresentação, Cícero termina encarando os avaliadores.

AVALIADOR 1 (CONT'D)

Cícero?

CÍCERO

É.

AVALIADOR 1

Onde você aprendeu a dançar?

CÍCERO

Lá no interior.

AVALIADOR 1

Tu é de onde?

CÍCERO

Sou de um pequeno povoado que pertence a Conquista.

AVALIADOR 1

Eu sou do extremo sul baiano. Tu dança a quanto tempo?

CÍCERO

Comecei na escola, lá no povoado. Era pivete, seis anos, e a gente tinha aula de balé depois do recreio. Fiquei até os meus treze.

Avaliador 1 para por um tempo em silêncio, observando Cícero.

AVALIADORA 2 (50) tira os óculos do rosto.

AVALIADORA 2

Se eu entendi certo.. Você dançou até os treze. É isso? Perai.. O que te trouxe aqui, rapaz?

CÍCERO

Na época de moleque, queria ser bailarino...

AVALIADOR 1

E porque tu parou?

CÍCERO

Mainha descobriu e disse que essas coisas eram de menina. Mudei de escola e o novo colégio não tinha aula de balé.

Os Avaliadores ficam por um estante em silêncio.

CÍCERO (CONT'D)
Tentei voltar fazer balé depois do
dezoito, mas o lugar de onde eu
vim, não tinha mais essas coisas.

Os avaliadores começam a digitar informações no tablete.

Avaliador 1 permanece observando Cícero.

AVALIADOR 1
Bom, qualquer coisa a gente entra
em contato. Obrigado, Cícero.

Cícero SAI.

O Avaliador 1 permanece na mesma posição.

73 INT. CASA DE DUDA - SALA - NOITE

No chão, Chico brinca sozinho com alguns brinquedos.

Sentada numa cadeira diante da mesa, Sandra descasca e corta algumas batatas.

SOM de batidas na porta.

SANDRA
Vê ai Chico.

Chico levanta e caminha até a porta.

CHICO
Quem é?

CÍCERO (V.O.)
Sou eu, Cio.

Chico abre a porta.

Cícero ENTRA, segurando um aquário com uma pequena tartaruga marinha dentro.

CHICO
Uau, que isso?

CÍCERO
Oi, Dona Sandra.

SANDRA
Oi.

CÍCERO
É um bichinho pra você cuidar.

Chico fica parado encarando o aquário.

CHICO

Ele come?

CÍCERO

Ué, Claro. Ele precisa comer,
brincar...

CHICO

Ele cresce?

CÍCERO

Sim, a gente vai aprender.

Cícero coloca o aquário em cima da mesa.

Chico senta numa cadeira diante do aquário.

Duda ENTRA de cabisbaixa pela porta da sala, com uma bolsa no ombro.

Ela senta no sofá cansada.

DUDA

Iai, como foi lá?

CÍCERO

Foi bem.

CHICO

Olha, mãe.

Chico mostra o aquário para Duda.

DUDA

Que lindo.

SANDRA

Deu certo, fia?

DUDA

De novo pensão atrasada. O merda
parece que não aprende.

Duda joga a bolsa no sofá e SAI caminhando em direção ao quarto.

Sandra levanta e coloca as batatas dentro de uma panela que está no fogo.

SANDRA

Daqui a pouco t^ô indo. Tem uma
sopinha aqui, oh fia. Toma um banho
e vem comer.

74 INT. CASA DE DUDA - QUARTO DE DUDA - NOITE

Enrolado entre as cobertas, Cícero dorme de lado, com a cabeça sobre o travesseiro.

SOM de soluço abafado.

Cícero acorda.

Ele encontra Duda encolhida no canto da cama, em meio a lágrimas.

CÍCERO
O que foi?

DUDA
Medo.

CÍCERO
Tá com medo de que?

DUDA
Descobri já alguns dias, que preciso operar o coração. Minha oxum, eu tô com tanto medo.

Cícero abraça Duda, beijando ela em seguida.

CÍCERO
Calma, é só uma cirurgia. Vai dá tudo certo.

Duda descansa a cabeça no ombro de Cícero.

Cícero beija o cabelo de Duda, fazendo carinho com os dedos.

75 EXT. PRAIA DA BARRA - DIA

Bastante ensolado.

Ary e Duda estão sentados um do lado do outro, em cadeiras de praia, na parte da areia.

Duda segura um livro entre as mãos.

Ary está passando água oxigenada nas pernas, com ajuda de uma sacola plástica em uma das mãos. Ao terminar de passar a água oxigenada nas pernas, ele tira a sacola da mão e coloca dentro de um saco de lixo.

Ary pega uma cerveja em lata dentro de um cooler térmico.

Ele abre a lata e começa a tomar a bebida.

Duda abaixa o livro e observa o mar.

Na beira do mar, Cícero ensina Chico a soltar uma pipa.

76 INT. LOJA DE AQUÁRIO - DIA

Sentado de frente do balcão da loja, Cícero toma um pouco de café.

Ele segura em uma das mãos um envelope, prestando atenção nas palavras escritas no verso:

"1985"

Logo, abaixo as seguintes informações:

"REMETENTE: MARIA APARECIDA SILVA SANTOS

Rua L, NÚMERO 1060, BAIRRO DA GLÓRIA, RIO DE JANEIRO - RJ

*

DESTINÁRIO: JANA DOS SANTOS OLIVEIRA

RUA D, 25, Povoado de Cabeceiras - BA"

Cícero segura o envelope pensativo.

77 INT. SALA DE ESPERA DE CONSULTÓRIO MÉDICO - DIA

Algumas pessoas estão sentadas em cadeiras espalhadas pelo espaço.

Em um dos cantos, Cícero e Duda estão sentados.

Duda segura uma pasta com papéis.

CÍCERO

Ela nunca mostrou essas fitas.

DUDA

Talvez tua mãe tivesse mágoas da tua avó.

CÍCERO

E por qual razão?

DUDA

Ué, pelo que aconteceu entre eles. Tua mãe não foi criada pelo teu avô?

CÍCERO

Foi.

DUDA

Pois é, muita coisa envolvida aí.

78 INT. CONSULTÓRIO MÉDICO - DIA

Uma MÉDICA (60) está sentada diante de uma mesa com um notebook.

Sobre a mesa uma pasta com exames, no qual ela segura alguns papéis entre as mãos, enquanto faz uma análise das informações contidas nos exames, em silêncio.

Cícero e Duda estão sentados de frente para a médica.

MÉDICA

Aqui no geral tá tudo ok. Só a hipertenssão continua um pouco alta.

DUDA

Ando tomando os remédios.

MÉDICA

É importante. Recomendo que até o dia da cirugia, tente descansar e repousar bastante. Nada de comida com muito sal, nem gordura.

CÍCERO

É uma cirugia de risco, doutora?

MÉDICA

Procedimentos cirúrgicos no coração em geral, é sempre muito delicado. No caso da senhora Eduarda, a doença autoimune que ela desenvolveu, não nos deixa com outra alternativa.

79 INT. TAXI/CARRO - DIA

Cícero e Duda estão sentados em silêncio no banco de trás do carro.

Enquanto o carro se locomove pela orla, Duda observa o mar pela janela do carro.

80 INT. CASA DE BENZINHO - JARDIM - DIA

Diante de uma mesa Cícero e Duda se encontram sentados em frente a Benzinho e o FILHO DE BENZINHO (40).

FILHO DE BENZINHO

Sem problemas Duda. Podemos fazer dessa forma tranquilamente. A gente atencipa suas férias e depois você fica com a licença.

DUDA
Combinado.

Benzinho gira a cadeira de roda e SAI da mesa indo para o outro lado do jardim.

Benzinho fica em silêncio olhando as plantas.

Duda levanta da cadeira e SAI caminhando até o outro lado do Jardim, indo até Benzinho.

DUDA (CONT'D)
Tá tão calado hoje, seu Benzinho.

Benzinho fica em silêncio por um estante.

BENZINHO
Vou sentir tua falta.

DUDA
Também vou sentir saudades. Mas logo vou tá de volta, pra ganhar as partidas de dominó.

Benzinho fica em silêncio.

Duda abre a bolsa e tira um pequeno pacote embrulhado no papel.

DUDA (CONT'D)
Trouxe pra você.

Duda entrega o pacote para Benzinho.

Benzinho abre o pacote tirando uma cocada de côco.

DUDA (CONT'D)
Isso é pra o senhor parar de reclamar, viu?

Benzinho solta um sorrisinho tímido.

DUDA (CONT'D)
Aproveita que vou ficar fora esse tempo e vê se melhora no dominó Seu Benzinho. Tô cansada de só eu ganhar nas partidas.

Duda ajuda abrir a embalagem da cocada para Benzinho.

81 INT. CASA DE DUDA - SALA - NOITE

Várias fitas cassetes estão espalhas pela mesa, ao lado da caixa de som.

Os envelopes estão empilhados em um dos cantos.

Diante da mesa, Cícero segura apenas um envelope entre as mãos, com um ar pensativo.

Cícero deixa o envelope de lado, pega o cigarro e o isqueiro e caminham até uma janela.

Cícero abre a janela.

Ele acende o cigarro.

Cícero fuma em silêncio.

Duda ENTRA na sala, depois de sair do quarto.

Ela pega uma xícara de chá e senta na mesa.

CÍCERO

Achou o que?

DUDA

As que eu ouvi mais cedo, parecia que ela amava muito a tua mãe.

CÍCERO

Hum. A última fita que ela mandou pra mainha foi em 1985. É também a única que tem o endereço do Rio de Janeiro.

DUDA

O que tu pensa em fazer?

CÍCERO

Sinceramente, hoje não sei.

DUDA

Porque você quer tanto encontrar sua avó?

CÍCERO

Quero saber quem ela é.

DUDA

Ela pode tá morando no Rio.. é uma possibilidade.

CÍCERO

Também já pensei..

SOM de vidro caindo no chão.

82 INT. CASA DE DUDA - QUARTO DE CHICO - NOITE

Sentado no chão, Cícero se encontra agachado juntado os cacos de vidro do aquário.

Duda se encontra em pé segurando uma vasilha com água.

DUDA

Não pode ficar caminhando pra um lado e pro outro com o aquário, Chico.

CHICO

Só queria mudar ele de lugar mãe.

Duda coloca a vasilha com água, tendo a tartaruga dentro em cima de uma cômoda.

DUDA

Agora ele vai ficar aqui.

Cícero coloca os cacos de vidro dentro de uma sacola.

83 EXT. HOSPITAL - DIA

Cícero está em pé numa área aberta, fumando um cigarro bastante pensativo.

SOM de celular vibrando.

Cícero tira o celular do bolso.

Na tela do celular aparece uma notificação de e-mail.

Cícero abre o e-mail.

"PREZADO, INFORMAMOS QUE VOCÊ NÃO FOI SELECIONADO DESSA VEZ PARA INTEGRAR A NOSSA COMPANHIA DE BALÉ. TEREMOS OUTRAS OPORTUNIDADES E SELEÇÕES.

ATENCIOSAMENTE,

EQUIPE DA CIA MOV DE BALÉ"

Cícero guarda o celular novamente no bolso.

Ele apaga o cigarro na parede, jogando o cigarro apagado no balde de lixo.

84 INT. HOSPITAL - QUARTO DE HOSPITAL - DIA

Deitada numa cama usando roupas de hospital, Duda segura o celular entre as mãos enquanto faz uma videochamada com Chico e Sandra.

Ao lado, Ary está sentado costurando uma roupa.

DUDA

Já almoçou filho?

CHICO (V.O.)

Tô balançando mãe.

SANDRA (V.O.)
 Oh, fia. Tá aqui na rede, quer sair
 mais não.

Cícero ENTRA, sentando ao lado de Ary.

DUDA
 A pipa eu deixei na sacola dos
 shorts. Se ele quiser brincar mais
 tarde, é só dá pra ele.

SANDRA (V.O.)
 Pode deixar, fia.

DUDA
 Mãe por favor, nada de bebida?

SANDRA (V.O.)
 Tô bebendo não.

DUDA
 Tu sempre diz isso.

SANDRA (V.O.)
 E por ai? Tá tudo bem?

DUDA
 Tamos aqui só aguardando.

SANDRA (V.O.)
 Que os orixás te proteja, fia.

DUDA
 Axé. Tchau filho! Mãe te ama.

Duda desliga o celular.

Ela observa Cícero sentado em silêncio.

DUDA (CONT'D)
 Cê tá bem?

CÍCERO
 Nada não.

Duda tira o colar de pingente de concha do pescoço, colocando
 numa mesa ao lado da cama.

DUDA
 Ary, pega um copo de água?

Ary deixa a roupa que está costurando na cadeira.

ARY
 Perai, nega. Vou lá buscar.

Ary SAI do quarto.

DUDA

Cio.

Cícero levanta e caminha até Duda.

DUDA (CONT'D)

Deita um pouco aqui.

Cícero deita na beirada da cama.

Ele faz carinho no cabelo de Duda.

DUDA (CONT'D)

Se acontecer alguma coisa cheiro,
deixe Chico sob os cuidados da
minha avó.

85 INT. HOSPITAL - CORREDOR DO HOSPITAL - NOITE

No fundo do corredor, Cícero se encontra encurvado e encolhido na cadeira. Com as mãos no rosto, ele chora.

Ary está escorado na parede, enquanto um MÉDICO (55) se encontra na frente dele.

MÉDICO

Como minha colega já havia informado, infelizmente, ela teve uma parada cardíaca. Tentamos ainda reanimar, tudo... mas ela não respondeu.

O médico abraça Ary.

86 INT. CASA DE ARY - COZINHA - DIA

Sentado sozinho numa cadeira diante da mesa, Cícero está sentado em silêncio.

Ele olha fixamente para a janela na parede, de forma vaga e quase imóvel.

Ele permanece assim por um instante.

Ary ENTRA, caminha até o fogão e coloca uma água para esquentar dentro de uma panela de fazer café.

ARY

Toma um banho negro e come um pouquinho.

Cícero permanece em silêncio.

Ary SAI.

Cícero continua observando a janela de forma vaga e perdida.

87 EXT. PRAIA DA GAMBOA - DIA

Diante das águas, Cícero joga todas os envelopes e todas as fitas cassetes no mar.

Alguns envelopes e fitas cassetes flutuam, enquanto outras começam afundar.

88 INT. CASA DE DUDA - QUARTO DE DUDA - DIA

Cícero se encontra deitado sozinho na cama.

89 EXT. CEMITÉRIO MUNICIPAL - DIA

DOIS COVEIROS terminam de colocar uma tampa numa sepultura em gaveta.

Na tampa, se encontram as palavras:

"EDUARDA COSTA LIMA

* 01/05/1990

+ 18/07/2022 "

Entorno da sepultura algumas pessoas estão em volta. Ary e Dengo se encontram em um dos cantos, junto a Dona Preta que segura um vaso de flor.

Cícero está em meio as outras pessoas.

Os Dois Coveiros SAI.

As pessoas começam a colocar flores entorno da tampa da sepultura.

Cícero aproxima da sepultura e deixa um vaso de flor.

Em silêncio, ele SAI.

90 EXT. EM FRENTE AO CEMITÉRIO - DIA

Escorado na parede, Cícero coloca um cigarro na boca e acende.

Algumas pessoas saem do cemitério.

Dona Preta se aproxima de Cícero.

DONA PRETA

Não sabia que tu vinha pra cá, Cio.

CÍCERO

Tem um tempo que tô por aqui.

DONA PRETA

Quando Ary me disse meu fi, que tu
tava aqui procurando sua avó.. Eu
fiquei lembrando muito dela.

Cícero fica em silêncio.

Dona Preta abre a bolsa, tirando um CD com uma capa de
acrílico.

DONA PRETA (CONT'D)

Toma.

Sem entender muito, Cícero estica o braço e pega o CD com
capa.

Na capa do CD, a imagem de uma mulher negra em seus quarenta
e cinco anos, Maria Aparecida, com o seguinte nome em
destaque:

"IARA".

Cícero observa a capa por um estante.

DONA PRETA (CONT'D)

Quando tua mãe, teve tu. Tua avó
foi lá no povoado pra visitar vocês
meu fi. Mas tua mãe mais teu avô,
mandou recardo que não queria ver
ela não. Que ela podia sumir. Tua
avó ficou muito triste, ela sofreu
muito... Lutou pra ter a guarda da
tua mãe quando criança, mas nunca
conseguiu. Teu avô não deixava ela
ter contato com a filha.. Depois
desse dia, ela nunca mais apareceu
por lá. Na época tua avó deixou
esse CD comigo, e pediu pra que eu
entregasse a tua mãe, caso um dia
ela resolvesse procurar tua avó.
Tentei entregar pra tua mãe, mas
ela não quis não.

Cícero permanece em silêncio, pensativo.

DONA PRETA (CONT'D)

Tua avó não é qualquer mulher não
meu fi... Era mulher que voava.
Lutou contra tudo e contra todos,
pra viver quem ela é. Teu avô que
nunca entendeu o amor que ela tinha
pela minha irmã Elza, paixão de
infância que uma tinha pela outra.

Cícero fica em silêncio.

Ary e Dengo se aproximam de Cícero e Dona Preta.

ARY
Vó a gente tá indo.

Dona Preta caminha em direção a Ary.

ARY (CONT'D)
Nego, Dengo vai levar a gente.
Bora?

Cícero apaga o cigarro.

91 INT. CASA DE ARY - QUARTO - DIA

Cícero coloca o CD em cima da cômoda, ao lado do porta-retrato contendo a fotografia antiga dele com Jana e com o irmão Peu.

Cícero pega o porta-retrato, observando a fotografia.

Segurando entre as mãos, ele observa por um instante.

92 EXT. PRAIA DA GAMBOA - DIA

Cícero está sentado entre as pedras da praia, com o celular no ouvido.

PEU (V.O.)
Meus sentimentos, mano.

CÍCERO
Valeu.

PEU (V.O.)
Tu é louco mesmo viu. Saiu daqui
sem avisar ninguém, Cio. Porra.

CÍCERO
Pensei que ainda tivesse chateado
comigo.

PEU (V.O.)
Senti tua falta mano.

CÍCERO
Também sentir saudades, Peu.

PEU (V.O.)
Poderia ter ligado antes, ou
mandado mensagem.

CÍCERO
E por ai, como andam as coisas?

PEU (V.O.)
Comecei trampando aqui no stúdio,
tô gostando.

CÍCERO

Que legal.

PEU (V.O.)

Cara, a casa que a gente morava desabou. O telhado todo foi pro chão.

CÍCERO

Tem muito tempo?

PEU (V.O.)

Semana passada. Teve uma chuva de vento aqui.

Cícero fica em silêncio por um instante.

CÍCERO

Vivemos tanta coisa nela quando moleque.

PEU (V.O.)

Muita coisa. Mano, tu lembra daquela foto que tem eu, tu e mãe?

CÍCERO

Eu trouxe ela comigo.

PEU (V.O.)

Então, eu tinha o desenho dela aqui. Eu tatuei essa foto nossa no meu peito.

Cícero fica em silêncio por alguns segundos.

CÍCERO

Te amo, Peu.

PEU (V.O.)

Também te amo mano, vê se não some.

CÍCERO

Sempre que puder e precisar, mande notícias.

93 INT. CASA DE DUDA - QUARTO DE CHICO - DIA

Sentado na cama, Chico brinca com alguns brinquedos de forma introspectiva.

Ele balança o braço do boneco para um lado e para o outro.

Ao lado dele, sobre a cama, uma mala de viagem que se encontra aberta.

Enquanto Chico brinca, Dona Preta está em pé tirando roupas do armário e colocando dentro da mala sob a cama.

Dona Preta pega um casaco de lã no armário.

Ela observa o casaco por um instante.

DONA PRETA
Tu gosta dessa roupa, meu fi?

CHICO
Gosto.

DONA PRETA
Esse casaco era da tua mãe, Chico.
É da época que eu criava ela, eu
que fiz.. Ela tinha assim, teu
tamanho.

Dona Preta fica um tempo segurando o casaco.

Ela se emociona.

Em seguida, guarda dentro da mala.

Sandra ENTRA no quarto.

SANDRA
Tá precisando de ajuda mãe?

DONA PRETA
Terminado aqui, Sandra.

SANDRA
Vou colocando nas caixas, então, o
que é pra doar.

DONA PRETA
Pronto minha fia.

Sandra SAI.

Chico permanece brincando em silêncio.

SOM de batidas na porta.

Chico SAI correndo segurando o boneco.

94 INT. CASA DE DUDA - SALA - DIA

Chico e Cícero estão sentados no sofá.

Chico brinca com o boneco.

CHICO
Lá tem campo?

CÍCERO
Tem. É cheio de criança jogando
bola. Vai levar a pipa?

CHICO
Minha biza colocou na sacola.

CÍCERO
Lembrei de uma coisa, Chico.

95 EXT. PRAIA DA GAMBOA - DIA

Cícero e Chico estão de frente para o mar.

Cícero segura a vasilha com água tendo a tartaruga dentro.

Ele tira a tartaruga e entrega para Chico.

Segurando a tartaruga na mão, Chico coloca ela aos poucos no mar.

Chico solta a tartaruga.

Os dois observam a tartaruga nadar e sumir pela as águas.

Em seguida, os dois caminham até as pedras da praia. Cícero e Chico ficam em silêncio por um tempo observando o horizonte.

Cícero tira do bolso o colar com pingente de concha.

CÍCERO
Isso é pra você.

CHICO
O colar da mamãe.

CÍCERO
É pra toda vez que você sentir saudades dela.

Cícero entrega o colar para Chico.

Chico segura o pingente de concha entre as mãos.

Cícero coloca o colar entorno do pescoço de Chico.

96 EXT. RUA - EM FRENTE A CASA DE DUDA - DIA

O carro de Dengo, um automóvel popular, se encontra parado com o porta mala aberto.

Dengo está em pé com a chave na mão, ao lado de Ary que coloca malas e bolsas no porta mala.

Cícero está em pé, ao lado do carro.

ARY
Adianta, Vó. Se não vocês vão perder o ônibus.

Chico SAI de dentro da casa.

Em seguida, Dona Preta SAI.

DONA PRETA
Bora, Sandra.

SANDRA
Tô indo.

DENGO
Tem mais alguma coisa, Dona Preta?

DONA PRETA
É isso aí mesmo, fi.

Sandra SAI fechando a porta.

Ary fecha o porta mala.

ARY
Então, vamos.

Dengo ENTRA no carro sentando no banco de motorista.

DONA PRETA
Fica com Deus, viu Cio? Depois
aparece lá no povoado.

CÍCERO
Pode deixar.

Dona Preta entrega para Cícero um pequeno papel.

DONA PRETA
Caso você queira descobrir mais
sobre sua avó.

Cícero segura o papel entre as mãos.

Ary ENTRA no carro no banco de passageiro.

Dona Preta e Chico ENTRAM no carro, sentando no banco de trás.

SANDRA
Até, Cio!

CÍCERO
Até.

Sandra ENTRA no carro, sentando no banco de trás.

O carro começa a se locomover.

Do vidro traseiro, Chico olha e acena dando um tchau demorado para Cícero, enquanto o carro se movimenta e some pela rua.

Em seguida, Cícero SAI caminhando sozinho.

97 INT. CASA DE ARY - QUARTO - DIA

Em pé diante da cômoda, Cícero recorta com uma tesoura a imagem da avó da capa do CD.

Uma canção interpretada na voz de Maria Aparecida, se encontra sendo reproduzida através do CD.

Cícero cola a imagem da avó na fotografia antiga no qual ele se encontra ao lado da mãe e do irmão.

Ele observa a nova fotografia, tendo agora, quatro pessoas.

98 INT. FERRY BOAT/EMBARCAÇÃO - MAR - DIA

Em pé dentro de um Ferry Boat, Cícero atravessa o mar da Baía de Todos os Santos.

Ele contempla o mar.

99 EXT. RUAS DA ILHA DE ITAPARICA - DIA

Cícero caminha pela rua, observando as casas.

Ele caminha segurando o pequeno papel entre as mãos.

SOM do celular de Cícero toca.

Ele coloca o telefone no ouvido.

CÍCERO

Alô.

AVALIADOR 1 (V.O.)

Opa. Bom dia.

CÍCERO

Bom dia.

AVALIADOR 1 (V.O.)

Cícero?

CÍCERO

Sou eu.

AVALIADOR 1 (V.O.)

Aqui quem fala é Jorge.

CÍCERO

Jorge?

AVALIADOR 1 (V.O.)

Isso. Eu tava como um dos avaliadores da audição que você participou na semana passada.

CÍCERO

Ah, sim.

AVALIADOR 1 (V.O.)

Desde daquele dia, não parei de ficar pensando na sua apresentação. Talvez isso venha soar meio estranho, mas a sua história é um pouco parecida com a minha, ao mesmo tempo bastante diferente. Vim de um lugar sem muitas portas e de uma casa muito repressora.. Fugi de casa aos catorze anos para ir atrás daquilo que eu sonhava.

Os dois ficam em silêncio por um instante.

AVALIADOR 1 (V.O.)

Sei que não foi um dos selecionados para fazer parte da companhia, devido a falta de condicionamento corporal e ausência de preparo físico... Desde então fiquei pensando o que eu poderia fazer.. Foi aí que eu pensei em te oferecer a proposta de vim trabalhar na escola de balé no qual sou um dos sócios.. Claro, você poderia estudar também. Enfim.

CÍCERO

Nossa, muito obrigado Jorge.

AVALIADOR 1 (V.O.)

Manda mensagem para esse número, pra a gente marcar uma conversa com os outros sócios.

CÍCERO

Pode deixar.

AVALIADOR 1 (V.O.)

Tenha um bom dia.

CÍCERO

Igualmente.

Cícero tira o telefone do ouvido.

Ele coloca o celular no bolso e continua andando pela rua.

Cícero se aproxima de uma bar.

Cícero ENTRA.

100 INT. BAR DA ELZA - DIA

Balcão com várias bebidas, sinuca, mesas e cadeiras espalhadas pelo salão.

SOM saindo das caixas de som fixadas nas paredes.

Cícero puxa uma cadeira e senta diante sozinho diante de uma mesa plástica.

MULHER ATENDENTE DO BAR (40), se aproxima da mesa de Cícero.

MULHER ATEDENTE DO BAR
Pois, não?

CÍCERO
Uma cerveja.

MULHER ATEDENTE DO BAR
De seicentas?

CÍCERO
Pode ser.

MULHER ATEDENTE DO BAR
Mãe, traz uma cerveja de seicentas.

A Mulher Atendente do Bar caminha até o balcão.

ELZA (70), ENTRA no salão fumando um charuto na boca e segurando uma cerveja na mão.

Ela pega um copo de vidro no balcão.

Elza caminha até a mesa de Cícero segurando a cerveja e o copo.

ELZA
Bom dia, fi.

Elza abre a cerveja e coloca a bebida no copo.

CÍCERO
Bom dia, senhora. Como você se chama?

Elza tira o charuto da boca.

ELZA
Elza.

Cícero fica observando os olhos de Elza.

Elza fica observando os olhos de Cícero.

Fim.